

LUIZ DE SOUZA

Com a morte, o espírito,
que é eterno, afasta-se
com o seu corpo fluidico

**A MORTE
NÃO INTERROMPE
A VIDA**

EDIÇÃO INTERNET

MORTE NÃO INTERROMPE A VIDA

Luiz de Souza

Versão Internet
da 9ª edição Impressa (1993)

APRESENTAÇÃO

Com a morte, o espírito,
que é eterno, afasta-se
com o seu corpo fluídico.

9ª edição

1993

O vocábulo "morte" é uma impropriedade admitida em todas as línguas, que tem como significado a cessação da vida.

Se considerarmos, porém, que nada morre no Universo, por ser a vida real eterna e não temporária – e a vida real é a partícula da Força ou Inteligência Universal que, quando em acionamento do corpo humano, denominamos espírito – essa cessação nunca se deu, nem jamais se dará.

Erram os que atribuem até mesmo vida inferior à matéria, confundindo a energia física, de que é ela dotada, com a Força Inteligente, em evolução, que organiza corpos e realiza fenômenos, inclusive os de movimento. Não fora a ação da Força sobre a Matéria, e esta se desintegraria, como acontece com os corpos materiais dos animais, quando se rompem os laços fluídicos que lhe transmitem o calor e a vida.

Aqui também é empregado esse vocábulo, em atenção ao seu uso generalizado, mas exclusivamente com o significado de desencarnação, isto é, do abandono do corpo pelo espírito.

Os Editores

ÍNDICE

Preâmbulo.....	1
1. A morte não interrompe a vida.....	6
2. O ponto de partida.....	11
3. O cristianismo prático.....	15
4. O indivíduo.....	20
5. Alma e corpo.....	24
6. O preconceito.....	29
7. O sentimentalismo.....	33
8. As inquietações.....	38
9. Os queixumes.....	43
10. As discussões.....	48
11. A religião.....	53
12. A reencarnação.....	58
13. A lei do retorno ou de causa e efeito.....	68
14. Prepare o seu futuro.....	73
15. Oportunidade que passa.....	78
16. A renovação.....	82
17. Perspectivas reais.....	86
18. Mensagens fraternais.....	91
19. Normas prudentes.....	96
20. Boa formação moral.....	101
21. As aspirações.....	106
22. As influências.....	111
23. A serenidade.....	116
24. A simplicidade.....	122
25. A obediência.....	127
26. A coragem.....	132
27. O dia de finados.....	137
28. O Esperanto.....	142
29. O século XX.....	147
Conclusão.....	158

PREÂMBULO

O Centro Redentor edita, entre outros, um livro denominado “Racionalismo Cristão”, no qual estão condensados os princípios, as bases, os fundamentos da Doutrina espiritualizadora e esclarecedora difundida nessa conhecida Instituição.

É, pois, dessa Doutrina – O Racionalismo Cristão –, tão necessária neste mundo ignorante com relação às coisas do espírito, que tratamos neste livro, para orientar os seres humanos nesta jornada terrena, apontando-lhes o caminho que os poderá conduzir ao bem-estar e ao progresso material e espiritual.

Do mesmo modo que, para não perderem o rumo dos portos aos quais se destinam, os navegantes se utilizam de bússolas e sextantes, também na existência terrena os seres humanos precisam de orientação, a fim de não se desviarem da rota traçada. Essa orientação consiste no esclarecimento sobre a razão da sucessão de viagens que realizam à Terra, uma vez que nenhuma coisa acontece por acaso.

E como as seitas e religiões a que pertencem não lhes ministram esses esclarecimentos, é justo, é natural que procurem outra fonte que lhes possa relatar o motivo de se encontrarem neste labirinto terreno.

Com o conhecimento desse importante pormenor, descerra-se o véu que encobria um fato absolutamente natural, mas tido como grandemente misterioso, relacionado com a encarnação do espírito, que representa a lei fundamental da evolução, aqui tratada com o merecido destaque.

Os assuntos desenvolvidos nas páginas deste livro dizem respeito ao procedimento racional que deverá ser seguido, por basear-se em preceitos espiritualistas – únicos que garantem o êxito na marcha pelos caminhos do mundo.

A lei fundamental das reencarnações está aqui sempre em evidência, pelo destaque que merece, e oxalá possa ela ser bem compreendida pelos leitores, para que a sua vida tenha um significado real, que muito facilitará o desempenho da missão específica de cada um, na Terra.

As obras baseadas no Racionalismo Cristão, enriquecem o acervo literário da cultura espiritualista, tão necessária nos dias de hoje, em que a humanidade atravessa um período dos mais atribulados.

A onda de avassalamento motivada pela influência do astral inferior, que se casa, em extensas áreas de contato, com uma humanidade materializada e sofregamente voltada para interesses de baixas condições morais, é cada vez maior.

As altas esferas de espiritualização que acompanham a evolução neste planeta físico vêm, adotando, aqui e ali, medidas salutareias para evitar que a coletividade se afunde, ainda mais, no charco das ambições egoísticas, e enverede por trilhas contrárias ao bom caminho.

A Doutrina Racionalista Cristã, com a divulgação de seus ensinamentos, pretende dar um novo curso aos acontecimentos, pela revigoração das forças espirituais latentes em cada ser.

A edição deste livro não tem outra finalidade senão chamar a atenção daqueles que o lerem para o seu conteúdo orientador, com o fraternal propósito de contribuir para o bem geral da humanidade, que consiste num melhor entendimento entre os seres e em maior aproveitamento dos atributos espirituais de cada um.

É para a colimação desse ideal que as obras do Racionalismo Cristão se espalham por toda parte, convocando ao cumprimento do dever as almas esclarecidas e desejosas de participar do movimento espiritualizador que se está implantando no orbe, e que tem por berço este grandioso país – o Brasil.

* * *

Quase todos os ocidentais se dizem cristãos, sem terem, na realidade, uma noção, ainda que elementar, do que seja o verdadeiro cristianismo.

A falta de conhecimento da Doutrina Cristã leva as criaturas a deformarem o seu caráter com a prática de atos condenáveis, de graves conseqüências para elas próprias, por ignorarem a lei de causa e efeito.

Por isso, cabe aos que conhecem os males advindos de ações reprováveis, o dever humanitário de alertar, de chamar a atenção para a leitura e o estudo do que se escreve sobre a verdadeira disciplina moral instituída na Terra pelo cristianismo autêntico.

Parece impossível haver alguém que, mesmo sabendo que todo mal que fizer a outrem reverte em seu prejuízo, cometa a loucura de sacrificar os seus próprios interesses, a sua vida futura, as suas melhores aspirações, a um proveito material imediato, mas ilusório e efêmero.

É isto o que está acontecendo a milhões de seres encarnados que, inteiramente descuidados, num estado de semi-inconsciência, preparam

novos surtos de dor para existências futuras, procedendo de maneira condenável, alheios ao retorno inevitável das suas ações vilipendiosas e usurpadoras.

Daí o desejo de que estes escritos conttenham as melhores advertências contra o sofrimento, e possibilitem a todos que os lerem, beneficiar-se do estímulo de uma vontade irmanante, emitida com a melhor das intenções, no sentido de abrir os olhos da alma de quem estiver interessado em viver de acordo com os ensinamentos deixados na Terra pelo Mestre dos Mestres, o tão incompreendido e explorado Nazareno, e consubstanciados por Luiz de Mattos, no Racionalismo Cristão.

Esses ensinamentos têm por fim melhorar as condições de vida no planeta, abolindo o sofrimento supérfluo, que é muito grande, reduzindo a um mínimo as enfermidades, implantando harmonia, paz e entendimento entre os povos, avisando a consciência para o cumprimento ideal de todos os deveres e estabelecendo o domínio da fraternidade e do amor.

Isso, evidentemente, não é querer muito, nem custa mais proceder de forma a que tais objetivos sejam alcançados. Medite-se sobre o que vai pelas obras Racionalistas Cristãs, e reconheça-se, em si consciência, que não é assim tão difícil palmilhar pela estrada que elas desvendam: apenas uma questão de alterar os hábitos, trocando os maus pelos bons – coisa que todos podem fazer, se quiserem.

Caso os estudiosos do Racionalismo Cristão encontrem, nesta e em outras obras publicadas, uma nova orientação para o seu viver cotidiano que redunde numa aplicação racional da moral verdadeiramente cristã, estarão recompensados todos os esforços despendidos com o preparo desses livros.

Não há no Racionalismo Cristão outro empenho maior do que o de beneficiar o ser humano com as luzes do entendimento espiritualista. Este empenho, gracioso e espontâneo, não pede retribuições, não visa recompensas, não quer saber de gratidões.

Siga cada um o seu caminho, fazendo o bem que puder com a ilustração espiritual recebida, sem olhar para trás para rever o que já concedeu. O bem é universal, pertence a todos, e a ninguém caberá doá-lo como se fosse propriedade sua.

Os anos correm com celeridade, enquanto a existência terrena se escoia rapidamente, e não há tempo a perder. Por essa razão constitui quase um privilégio dispormos de um corpo físico para podermos manter-nos na Terra e deixar nela, saldados, os débitos anteriores contraídos.

Para conseguir-se esse auspicioso resultado, urge não medir sacrifícios e preparar-se para reconhecê-los como reparadores; só há um meio de alcançar-se uma visão límpida do que representam, para cada indivíduo, as cenas, um tanto dramáticas, em que se vê envolvido na Terra: é meditar sobre a vida espiritual, penetrar profundamente nos estudos espiritualistas, nos seus ensinamentos e na lógica dos seus argumentos.

O Racionalismo Cristão chamou a si a responsabilidade de produzir livros que versam, exclusivamente, sobre assuntos de ordem espiritual, com o intuito de alertar almas encarnadas para o problema máximo do ser humano, que é o de preparar, com esforço diário constante, além de uma existência futura melhor, o processamento normal da evolução.

Ninguém quer viver uma vida miserável, e, no entanto, milhares de criaturas vivem miseravelmente. Que teriam feito essas almas nas encarnações pregressas, para se projetarem na existência presente em tão lamentáveis condições? Eis o que estudando espiritualismo se aprende, para não se continuar a cair no erro de preparar um tal futuro.

Quem procede bem, quem se orienta corretamente na vida, quem preenche todos os encargos que lhe estão afetos, não pode, de maneira alguma, apresentar-se, em más condições, na encarnação seguinte. É preciso, porém, saber como proceder para serem bem aproveitadas as boas intenções e aplaudidos os bons procedimentos.

É o que apontam, com profusão de pormenores, as obras Racionalistas Cristãs, para que não paire a menor dúvida a respeito da maneira correta de agir.

Não é importante saber se o indivíduo mede os seus passos por uma atitude devocional mecanizada. O que sumamente pesa no seu cabedal espiritual, são as obras que pratica, são as suas ações, o seu comportamento, o seu trato com o semelhante, o seu critério, os seus exemplos, tudo dentro do rigor da moral cristã, numa palavra: a aplicação dos preceitos espiritualistas. Tais ações encerram pontos básicos que o Racionalismo Cristão focaliza, com ênfase, em suas obras, e constituem o corpo e o espírito da sua Doutrina.

Neste livro frisa-se a necessidade de dar-se mais valor às coisas do espírito, no curso da vida terrena, e formula-se um apelo fraternal aos pesquisadores, aos estudiosos libertos de convenções de artifício, aos seres leais e sinceros que não gostem de sofismar, arditamente, e às criaturas de bem, despidas dessa vaidade de se julgarem escolhidas do “Senhor”,

privilegiadas e detentoras de uma pureza ainda não atingida, para que o leiam, e sobre ele meditem.

O que aqui se deseja é reafirmar proposições verdadeiras, sustentadas pelo Racionalismo Cristão, e por ele obtidas através da influência direta do Astral Superior, com a intenção de beneficiar, auxiliar, servir, oferecer e promover a felicidade do caro leitor, companheiro da jornada eterna.

Os Editores

1. A MORTE NÃO INTERROMPE A VIDA

Paira uma dúvida na mente da maioria das pessoas sobre se, na realidade, a vida individual humana prossegue, depois do fenômeno da chamada morte. As crenças religiosas estabeleceram um formulário de fé baseado em escritos vetustos, que asseveram ser a vida eterna. Este ponto fundamental e verdadeiro, mantém de pé as mais variadas seitas e religiões.

Acontece, porém, que, para colorir o painel desconhecido dos sectaristas a respeito do que se passa do outro lado da vida terrena, criaram lendas e fantasias, especulando sobre um céu e um inferno alegóricos.

A vida faz parte integrante da estrutura espiritual de cada ser e, por isso, dele não pode ser retirada. Ninguém, nem mesmo a Inteligência Universal, pode matar, anular, destruir o espírito.

Os seres humanos são espíritos encarnados, e a carne nada mais é do que um invólucro provisório do espírito. A vida do corpo físico lhe é transmitida pelo espírito. Logo, se o corpo físico deixar de receber a vida que o espírito lhe transmite, desintegra-se, mas o espírito continua íntegro e, pois, imortal.

O espírito encarnado ou desencarnado faz parte da contextura da Força Criadora, da qual, em nenhuma hipótese, pode separar-se. Ele evolui com o desabrochar, pelo próprio esforço, dos poderes latentes, intrínsecos e inerentes que possui, e o estágio neste planeta-escola, em corpo astral, lhe oferece os meios apropriados para promover a sua evolução.

Para a conclusão do curso evolucionário neste mundo Terra, são necessárias muitas e muitas encarnações. Sem essas constantes idas e vindas, não ficará o espírito habituado a ascender a mundos de evolução mais adiantada, nos quais terá ao seu dispor os recursos adquiridos nas vidas terrenas, para aplicá-los em campos de ação de maior amplitude.

Assim se vê que a morte não interrompe a vida. Aquilo a que chamamos morte, não passa de um acontecimento comum na rotina da vida eterna. O indivíduo, depois da morte, continua a ser o que era, com mais alguma evolução, se algo fez em favor dessa conquista.

Por isso é que se deve aproveitar a encarnação, ao máximo, não só vivendo o maior tempo possível na Terra, como colhendo os bons ensinamentos que ela pode dar, associados à espiritualidade.

O espírito, enquanto estiver acorrentado à matéria, com a obrigação de reencarnar, para progredir, deve conscientizar-se de sua verdadeira situação, como maneira útil de alçar-se acima das reduzidas limitações terrenas. Quanto maior foi o aproveitamento na Terra, menor será o número de encarnações a realizar e, conseqüentemente, menor também o número de mortes ou desencarnações a suportar.

A verdade resplandece na afirmativa de que a morte marca o término de uma jornada para dar início a outra, mas nunca o fim do que é imortal – a vida.

A vida do espírito é muito mais ativa e intensa quando desencarnado, do que quando em acionamento do corpo físico, em que sofre as influências mais ou menos perturbadoras da matéria, de muitas maneiras, o que se não dá no plano astral.

Com este conhecimento, poder-se-á dizer que a vida se intensifica ou se dinamiza depois que o espírito se liberta das peias ou das injunções terrenas.

O mundo Terra classifica-se como um mundo-escola, um laboratório, uma oficina de trabalho, onde o espírito se esmera, ou deveria esmerar-se na apuração das suas qualidades espirituais latentes.

O espírito, como partícula da Força Criadora, e integrante dela, possui valiosos atributos seus, muitos dos quais ainda involuídos, aguardam o tempo em que se devem manifestar, dentro do processo normal da evolução.

A vida é, pois, um atributo dessa Força e, concomitantemente, do espírito, dele inseparável, não podendo, por essa razão, sofrer qualquer interrupção, como ilusoriamente sugere a desencarnação àqueles que dizem só acreditar na matéria.

Que a morte não interrompe a vida, têm absoluta certeza os que se dedicam ao estudo do espiritualismo, não só pelas evidências resultantes desse estudo, como pela lógica dos fatos relacionados com o cumprimento das leis naturais, eternas e imutáveis, entre as quais se destaca a da evolução.

É estudando que se aprende e, conseqüentemente, não há de ser quem não estuda, não investiga, não analisa profunda e imparcialmente, não procura fontes esclarecedoras, não estabelece cotejos elucidativos, não medita sem paixão, sem se desapegar de idéias preconcebidas, que está em situação de dar lições sobre espiritualidade.

Efetivamente, a vida não pode ser interrompida, mas podem operar-se transformações na matéria das mais variadas formas em que a vida se exterioriza, sem que haja interrupção; mesmo quando deixa de exteriorizar-se num corpo físico, ela continua a manifestar-se num corpo astral correspondente, sem a mais leve intermitência.

O espírito perde, ao encamar, a noção das existências pretéritas, não guardando delas nenhuma recordação. O que não o deixa contemplar o passado e ver-se nas múltiplas encarnações anteriores, é o véu da matéria. Somente quando desta, se desprende e ascende, liberto da toda perturbação, ao seu mundo de luz, recupera, na máxima amplitude, a visão espiritual, não escapando à sua clarividência nenhum fato, nenhuma intenção, nenhum pensamento, nada absolutamente nada, do que tenha feito.

As lições e experiências de uma encarnação, passam a integrar o acervo espiritual do indivíduo, somando-se às das encarnações anteriores, com o que o seu patrimônio espiritual fica enriquecido e alguma evolução é alcançada.

É o pleno reconhecimento de que as reencarnações se sucedem para o espírito, como uma lei inviolável da vida, que faz com que a criatura humana melhor conceba a idéia real da sua imortalidade, como espírito.

O motivo pelo qual o espírito esquece, ao encarnar, todo o seu passado, prende-se a razões de ordem superior, entre as quais a necessidade de não serem reconhecidos os desafetos, possibilitando a reconciliação da vítima com o algoz, e convertendo o ódio em amor.

Esse esquecimento tem, além disso, a vantagem de não continuarem as criaturas dominadas pelo remorso das más ações, inclusive crimes, alguns nefandos, praticados nas anteriores encarnações. O esquecimento do passado representa ainda um bem, por facilitar a destruição das correntes deletérias que as más ações geraram nessas existências.

A desencarnação de alguém que se estima ou ama, que se aprecia ou admira, que se irmana conosco por ligações afins, não pode deixar de ser sentida, pela separação, embora temporária, que ela impõe. Por isso, todos apelam, com justa razão, para os melhores recursos, na tentativa de a evitar.

Uma coisa, porém, é certa: se o véu da matéria não impedisse a visão da vida nos mundos espirituais, haveria total desinteresse do espírito encarnado pela vida terrena, e um permanente anseio de partir deste mundo.

As leis que regem a evolução são tão sábias, que para chegar o ser humano à convicção da inexistência da morte, precisa de exercitar a mente e ativar o raciocínio, lançando mão de todos os recursos da inteligência, para alcançar a verdade. Esta luta em busca de conhecimentos reais, não só ajuda a evoluir, como traz para o espírito a compreensão e o esclarecimento de que ele muito necessita.

O espírito é vida, vida superior, sempre presente onde quer que se encontre. Sem a sua ininterrupta vibração sobre o corpo físico, não passaria este de um objeto inanimado, e inanimado fica, de fato, no momento em que a Força – o espírito – dele se desprende, definitivamente, rompendo os cordões fluídicos que os ligavam, quando, então, tem início o processo de decomposição, passando os elementos que o integravam a compor outros corpos e outras formas de vida.

Mais do que compreender, é preciso sentir essa verdade, para melhor se familiarizar a criatura com a concepção da vida eterna e com a relatividade das precárias e efêmeras condições terrenas. Assim, o que é efêmero, fugaz ou transitório, não pode ter o mesmo valor do que é permanente, atuante e eterno.

Cada existência no plano físico, é um estágio, entre muitos milhares deles, que o espírito faz, no curso da vida eterna. O que tem valor, pois, é a ação que for desenvolvida, por ele no sentido de poder desfrutar das riquezas eternas que tem armazenadas no seu interior, à espera de que venham à luz. Esta é a ação evolutiva que se pratica, conscientemente, pelo dom da espiritualidade.

A conveniência de fazer o espírito tantos estágios na Terra quantos forem necessários, reside no fato de ser preciso quebrar a rotina estabelecida em cada estágio.

Depois de cair na rotina, a criatura marca passo e descansa sobre o que aprendeu, entregando-se a uma espécie de ação mecânica, ao passo que pelo sistema de estágios, entram em equação novas oportunidades, novas lições, experiências diferentes, provas variadas, solicitações ainda não exigidas, idéias modificadas e outros aspectos de compromissos e responsabilidades, enfim, uma variedade imensa de situações que obrigam o espírito a usar os melhores meios para desincumbir-se, a contento, das tarefas impostas.

São esses estágios a melhor forma de facilitar a evolução. Cada estágio na Terra corresponde a uma encarnação, e nas reencarnações,

como são estágios, não há interrupções na vida na passagem de um para outro estágio ou reencarnação.

Quando não permanece na atmosfera da Terra, perturbado por fluidos materializados envolventes, o espírito, entre uma e outra encarnação, estagia no Espaço, em seu mundo astral, onde prepara ou projeta a encarnação seguinte, que nunca é feita ao acaso, mas sempre previamente planejada, com os elementos colhidos nas vivências anteriores, que revelam as fraquezas que precisam ser corrigidas e os débitos morais que têm de ser resgatados.

O véu que impede a visão do que se passa do outro lado da vida, vai se tornando cada vez mais transparente. Isto porque atributos espirituais desenvolvidos em numerosos seres encarnados, possibilitam-lhes penetrar em ampla área situada além dos estreitos horizontes primitivos. Muitos ainda conservam aquela limitação exígua, por não estarem amadurecidos para contemplar as fascinantes revelações espirituais.

Os espiritualistas, porém, que deixaram para trás as duvidosas e frágeis crenças materialistas, estão já compenetrados de muitas realidades eternas, dentre as quais a perenidade da Vida.

2. O PONTO DE PARTIDA

Há um ponto de partida para o início de qualquer iniciativa ou atividade na vida. Quando alguém procura entrar no caminho da espiritualidade, o ponto de partida está num estado de consciência propício ao desenvolvimento de uma nova marcha.

As viagens sempre exigem certo preparo, e a encarnação é, em si, uma longa viagem. Há numerosos caminhos que podem ser percorridos para se atingir a meta desejada, uns muito mais longos do que outros. Os mais distantes oferecem gozos terrenos, embora ilusórios, e comportam atrações maiores.

Aqueles que não sentem apego pelas encenações que decoram os caminhos longos da vida, renunciam a todos os convites que são, para muitos, a razão máxima da existência, e enveredam pelos atalhos retilíneos que atingem, mais depressa, o distante ponto final da jornada.

No ponto de partida voltado para a direção colimada, cada qual tem de apresentar-se munido de todos os requisitos indispensáveis. As provas das experiências feitas, hão de estar presentes. Quanto mais curtido estiver o indivíduo pela luta por ele travada, com êxito, nas batalhas terrenas, em encarnações progressas, mais credenciado se encontrará para firmar o seu ponto de partida na arrancada pela senda do espiritualismo, no momento exato.

Essa hora culminante da vida de cada um, tem de chegar. Poderá levar muito tempo, muitos séculos, muitos milhares de anos, mas a sua chegada é tão certa, como certo é o momento, que chegará um dia, de deixar-se este mundo.

A caminhada nesse sentido tem um ponto de partida, no qual se devem situar todos aqueles que tiverem resolvido marchar para a frente e para o alto.

Quem estiver no caminho da espiritualidade e, depois de desencarnar, tiver de voltar a reencarnar para resolver determinados desajustes, há de, forçosamente, ser encaminhado à Terra, para aqui prosseguir no mesmo rumo da existência anterior, ou seja, na trajetória, pelo caminho da espiritualidade.

É aquele ponto de partida, quando bem sedimentado, que dá garantia à criatura de manter-se na sua linha, nas encarnações futuras.

Aquilo que for conquistado no terreno da espiritualidade, não se perderá nunca, e será o cabedal valioso para escalar novos e mais elevados píncaros.

Quem ainda estiver sem rumo na vida, deverá procurar reunir elementos espirituais para situar-se no ponto de partida ideal, que conduz as criaturas bem intencionadas e livres das injunções materialistas aos planos elevados do espírito.

Muitas pessoas encontram-se em condições de ingressar na esfera das atividades espirituais, mas por falta de empenho, ou por influências estranhas, deixam escapar essa oportunidade. A essas criaturas bastaria dar um pequeno toque, e logo chegariam ao ponto inicial da luminosa jornada.

As atividades espirituais exigem procedimentos e atitudes compatíveis com as normas da boa moral, da nobreza de caráter e da consciência dos deveres, tanto na vida pública, como na particular.

É preciso não esquecer que tudo na Terra é passageiro e efêmero, e não vale a pena perder tempo precioso alimentando pensamentos egoístas, só para o devaneio de uns instantes falsos e enganosos, quando o que se tem a ganhar, percorrendo a estrada brilhante da vida, são as riquezas indestrutíveis do espírito, que servirão para estabelecer nos Planos Astrais – pelos quais todos terão de passar – condições de vida da mais alta concepção, em termos de felicidade, alegria e paz.

O ponto de partida para tal jornada terá de ser ocupado por todos, indistintamente, na medida do esclarecimento espiritual que adquirirem, e quanto mais cedo for tomada a decisão, mais depressa serão desfrutados os benefícios incalculáveis da vida, em Planos Superiores.

Vale a pena dar atenção a este aspecto, por ser ele de interesse vital para o ser humano. A questão é descobrir esse interesse, para benefício próprio, e nestes escritos o que mais se deseja é demonstrar a sua evidência, para que novos rumos sejam tomados pelos que se sentirem amadurecidos para penetrar na fase espiritual da vida.

Muitos, realmente, não querem saber nada de espiritualismo. Satisfeitos com os gozos terrenos com que, de quando em quando, são bafejados, não têm aspirações mais altas, nem percebem que possa haver outra condição de vida, para a qual também não estão preparados. Não se deve fazer com que tais indivíduos abandonem, repentinamente, o cenário que os cerca, sem capacidade de adaptação, para se elevarem a uma altura, na qual o mais certo é perderem o equilíbrio.

O caminho da espiritualidade tem um ponto de partida, e somente podem seguir tal caminho os que chegarem a esse ponto.

Quem já uma vez abriu os olhos da alma diante do clarão da Vida Espiritual, jamais andará para trás. Poderá marcar passo, deitar-se à beira do caminho ou ficar sentado, enquanto os outros passam, mas retroceder, nunca. Não será demais insistir: o acervo espiritual conquistado, não se perderá, em tempo algum.

Cumpra não esmorecer na jornada da vida eterna, tendo sempre em mente que todo esforço bem aplicado, reflete, favoravelmente, sobre quem se esforça, e promove-o um pouco mais, na medida dos resultados desse esforço.

Poucos são os que meditam a respeito desse assunto importante que escapa aos movimentos da vida material e absorve, por completo, a maioria dos seres. Enquanto as criaturas estiverem dominadas pelos sentidos da carne, não terão rumo, andarão ao léu, não saberão de onde vieram nem para onde vão e, muito menos, porque vivem, quem são, que relação há entre o passado e o presente, e entre este e o futuro.

Ninguém pode atingir o ponto de partida para o curso da espiritualidade, sem haver evoluído o bastante para aceitar, com prazer, as condições de vida que ele impõe. O que se deseja, no entanto, é acelerar o processamento da evolução, na fase que antecede o início da carreira espiritualista.

Uma vez esteja colocado o indivíduo na linha do progresso espiritual, o risco de desviar-se do rumo é bem pequeno. Tal desvio seria uma exceção à regra, já que o normal é o desenvolvimento progressivo dos atributos espirituais da alma, numa seqüência rítmica, sem grande esforço, por estarem as tendências voltadas para os atrativos das coisas do espírito.

O difícil é desentorpecer a criatura da materialidade, é arrancá-la do torpor causado pelo falso gozo do plano físico, é desintoxicá-la de idéias perturbadoras, é colocá-la a salvo das influências perturbadoras do astral inferior, é destruir-lhe a egolatria, a megalomania e a indiferença diante das coisas sérias da vida.

Lutar contra essas adulterações, é o trabalho persistente a que se entrega o Racionalismo Cristão, com o nobre intuito de oferecer à humanidade o ponto de partida para uma esplendente alvorada.

Enquanto não se descobre o caminho, nem se tenha vontade de o descobrir, a perda de tempo é enorme, o sofrimento intenso, como meio de acordar os seres, as encarnações perdidas são numerosas, a miséria se

alastra, as epidemias dizimam, os cataclismos se sucedem e o mundo se convulsiona.

Nesse estado está o planeta, por força da teimosia empacadora de grandes massas humanas que, obstinadamente, se opõem a abandonar os erros seculares que as fazem continuar vivendo escravizadas aos instintos materialistas.

O certo é que todo mal tem o seu fim, e este se aproxima com a projeção de novas luzes que, pouco a pouco, irão espancando as trevas propositalmente ocasionadas pelos exploradores da ignorância alheia.

Quem não tiver encontrado o ponto de partida para o seu novo itinerário da vida, tem agora oportunidade de focalizar o problema e verificar se já se sente disposto a dar o maior passo na direção certa, que conduz o indivíduo a uma vida sem vícios, operosa, honrada e inspirada nos princípios elevados da verdadeira espiritualidade.

Os benefícios oriundos de um viver espiritualizado, conquanto favoreçam a existência terrena, dando à criatura um bem-estar interior que vale como a maior das riquezas, fazem-se sentir de modo objetivo, claro, palpável no plano astral, depois da desencarnação, quando novas atividades terão de ser desenvolvidas.

A ascensão do indivíduo do plano astral a que pertence ao seguinte e superior, é motivo de grandes congratulações, pois, além de representar uma vitória, expressa a conquista de uma merecida promoção decorrente do bom aproveitamento da existência terrena, pela aplicação disciplinar de métodos espiritualistas.

Em cada plano superior astral, a vida é cada vez melhor, mais feliz, e os trabalhos, são realizados com maior alegria, graças aos valiosos recursos individuais, ao poder de análise e de compreensão, ao sentimento afetivo que adquire formas desconhecidas no mundo Terra e às ligações espirituais de ser para ser, que são afinadas por vibrações harmoniosas e inconcebíveis na esfera física.

Cada qual terá que adquirir esse estado, não como um prêmio vulgar ou concessão de um privilégio, mas como um direito inscrito na lei de causa e efeito.

Esse direito se adquire não cruzando os braços, mas indo ao seu encontro, instalando-se no ponto de partida e prosseguindo, com firmeza e resolução, pela estrada ensolarada da espiritualidade.

3. O CRISTIANISMO PRÁTICO

Poderá parecer estranho chamar-se a atenção do leitor para o lado prático do cristianismo, como se esta doutrina não fosse toda prática. Pode realmente admitir-se um cristianismo acadêmico, feito de palavras e de retórica, e outro essencialmente prático, traduzido em obras, em procedimento ou atitudes.

O cristianismo não abrange, apenas, o plano físico, mas também o astral, com a peculiaridade de desdobrar-se em normas cada vez mais adiantadas, à medida que serve a Planos cada vez mais luminosos.

Evidentemente o cristianismo posto em prática, por hipótese, no vigésimo plano de evolução, tem, forçosamente, uma amplitude que não possuirá, digamos, no quinto plano.

Assim, torna-se compreensível como certas normas evoluidíssimas do cristianismo têm aplicação direta num elevado plano, e não podem, da mesma forma, ser realizadas num plano inferior.

O cristianismo é um curso que se desdobra por trinta e três planos astrais de evolução, havendo, em cada um deles, um código específico, adaptado a esse plano, que deve ser respeitado e cumprido, assim como no plano físico, em que o código da moral cristã foi estabelecido para atender à vida terrena, nos seus pormenores espirituais.

Exemplificando, pode atentar-se para aquela norma espiritualista que é sentida e revelada em planos superiores, citado por Jesus, quando, expondo os seus ensinamentos, dizia que era preciso amarmos até os nossos inimigos.

Encarnando neste planeta para fins de depuração, não há quem possa amar, com a alma cheia de ternura, aquela criatura que insulta, que ofende, que agride, que difama, calunia, trai, mata um ser querido, corrompe, avilta, saqueia, usurpa, explora e desonra.

E não há por que censurar alguém por não ser capaz de demonstrar uma alma tão purificada a ponto de amar, como a um ente querido, um consumado agressor renitente, criminoso e perverso.

Cabe, dentro dos princípios da moral cristã, afastar do meio social o delinqüente perigoso, o associado ao astral inferior, a fera humana, oferecendo-lhe meios de regeneração. Esta é a maneira de resguardar o patrimônio moral da coletividade, interpretando bem o lado prático do cristianismo.

O que se procura, neste caso, não é sacrificar a liberdade de um indivíduo, mas, por amor aos demais, evitar que sofram, que amarguem e padeçam pelos desmandos de um extraviado, um desequilibrado, um desajustado, em liberdade.

É bem certo que os desatinados e infelizes delinquentes não provocam, pelos seus atos reprováveis, o menor sentimento de amor na Terra; antes, despertam, no mais suave dos entendimentos, repulsa, piedade, consternação.

Por aí se vê que, encarando o mundo como ele realmente é, pleno de misérias morais, influenciado por um turbilhão de obsessores do astral inferior e habitado por espíritos encarnados dos primeiros planos de evolução, não se pode exigir que se pratique o cristianismo além daquela medida ideal para o plano físico.

Por isso, o Racionalismo Cristão codificou a moral cristã nos moldes ajustáveis ao viver neste mundo, para que todos possam, ao porem em prática os seus ensinamentos, triunfar na existência terrena.

O que se deseja, não é a prática de coisas impossíveis, estranhas ao padrão físico, mas que todos, cotidianamente, observem as lições salutares que aprenderem no estudo do verdadeiro cristianismo.

Jesus, quando insinuou que se deveria amar até os próprios inimigos, mostrou como são dilatados os horizontes da sua Doutrina, e quanto será preciso percorrer até chegar ao ponto de se poder amar, sem esforço, espontaneamente, os desafetos gratuitos, que, por ignorância, nos agridem. Numerosos seres já atingiram aquele ponto distante, outros estão próximos, ainda outros mais atrás, mas todos, voltados para tal rumo, marcham para alcançar esse objetivo.

Ensina o Racionalismo Cristão que os indivíduos de má índole, de mau caráter, corruptos e perversos, devem ser evitados, e quando se precise ter algum trato com qualquer deles, que se cuide de resolver o caso com urbanidade, prudência e presteza, irradiando-se, mentalmente, em seguida, a seu favor.

Indivíduos dessa ordem estão sempre mal assistidos pelos seus afins do astral inferior, e ninguém irá andar pelo atoleiro, na companhia desses infelizes, quando é possível pisar em terra firme.

O fato de irradiar-se em favor de alguém que esteja em deploráveis condições morais, exprime o desejo de o ver melhorar, e, por outro lado, cria-se em torno de quem assim procede um estado vibratório que impede a penetração das forças do mal.

No exercício prático do cristianismo, cumpre viver também em meios hostis, como é o deste mundo, pois aqui é que se encontram as ocasiões favoráveis à aplicação dos ensinamentos cristãos adequados ao mundo Terra, os quais precisam ser bem exercitados, para o preparo espiritual de cada um.

A única arma eficaz contra as hostilidades do mundo, é a que se maneja com as regras da espiritualidade.

Decide-se a criatura a pôr em prática, cotidianamente, os ensinamentos cristãos, e não lhe sobrar tempo para irradiar pensamentos prejudiciais, pois o seu horário de produção será bem aproveitado, o trabalho terá melhor rendimento e mais se aproximará da perfeição.

O que há de mais importante no cristianismo, é o seu lado prático e objetivo, com resultados que prontamente se revelam, assim que exercitados os seus princípios. Os que se dizem cristãos, o devem ser por ações, e não, apenas, por palavras.

Para muitos, o cristianismo é uma mera concepção teórica, que só existe nos templos, nos cânticos litúrgicos e em aparatos religiosos. Na luta pela vida, não lhes ocorre tirar dele o menor sentido prático, e apesar de se dizerem cristãos, conduzem-se de maneira inteiramente diversa do cristianismo, só se recordando dele em momentos formalísticos, como na hora de casarem, e, assim mesmo, por uma questão de convenção social.

Por não se fazer uso da forma prática do cristianismo, é que há guerras, revoluções, agressões, assaltos, raptos, usurpações e outros males que afligem a humanidade.

Não é possível viver honestamente, sem dar à conduta a orientação do cristianismo aplicado, ou de conceitos paralelos, principiando por não querer realmente a criatura para os outros, o que não deseja para si.

Dividida em raças e grupos tribais, nem toda a humanidade desfruta da excelência dos preceitos cristãos. Essa circunstância, porém, não fecha o caminho da evolução para esses seres, que estão seguindo por outras veredas preparadas de acordo com o seu passado, onde vão colhendo experiências que lhes facilitarão, mais tarde, em existências futuras, o acesso aos preceitos do cristianismo.

Não há dúvida de que o cristianismo, com sua prática, oferece o caminho ideal para a evolução, principalmente quando dispõe de uma Doutrina como a Racionalista Cristã, implantada na Terra pelo Astral Superior.

Os seres espirituais, altamente iluminados, que dirigem a marcha evolutiva do planeta, não iriam estruturar um movimento na Terra como é o Racionalismo Cristão, se este não fosse modelado pelas mais apuradas conceituações espiritualistas, compatíveis com o viver terreno.

Não é propósito do Racionalismo Cristão menosprezar as demais organizações denominadas cristãs, mas tão-somente apresentar uma situação de fato, imposta por Poderes Superiores, e que aí está, não para combater, mas para reavivar, renovar e consolidar princípios práticos e indesvirtuados do cristianismo.

Tudo quando puder ser feito, seja por quem for, no sentido de dar força à aplicação de normas cristãs na trajetória terrena, é medida louvável, merecedora de um aplauso que há de partir de todas as almas bem formadas, que sintam a vida com as características espiritualistas.

O cristianismo prático é atuante, revelador, objetivo, que opera, espontâneo, no contato diário entre as criaturas, com o fim de alegrar, estimular, confortar e levar por diante todas as tarefas, leves ou pesadas, que fazem parte da grande orquestra universal.

Cada qual tem a sua posição distinta na vida e precisa, para melhor desempenhar os seus encargos, munir-se dos meios adequados, dentre os quais se destaca a aplicação do cristianismo em seus atos e na sua convivência com terceiros.

Toda obra Racionalista Cristã é orientada no sentido de esclarecer as criaturas para se manterem fiéis aos ditames da própria consciência.

Poucos são os que meditam sobre a importância da vida, quando bem orientada, bem aproveitada, isto por desconhecerem a razão da sua estada neste mundo. Como poderão, porém, chegar a esse conhecimento, antes de enveredarem pelo caminho iluminado pelos clarões da espiritualidade? Somente estes o poderão convencer das vantagens de seguir as lições do verdadeiro cristianismo, ministradas pelo Racionalismo Cristão.

O criminalista, em defesa do seu constituinte, tudo faz para que a pena imposta ao réu não seja de trinta anos, mas de vinte, se possível dez, ou até – quem sabe? – apenas um.

Pois este mundo é também uma prisão. E então, em lugar de trinta encarnações para burilar certa faceta espiritual, por que não procurar reduzi-las para vinte, dez ou mesmo menos?

Este é o valor da prática do autêntico cristianismo, ao fazer com que o prisioneiro terreno reduza, por seus próprios méritos, o número de encarnações. Estas são trabalhos forçados, sofrimentos, angústias,

misérias, ilusões e desilusões, doenças, mortes, lágrimas, lama, traições e tragédias.

Eis o verdadeiro sentido deste alerta. Vale a pena ser realmente cristão, cristão no sentido de viver todos os dias cristãmente; cristão no sentido límpido da palavra; cristão militante, operoso e digno; cristão para que o seu lema seja da verdade, da retidão, do amor e da justiça.

4. O INDIVÍDUO

O indivíduo é constituído de uma partícula indivisível, indestrutível e eterna da Inteligência Universal.

Essa partícula inicia o processo evolutivo num estado de involução absoluta, fazendo estágio, por milhões e milhões de anos, nos reinos mais atrasados da natureza, até atingir o animal.

No reino animal, também a Partícula da Força (ou Grande Foco ou Inteligência Universal) começa a sua escalada evolutiva através dos seres mais atrasados e insignificantes, estagiando em cada espécie animal, por muito e muito tempo, antes de ascender a outra espécie imediatamente superior, como resultado desse imenso, desse interminável peregrinar, chegando, depois de milhões de séculos, ao homem.

Em forma humana, a individualidade encarnada revela perfeita identidade com a Inteligência Universal, ainda que de evolução incipiente.

A medida que a sua evolução mais se acentua, atributos espirituais são revelados, em forma de sentimentos, como o amor, a bondade, a compaixão, a consciência do dever e outros.

A idéia da imortalidade da alma começa a tomar corpo, em contraposição à da morte, que se dilui cada vez mais. Com efeito, sendo o Grande Foco ou Inteligência Universal, imortal, imortais têm de ser, forçosamente, as suas partículas em evolução no Universo.

A inconformação do indivíduo contra a extinção da vida espiritual nasce na consciência íntima da sua eternidade, e constitui um traço de ligação perene entre ele próprio e o Todo. Se o Todo é imortal – insiste-se – por que não o há de ser, de igual modo, o indivíduo, sua partícula?

A consciência da eternidade é comum ao Criador e à criatura, constituindo um iniludível traço de ligação perene entre ambos.

Existe, pois, uma correspondência evidente entre a Inteligência Universal e as suas partículas, todas entrelaçadas pelo liame da eternidade.

Outra demonstração que atesta a filiação do Todo às suas partículas, está na manifestação da sabedoria. Ninguém porá em dúvida a sabedoria do Grande Foco, sabedoria que aflora também no ser humano, de conformidade com o desenvolvimento por ele alcançado.

A inteligência, latente no espírito, desabrocha em todas as criaturas, de acordo com o esforço de cada uma, para revelar-se, mais ou menos brilhante, através das suas atividades.

Há seres tidos como sábios, apenas por manifestarem uma inteligência acima do comum, por onde se depreende que atributos inteligentes da Força Criadora refletem-se nas suas partículas, demonstrando, mais uma vez, que estas são centelhas, em evolução, do Grande Foco.

Igualmente comum à criatura e ao Criador, é o sentimento do Amor, (com “a” maiúsculo).

Deus, (Grande Foco), é “Amor” – afirmam todos os compêndios de metafísica e, com efeito, a Força Criadora só pode ser inspirada nesse nobre e harmonizante sentimento.

O ser humano, ainda que de modo imperfeito, oferece testemunho desse sentimento no maior e mais sublime de todos os amores, que é o amor de mãe.

O amor cresce no ser humano na razão direta do seu desenvolvimento espiritual, fechando as portas ao que lhe é oposto – o ódio. Quanto mais puro e imenso se manifestar o amor, como expressão do sentimento do espírito encarnado, mais próximo estará o ser da sua comunhão com a Força Criadora.

A conquista da felicidade é uma aspiração de todo ser humano. Não há quem não deseje ser feliz. Entretanto, nem todos trabalham e se esforçam para conquistar a felicidade, embora seja intuitivo que quanto mais a criatura evolui, mais recursos adquire para chegar a esse estado.

Outra aspiração presente na expansão evolucionista do indivíduo é a independência material e espiritual, ainda que a evolução se faça na base da interdependência de uns para com os outros, na esfera de relatividade.

O anseio de progresso da partícula em evolução, expressa a força natural de expansão dos atributos espirituais que se encontram enclausurados no interior de cada ser, e forçam a sua liberação, rumo à meta final, pelo processo da evolução.

A inclinação pelo domínio, é, ainda, outro poder oculto no acervo espiritual de cada ser. À medida que a evolução prossegue, no caso individual de cada criatura, vai-se acentuando maior domínio na retenção de maus costumes, no controle de todos os ímpetos, no exercício da concentração.

Não se pode conceber a Força Criadora, sem reconhecer-lhe o domínio absoluto nas suas manifestações. O ser humano pode não exercer o domínio sobre si mesmo, por acomodar-se a uma fraca força de vontade, mas tem desejo de possuí-lo.

As pessoas que mais se destacam nas atividades terrenas, pela segurança e equilíbrio nas suas determinações, são as que melhor dispõem do domínio próprio. Com ele, o indivíduo marcha revestido de maior autoridade, e cresce na admiração coletiva. É um dom que se revela ou desenvolve com o treino, até à sua plenitude. O domínio de si mesmo encontra-se na faixa dos atributos evoluíveis de natureza espiritual, e está intimamente ligado ao grande domínio exercido pelo poder total.

Assim, quando se diz que o indivíduo, na sua evolução no gênero humano, é a imagem e a semelhança do Criador, implicitamente se afirma que a partícula espiritual é o espelho, o reflexo ou a imagem desse valor absoluto, que é a Inteligência Universal.

Pelos índices apontados, ver-se-á a analogia existente nestes atributos que ressaltam no indivíduo como emanções do próprio poder maior. Não poderia acontecer de outra maneira, pois a natureza é uma só, e reveladas ou ocultas, elas se manifestam coerentemente.

O indivíduo é uma fração infinitesimal da Força Criadora ou Inteligência Universal, que a classe religiosa chama de Deus; essa fração, como ocorre com a gota de água do oceano, encerra a mesma substância do todo, e idêntica composição espiritual.

Por este modo, chega-se a compreender a importância do indivíduo como “centelha de luz”, e a absoluta igualdade que prevalece entre todas as centelhas entre si ou entre todos os indivíduos, na concepção substancial.

Chegando-se a essa conclusão racional de que não existem indivíduos privilegiados e de que todos partem de uma origem comum, com os mesmos recursos, e têm de chegar ao outro extremo, o final, pelo esforço próprio, ninguém tem de queixar-se senão de si mesmo, no caso de andar perdendo tempo e acarretando sofrimentos pelo mau uso que fizer do livre arbítrio.

O ato de partida da partícula involuída e o da ascensão à evolução, são acontecimentos fatais, inalteráveis; o caminho a percorrer é que é cheio de variações, de altos e baixos, especialmente ao atravessar o reino hominal, quando inicia o uso do livre arbítrio. Os grandes fracassos, as jornadas perdidas, as acumulações de erros, os desvios de rumo, os retardamentos prejudiciais, os afogamentos nos deleites da matéria, a cultura de qualidades negativas, dão-se nesse período.

A ação espiritualista tudo faz para evitar que os desastres enunciados acima se consumam, o que é possível pela adoção da disciplina apropriada,

como a que o Racionalismo Cristão aconselha. O papel desta Doutrina é, pois, dos mais relevantes na atuação que exerce para conduzir o indivíduo, nesse perigoso período mencionado, pela senda segura da evolução.

Cumpra a cada um tomar as necessárias precauções. O indivíduo, com os poderes latentes que possui, se pudesse fazer uso deles, sem estar convenientemente desenvolvido espiritualmente, seria capaz de cometer os maiores desatinos para dar cegamente satisfação às suas inclinações inferiores.

Por isso, tais poderes se acham como que incubados, adormecidos, submetidos ao silêncio, e só se poderão manifestar à medida que o ser for adquirindo aquele estado de independência, de domínio próprio, de lucidez, de esclarecimento e espiritualidade, com que ficará habilitado a reprimir, em qualquer instante, a mais leve intenção perniciosa.

As forças espirituais conservadas em potencial em cada indivíduo são indispensáveis ao impulso que deverão dar ao engenho evolutivo, na sua marcha ascendente. Não deve, porém, ser antecipada a sua manifestação por meio de exercícios ocultistas, porquanto a ordem a seguir é deixar correr o curso natural da vida, apenas orientado pela disciplina da espiritualização.

A pior fase da longa trajetória evolutiva, está circunscrita aos onze primeiros planos astrais, em que o indivíduo reencarna sob condições de extremas asperezas físicas, ao passar pelas duras provas impostas pelo mundo.

Convém, pois, despertar para a luz os que procuram, nos valores terrenos, a conformação para as suas angústias. A riqueza de que todos dispõem, no âmago de suas almas, somente no plano da espiritualidade poderá produzir cintilações, razão pela qual todas as atenções deverão ser voltadas para esse recurso, de importância vital para o espírito.

O indivíduo é, pois, um ser “divino”, usando as expressões adotadas pelos religiosos, porque constituído da mesma essência de “Deus”, não do Deus corpóreo e irreal, mas do Deus valor absoluto, do Deus incorpóreo e real, do Deus Universal, que se manifesta pela natureza viva, em todos os corpos, mundos, astros, sistemas planetários e galáxias. O indivíduo é parte desse Deus – Grande Foco, como centelha espiritual, como partícula inteligente, único criador de tudo quanto existe, que é Inteligência, Sabedoria, Poder e Amor.

5. ALMA E CORPO

O corpo humano é um objeto animado. Tire-se-lhe o espírito que o anima, e tornar-se-á um objeto inanimado.

Como objeto animado ou inanimado, é um composto de moléculas combinadas, formadas de átomos, que constituem os elementos básicos ou fundamentais da matéria.

Basta que o espírito se retire, definitivamente, do corpo físico, para que ele passe a desintegrar-se, isto é, a decompor-se. Por aí se vê que é o espírito, com as suas propriedades, que mantém coesas as moléculas do corpo humano ou físico.

Essa coesão resulta da força do espírito que atua sobre a matéria. Poucos se apercebem de que tal força esteja atuando no sentido de manter o corpo físico na sua forma integral, daí se concluindo ser essa força, na realidade, inerente à alma, ou a própria vida que ela, a alma ou espírito exterioriza.

O ser humano se apresenta no mundo físico com alma e corpo, ou seja força e matéria. A alma é a individualidade permanente, e o corpo, por ela animado, é a personalidade transmudante.

É o corpo físico um objeto de uso do espírito como são objetos de uso do corpo as vestimentas convencionais. O corpo físico é uma propriedade terrena que serve ao espírito como se fora por empréstimo, com o prazo de duração de uma existência.

Torna-se indispensável que se dê ao corpo físico o tratamento cuidadoso que se dá a todo objeto de estimação, pois ele, além de representar a individualidade de cada ser, no mundo, ainda é o objeto de maior utilidade que o espírito pode dispor na Terra.

A luta que se trava na vida é para a subsistência desse corpo físico, que precisa ser alimentado, vestido, abrigado contra as intempéries, transportado, repousado e conservado.

Tudo se deve fazer para dar-lhe boa aparência, observando-se os cuidados que a sua higiene exige, que incluem, nesse trato, a disciplina a que deverá ficar sujeito, no tocante a horários, a regimens e a imunizações.

Não se pode desgastá-lo com excessos, com maus tratos, com intoxicações. Prudência e moderação devem estar presentes, todas as vezes que se tenha de usá-las, nos limites da sua capacidade.

Faça-se o que se puder em benefício da sua duração, da sua saúde e estabilidade, pois, bem aproveitado, dará ao espírito grandes oportunidades de renovação, no sentido da evolução espiritual.

No período da sua madureza é quando mais pode oferecer o seu concurso em favor do espírito, porquanto nessa fase há maior equilíbrio entre as ações e reações, e este encontra maior facilidade em externar-se, em comunicar-se com o meio físico, em transmitir os atributos do seu patrimônio espiritual.

É preciso que nessa fase ele se apresente pleno de vigor, o que será também possível nas fases anteriores, da infância e da mocidade, se for tratado com os cuidados devidos.

O espírito pode ganhar muito em evolução, se na idade madura do corpo físico, puder utilizar este seu auxiliar, para pôr em ação todos os recursos disponíveis da sua individualidade.

Assim como o motorista consciencioso conserva o seu carro para tirar dele o máximo e duradouro proveito, deve o espírito, igualmente consciencioso, dispensar ao corpo físico todas as atenções, a fim de que possa corresponder aos seus apelos, e receber dele os meios para poder aproveitar a sua encarnação, em toda a plenitude.

Os que não conhecem espiritualismo, somente chegam a compreender o grande valor do seu corpo físico, depois da desencarnação, quando, infelizmente, já não mais podem utilizá-lo. Por falta desse conhecimento, são levados os seres a encurtar a sua permanência na Terra, praticando o suicídio lento, nos abusos que cometem e que abalam a saúde.

A lei da oferta e da procura também se estende ao plano astral, no tocante à reencarnação. Há numerosos candidatos a reencarnar à espera da ambicionada oportunidade. No plano astral, não há influências, seres ricos em dinheiro, como na Terra, mas se os houvesse, dariam toda a sua fortuna para serem preferidos na obtenção de um corpo físico, para se poderem livrar, por meio dele, não só da lembrança torturante do passado tenebroso, como para terem a oportunidade de limpar-se das mazelas morais que adquiriram e que os acabrunham.

Veja-se que quantidade imensa de seres infelizes está marcando na Terra os seus corpos astrais, com os traços denunciadores das suas ações criminosas! Serão todos, futuramente, atormentados candidatos à conquista de corpos físicos, com os quais almejarão pagar e apagar os seus funestos delitos de hoje. Aí andam eles, com ares de nababos, aparentemente folgança e predomínio, mas não são mais que réus da

própria consciência, pela aventura louca de se apropriarem, indevidamente, do patrimônio da coletividade.

Por patrimônio da coletividade, estende-se o direito de viver de cada um, sob a cúpula da liberdade, sem espoliações, sem usurpações, sem escravidão, quando estas medidas são impostas para a sustentação ilusória do poder temporal.

O “tubaronato” campeia, desenfreadamente, contaminando consciências, numa sofreguidão irrefreável; a desonestidade de traficantes, vem se tornando norma comum de agir; a soma de tão profundos desmandos recai sobre as classes menos favorecidas de recursos, agravando os seus padecimentos já volumosos, em benefício de uma minoria inescrupulosa. Quantos saem vitoriosos em cargos eletivos, à custa de manobras atentatórias à moral, e prometem, falsamente, o que nem pensam em dar, apenas adotando um expediente que atesta falta de caráter e de honradez!

Essa onda calamitosa de aproveitadores anda à solta a fazer a sua sementeira, para a colheita de amanhã. Depois, virá a procura angustiada de corpos físicos de grosseira massa de baixa vibração, para atender a tantos.

O corpo físico constitui, pois, uma riqueza; representa o buril que aperfeiçoa as linhas de natureza espiritual de cada ser. É uma ferramenta preciosa, sem a qual o artista, no caso o espírito encarnante, nada pode fazer, e não pode ser conspurcado, sob nenhum pretexto.

Esta compreensão tem-na o espiritualista que dela faz uso, diariamente, sem a menor vacilação. Esse objeto animado, o corpo físico, é, como o classificam vários metafísicos, o carro da alma, templo do espírito, o vestuário, o veículo, o invólucro, numa palavra: o instrumento da alma ou da partícula da Inteligência Universal. Não há organismo material mais perfeito e mais admirável, em que melhor possa constatar-se a realidade da Força Criadora.

Merece, por isso, por parte de todos os espíritos que dele se servem para a sua evolução, uma destacada consideração, um especial cuidado, um esmerado trato, para poder manter-se durante a sua existência, sempre na melhor forma, com o melhor aspecto, com aparência jovial, muito embora os anos pesem sobre ele.

Procure-se cultivar a mente de maneira salutar, para que os golpes da vida, as atribulações do cotidiano, os episódios dramáticos que a todos

atingem, não produzam sulcos denunciadores de sofrimentos, que venham alterar a fisionomia pacífica e serena dos seres esclarecidos.

Todos os casais que proporcionarem corpos físicos aos espíritos reencarnantes, estarão oferecendo, por esse meio, a sua parcela de contribuição a seres que precisam estagiar no mundo, e retribuindo a dádiva que receberam com a aquisição dos corpos que possuem. Compete-lhes, depois, ministrar a esses seres ensinamentos espiritualistas, para que não percam a encarnação por um viver condenável, com o que todas as vantagens desapareceriam.

Frisa-se, assim, que ganhar um corpo físico nada pode representar para a evolução do espírito, se não houver um preparo prévio, para tirar-se dele o proveito desejável.

É, então, quando mais se destaca o valor da espiritualização, como meio eficaz de poder-se dar ao reencarnante uma orientação segura, quanto à maneira correta de proceder na vida terrena, para que a dádiva de um corpo físico, seja, verdadeiramente, um prêmio de alta valia.

Enquanto se estiver na órbita das reencarnações em plano físico, tudo se deverá fazer para que não se tenha de permanecer reencarnando em corpos de matéria grosseira, em que a evolução se torna mais lenta. Os instintos falam mais alto nessa classe, e é quando numerosas encarnações são perdidas, pelo domínio dos apetites. Sempre que o ser encarnado demonstrar necessidade aguda de saciar-se na matéria, ou com ela, está revelando a posse de um corpo físico impregnado de células animalizadas.

O instinto eflui, principalmente, da substância carnal, razão por que certos alimentos atuam como estimulantes. Cabe ao espírito, à medida que evolui, irradiar sobre a matéria, no caso o seu corpo físico, com pensamentos afinados à vida espiritual, para que as células do organismo acertem a sua vibração com uma ordem cada vez mais elevada, nas camadas evolutivas.

O corpo físico, desde a era da pedra lascada, aos dias correntes, tem feito um progresso considerável na diafanização da sua contextura. No entanto, ainda hoje se podem constatar as diferenças acentuadas entre corpos físicos de espíritos menos e mais evoluídos.

O espírito é um agente de ação permanente, de grande força em potencial, por meio da qual imprime em seu corpo físico os traços predominantes da sua natureza, o reflexo da sua pouca ou crescente espiritualidade.

Em cada existência, o indivíduo estará projetando o corpo físico que terá na seguinte, através do seu viver, do seu proceder, da sua conduta. O futuro será sempre o espelho do presente, como este o é do passado. Rege-se a vida terrena pela lei das conseqüências, que é infalível e inexorável.

Nas experiências em corpo físico, o espírito tanto pode encarnar homem como mulher, conforme a necessidade que tiver de desenvolver atributos que são mais próprios de um do que do outro sexo.

São as provas variadas em corpo físico que dão a criatura o equilíbrio indispensável para compreender e sentir a vida em todos os seus aspectos.

O espírito deve demonstrar em qualquer das duas formas físicas, masculina ou feminina, a sua fortaleza espiritual adequada, o seu poder de renúncia e a sua capacidade de suportar, com nobreza, as duras provas que estão reservadas para cada sexo.

6. O PRECONCEITO

Preconceito é o conceito formado sem fundamento razoável. É o caso, para exemplificar, do preconceito racial. Estabelece-se que esta ou aquela raça é inferior ou superior, e daí nasce uma falsa superioridade ou um complexo de inferioridade.

A cor da pele não representa a cor do espírito; esta varia, conforme os seus atributos reveladores do grau de evolução, ao passo que aquela é uma condição da matéria, exclusivamente, e com a matéria fica, na Terra, depois da desencarnação.

Não há espíritos de brancos ou de negros, ou de amarelos, muito embora as raças correspondam a agrupamentos que processam a sua evolução em conjunto, debaixo de certas circunstâncias específicas, e que possuem uma natureza espiritual que é, aproximadamente, comum a todos os seus membros.

É grave erro, porém, menosprezar esta ou aquela raça, desdenhar do indivíduo que pertença a um grupo racial injustificavelmente tachado de inferior. Para corrigi-lo, é comum o seu autor vir, na próxima encarnação, a possuir um corpo racial idêntico àquele que menosprezou. Terá, então, de sentir na própria carne, para abatimento do seu orgulho, a humilhação com que pretendeu ferir ou feriu o seu semelhante.

Esse fato se dá, não por represália ou castigo, mas pela necessidade de destruir-se no espírito aquele defeito pernicioso – o orgulho que entrava a evolução. É o próprio desdenhador que, quando em seu plano astral, deseja sujeitar-se a essa prova, consciente da sua indispensabilidade e certo de que será o melhor meio de depurar-se da revelada inferioridade.

Por isso, numerosos negros foram brancos desdenhosos em encarnações anteriores, aí estão na sua faina depuradora e voltarão a ser negros quantas vezes forem necessárias, até ficar reduzido a zero o seu preconceito racial, velado ou ostensivo.

A evolução dos indivíduos processa-se, regularmente, na esfera de cada uma das raças. A criatura, no ambiente da sua própria raça, colhe as experiências que lhe estavam reservadas naquele meio. Não se deve procurar fugir às determinações imperativas de cunho expressivo, como sejam as de bem cumprir-se a tarefa no posto em que se tenha colocado. Assim, cada qual, na sua raça, tem a sua tarefa específica.

Não há também razão para recriminar-se alguém pelo fato de haver-se unido a outrem que não da mesma raça. Pode dar-se o caso de serem, ambos, almas afins que se encontram e têm ligações remotas de afetuosidade recíproca; podem ser criaturas integrantes do mesmo grupo espiritual esporadicamente encarnadas em corpos de raças diferentes. Estes terão de enfrentar a corrente desdenhosa do preconceito racial, enquanto ela existir.

O normal é unirem-se as pessoas da mesma raça, por isso que, antes de encarnar, escolheram aquela que melhor deveria servir-lhes, incluindo-se, nesse plano, a constituição da família, sem quebra da tradição racial.

As diferentes raças podem e devem elevar-se por si, valorizando-se, cada vez mais, através do esforço próprio, da dignidade pessoal e da capacidade, que é inata no indivíduo. Não há motivos para que as raças branca, amarela ou preta não alcancem, cada qual, o seu apogeu, uma vez que espiritualmente são compostas da mesmíssima essência espiritual, que é a fonte única de emanção, da Força Criadora.

Acontece que as raças podem evoluir umas mais rapidamente que outras, ou ainda, que umas são mais antigas do que outras, na contagem dos milênios decorridos. Isso, no entanto, não dá direito a ninguém de fazer pouco daqueles que se encontram na vida em condições menos favoráveis, em consequência do seu estado de menor evolução.

Todos são partículas da Inteligência Universal, pertencem à mesma família cósmica, marcham para o mesmo fim e são detentoras das mesmas heranças espirituais.

Por isso, qualquer espírito, se isso for necessário ou útil à sua evolução, pode reencarnar várias vezes em cada uma das raças existentes no globo; esse fato não impede que alcance a evolução máxima, da mesma maneira que outro, que não tenha feito tais incursões raciais.

A falta de espiritualidade faz com que as criaturas, imersas no oceano do materialismo, pensem que a alma nasce juntamente com o corpo humano ou físico, e, portanto, a criança, ao vir ao mundo, se é preta, terá a alma preta, se branca, a alma branca, e assim por diante, com respeito a cada raça.

Essa é a concepção da maioria daqueles que nada sabem e nem querem saber sobre a verdade a respeito das reencarnações.

É evidente que se a alma não reencarna, mas nasce, com o embrião, no ventre materno, então aquela “lógica inverossímil” que induz à crença de que a alma tem a cor do corpo a que pertence, simboliza, com exatidão,

a concepção materialista reinante. É nessa imagem que se apóia o preconceito racial.

Quantos são aqueles que, menosprezando um ser de raça tachada de inferior, estão humilhando o espírito de quem, em outras vidas, poderia ter sido a sua mãe, a sua irmã, filha, ou outro ser afim! O materialista e o religioso nunca pensam nisso, porque esse fato verdadeiro não ocupa lugar em suas mentes, pois tanto um como o outro, se mantém completamente alheios ao que se passa na esfera dos acontecimentos espirituais.

Não conhecer, na sua pureza, na sua sabedoria, na sua maravilhosa idealização, a lei das reencarnações, é ter ante os olhos uma venda que impede ver a luz solar.

Nos países em que a religião exerce poder quase fanático, é também onde a idéia do preconceito racial tem as suas raízes mais profundas. Ali, o preconceito racial assume proporções escandalosas, que chegam a envergonhar.

Graves conseqüências irão trazer para os seus autores, as atitudes injuriosas emanantes do preconceito racial.

Outra faceta do preconceito, é a de que as suas manifestações não se acham revestidas de um princípio de lógica, e descambam, não raras vezes, para a superstição. Assim, exemplificando, o receio do número 13 é um preconceito, uma superstição. Logo, o preconceito também resvala pela mística, e leva a criatura a formar imagens mentais fantasiosas.

É necessário, pois, eliminar o preconceito de todas as cogitações, para tudo ser encarado de forma real, racional e profunda, sem se deixarem levar as pessoas por idéias preconcebidas, de nula substância.

O preconceito decorre de um hábito de ver as coisas de um ponto que fornece ângulo estreito de visão, com ausência plena do consenso espiritualista, o qual se contrapõe a qualquer ilusão ou forma irrealista.

O preconceito limita a liberdade, tolhe a criatura e exerce uma ação dominante sobre o seu espírito. Todos precisam ser livres, espiritualmente, conhecer a Verdade e viver sob a sua Luz.

Os religiosos atêm-se, de um modo geral, a preconceitos, que se fundam na malícia com que encaram certos aspectos da rotina da vida. O preconceito sexual leva o sacerdócio ao celibato, de onde decorrem os mais lamentáveis males.

Em lugar da educação sexual necessária e racional que o ser humano deve impor a si mesmo, procuram envolver os problemas do sexo, por simples preconceito, num mistério vergonhoso e inabordável. É este um

preconceito tão arraigado na alma humana, que só com o tempo poderá ser estirpado. A idéia de inspirarem vergonha os órgãos sexuais, nenhuma razão tem.

O que há é malícia, preconceito e falta de compreensão elevada. O vício e a vergonha que ele pode causar são motivos pelos quais a criatura se abstém de penetrar nesse terreno, mas isso porque desde pequena vem sendo conduzida de maneira a não enfrentar, com naturalidade e higiene mental, o problema sexual.

Meninos e meninas devem receber dos seus pais e dos professores o ensinamento capaz de orientá-los, varrendo da mente o mistério e instruindo-os a respeito da perpetuação da espécie, como um ato sublime, criado pela própria Inteligência Universal. Assim se dará um golpe de morte no preconceito, as mentes se comportarão higienizadas e os vícios serão substituídos pela virtude inata, que está latente em todo indivíduo.

É o animalismo humano, ou o instinto animal do homem, a florado, de modo mais ou menos exacerbado, que convida ao abuso e ao vício. Deve-se reconhecer que o instinto animal inferior, atuante no homem, perde a sua exaltação inquietante, incontrolada, decrescendo com o desabrochar da espiritualização, que traz outras recompensas acentuadamente valiosas.

O preconceito está intimamente ligado ao fato de não contar o indivíduo com lastro espiritualista, pois há uma série de recursos que o eliminam, no campo da espiritualidade.

Cai o preconceito com a marcha do indivíduo para cima, para planos mais altos da espiritualidade, em que a fraternidade se expressa de maneira ampla e digna, compreensível e amorável, verdadeira e leal. Para cada criatura, a morte do preconceito está marcada, porque a evolução, certa e obrigatória, ninguém pode deixar de fazer, abandonando os costumes perniciosos, para aceitar novas concepções de vida e de amor.

7. O SENTIMENTALISMO

O sentimentalismo é uma derivação doentia do sentimento. O sentimento revela-se pela exteriorização de qualidades espirituais no trato com os demais seres, em que sobressai o lado afetivo da alma. Quando a criatura se deixa levar unicamente pela força do sentimento, sem interpor reação alguma, passa a ser vítima do sentimentalismo, o que constitui um mal.

É pelo sentimentalismo que os administradores fazem maus governos, cercando-se de elementos inaptos, de indivíduos incapazes, só porque são ou se mostram amigos, porque ajudaram a elegê-los, ou foram bons companheiros em noitadas alegres.

O sentimentalismo é responsável pela má educação dos filhos, que crescem manhosos e cheios de vontadinhas, indisciplinados, teimosos e anti-sociais.

Os mimos excessivos são reflexos de sentimentalismos. As crianças criadas debaixo desse sistema, tornam-se autocratas, despóticas, martirizantes. Recusam a alimentação comum, para exigir pratos especiais, querem brincar nas horas de estudar, mostram-se intolerantes, não respeitam os mais velhos, são do contra ou puxam para o lado contrário.

É na criança que se forma o indivíduo adulto, de amanhã. Os erros que vai cometer na vida, são o efeito de uma causa que reside no período em que recebeu as primeiras lições de educação, de civismo, de orientação moral, e não é com sentimentalismo que pais, avós, tios e demais parentes conseguem levar ao espírito das crianças um conceito da vida, que as torne aptas a desempenhar, no futuro, os papéis que lhes estão reservados.

O amor a uma criança somente é verdadeiro, se despojado de sentimentalismo. Amar conscientemente uma criança, é fazer com que ela seja feliz e se prepare para cultivar essa felicidade. Como se poderá ministrar tal preparo, envolvendo-a num manto doentio, gerador de vícios e degenerante do sentimentalismo.

Tratá-la com afetividade e carinho, não implica em envolvê-la em sentimentalismo. É preciso fazer a distinção entre esses dois tratamentos. Enquanto o primeiro é humano, cristão, formador de uma alma generosa e prestativa, o segundo origina uma criatura egoísta, impertinente e acintosa.

Há gente que usando e abusando do sentimentalismo, pensa que está dando a impressão aos outros de possuir grande soma de bondade. Ora, a

bondade que prejudica não é bondade. Para tudo é preciso usar o raciocínio, pensar maduramente sobre as atitudes que se devam tomar na vida, para não se dar nunca o caso de, por ignorância, praticar-se o mal, em vez do bem.

Veja-se como há pessoas por aí agindo mal, procedendo incorretamente, lesando o próximo, demonstrando, pelo modo de conduzir-se completa falta de princípios morais. Isso acontece, porque o mal já vem de longe, pois geralmente são os genitores que ou se descuidaram da educação dos filhos, ou carecem de conhecimentos que os habilitem a forjar-lhes a estrutura moral. Tanto num como noutro caso, faz-se sentir a ausência do instrutor moralista, que poderia ter sido um guia espiritual, se a espiritualidade não fosse ainda uma modalidade doutrinária ao alcance de pouca gente.

O sentimentalismo cria em torno da pessoa que o exercita um ambiente enfermiço e pernicioso, e, como tal, propício à atração do astral inferior, como toda a sua danosa influência. O sentimentalista está, portanto, mais sujeito a enfermar gravemente, do que os que não o são. Qualquer afinidade que se estabeleça com os espírito melosos e sentimentalistas da esfera sombria que envolve o planeta, é prejudicialíssima, porque provoca enfermidades físicas e psíquicas.

Deve, por conseguinte, ser combatido o sentimentalismo, como mal que afeta a alma do agente e também origina distúrbios nos que são tratados por ele. O sentimentalismo, em lugar de fornecer vibrações fortalecedoras, ao contrário, transmite vibrações de fraqueza e de aniquilamento. Um sentimentalista, ao lado de um enfermo, ao enviar-lhe irradiações pessimistas de confrangida piedade, está concorrendo para que ele tenha maior sofrimento ou desgraça.

Isto não quer dizer que não se sinta, profundamente, a desgraça alheia, especialmente quando esta fere pessoas chegadas por laços afins de parentesco ou amizade, mas esse sentimento deverá ser acompanhado de um desejo vivificador, de confiança e apoio, de solidariedade e esperança, em que sempre se encontram forças para a reanimação.

O sentimentalismo existe, porque foi alimentado; ele aparece e se desenvolve em criaturas que não fizeram estudos espiritualistas, que desconhecem o mecanismo da vida, que se abandonam passivamente à índole deformada e acumularam defeitos não extirpados das encarnações pretéritas.

Nenhum espírito evoluído acima dos planos primários, pode ser sentimentalista, porque tem noções da vida que o obrigam a encarar os fatos com discernimento elevado. Pode ter e terá maior sensibilidade de percepção, que é a capacidade de sentir o que os olhos da carne não revelam.

Não se deve ter a alma fria, diante dos dramas da vida, mas controlada, para não ser envolvida e subjugada pelas tramas do sofrimento alheio.

É preciso manter em boa forma a capacidade de resistência. Este mundo está repleto de cenários dramáticos, e não é aconselhável que se procure viver estimulando o sentimentalismo nas cenas que outros criaram para a sua depuração.

Mesmo combatendo o sentimentalismo, não se pode proceder com insensibilidade. A criatura preparada para resistir, deve saber conduzir-se à altura de suas convicções, não se deixando influenciar pelas condições do ambiente. O valor pessoal deverá ser posto à prova nessas ocasiões difíceis, quando os recursos espirituais terão de ser convocados e reunidos para que se obtenha o desejado efeito.

O indivíduo sentimentalista torna-se um estorvo, quando se trata de conjurar um perigo, uma situação de agravo, pois a fraqueza do sentimento doentio impede-o de ser útil, e de ter força moral para representar o seu papel de humana solidariedade.

O sentimentalismo é uma fraqueza, e o espírito precisa mostrar-se sempre forte, como realmente é. A fraqueza aparente é o resultado de falhas acumuladas, que têm de ser desagregadas da alma, por não lhe pertencerem, já que ali se acham em estado precário, enquanto não forem sacudidas e eliminadas.

Cumprido, assim, fazer-se um exame introspectivo, para ver se ainda há algum resto de sentimentalismo pernicioso a prejudicar o brilho do espírito, o qual se vê impedido de manifestar-se, com a sua natureza refulgente, enquanto uma forte higienização não for consumada, em benefício da sua sublimação.

O sentimentalismo desaparece com a evolução, o que mostra não ser ele uma virtude, pois esta não se destrói nunca, antes cada vez mais se evidencia, como acontece com a Verdade. Uma vez se chegue à convicção, pelo bom uso do raciocínio, que o sentimentalismo é um defeito e, como tal, precisa desaparecer, deve a criatura fazer todo esforço para, o quanto antes, ver-se livre dele.

A derrota completa do sentimentalismo, representa uma vitória da espiritualidade, que terá, assim, um inimigo a menos, a prejudicar a sua marcha. Posto o sentimento em equilíbrio, sem as manchas do sentimentalismo, disporá a criatura de meios mais seguros para dar lugar à razão e ao raciocínio, e aplicará melhor os princípios da justiça, sem se tornar indiferente aos gestos de humanidade.

Desde que predominem no indivíduo os traços da divisa cristã, nobremente interpretados, nunca cometerá um ato destoante, não terá atitudes agressivas e chocantes, não desvalorizará o esforço alheio, e não deixará de alimentar os atributos que revigorem nele o sentimento elevado.

O sentimentalismo deve ser demolido por ser ruinoso, por impedir que as qualidades positivas da criatura se desenvolvam, como é preciso, e por estimular no semelhante, especialmente no adolescente, o desabrochamento e a expansão de misérias que não deveriam existir.

Numerosas criaturas vivem por aí desajustadas ante as leis do mundo, vítimas, na infância, do sentimentalismo malfeitor, que as desviaram das suas verdadeiras trajetórias com possíveis traços luminosos, para seguirem por outros rumos de sombras, e amarguras.

Pouca atenção se tem dado ao fato de se abandonar o ser ao sentimentalismo, por ignorar a sua funesta repercussão futura. Mas aqui estão apontadas algumas conseqüências que esse mal apresenta. Urge encarar o problema com visão clara para que sofra formal repulsa o intruso inconveniente.

É indispensável que todos concorram para a elevação moral do mundo e, para isso, cada um terá de fazer a sua parte. Todos se devem esforçar para não permitir o alojamento nos lares dessa nefasta forma de sentimento doentio, o sentimentalismo, infelizmente ainda muito cultivado.

Espera-se que o Racionalismo Cristão não esteja sozinho nessa campanha de recuperação da alma, mas que seja abraçada por todos aqueles que, mesmo sem estar no caminho da espiritualidade, compreendam que se trata de uma medida de alta finalidade cristã.

Não se procura incutir no espírito de ninguém uma idéia original, mas tão-somente chamar a atenção para o mal que o sentimentalismo traz, a fim de que seja evitado. O sentimentalismo não é o único causador de tristes estados da humanidade, mas é um deles e, por isso, tem o lugar neste livro, em que se procura apontar o maior número de causas para os males que afligem todos os povos da Terra.

O momento é de suprema expectativa, porque o materialismo está tomando conta do mundo e terá de ser contido, se não se preferir que, como diz o ditado – “os justos paguem pelos pecadores”. É, na verdade, quando a maioria se entrega ao desfrute das vantagens egoístas, que a maioria descuidada se deixa arrastar para o torvelinho das calamidades. Mas se essa minoria se dispuser a reagir, encontrará, com toda a segurança, apoio Astral, infalível nos seus efeitos redentores.

Assim, combatendo o sentimentalismo, formar-se-á, com o apoio daqueles que a isso se dispuserem, um grupo de escol para o serviço de uma Causa Espiritualista, da mais premente oportunidade.

Adotando cada ser, em sua vida terrena, disposições como esta e, como as demais alertadas pelo Racionalismo Cristão, o mundo se transformará, para oferecer aos seus habitantes, não o cenário atual da inquietude, desunião e sofrimento, mas um clima de paz e felicidade, que corresponda à aspiração de todos.

8. AS INQUIETAÇÕES

Os seres que não se orientam pelos Princípios do espiritualismo estão sujeitos a atravessar a vida sob a tensão ocasionada por profundas inquietações.

Para quem não nasceu rico, nem se fez rico depois, os problemas se avolumam, ante a necessidade de ganhar a vida com o suor do rosto.

O mundo passa por uma fase crítica na história da sua evolução, proveniente do aumento da população, do crescimento desordenado da riqueza e da falta de caráter e honestidade de pessoas responsáveis pelo equilíbrio das massas humanas, na alta administração.

Os homens, em sentido amplo, não possuem diretriz espiritual, e essa circunstância traz conturbação ao estado geral da vida.

Em vão batalham as religiões para conter a avalanche de atos criminosos que surgem em toda parte, mas os resultados são quase nulos, em virtude delas não apresentarem aos olhos dos seus fiéis ou infiéis, em cores nítidas, o quadro sombrio da lei das conseqüências, que se manifesta irrevogável na sua aplicação.

Cientes e conscientes devem estar os seres de que a existência tumultuosa provém da insuficiência de conhecimentos espiritualistas, e de que se não houver decisão de todos para modificarem o atual modo errôneo de encarar a vida, os que estão de cima passarão, no retorno à Terra, a viver a cena dos que estão por baixo, no rigor de leis espirituais.

Uma grande tentativa para conseguir-se a transformação da conduta humana, está na disseminação que se procura fazer dos ensinamentos Racionalistas Cristãos, que se apresentam repletos das mais salutares normas da renovação moral. Estes todos na firmeza de tais postulados fixados pelo Astral Superior, nenhuma dúvida restará sobre a maneira correta de cada um conduzir-se.

As inquietações manifestam-se pelo estado das pessoas gravemente enfermas pela eventual insegurança no emprego, pela insuficiência de recursos materiais, pela falta de trabalho, pelo procedimento incorreto de familiares, pelo uso ou abuso do crédito, pelo resultado das provas colegiais, pelo risco dos negócios, pelo efeito dos descuidos e pelo fato de estarem todos sujeitos à sanha de malfeitores do mais variado naipe, de que está infestado o mundo, quer sejam eles maltrapilhos, marginais ou figurões de casaca.

Veja-se bem: se de fato há os que desejam pautar sua vida por um proceder retilíneo; se todos estão sujeitos a enfrentar um meio, como o da Terra, tão impregnado de fluidos malignos do astral inferior; se a vida na Terra gira em torno de condições desfavoráveis e inquietantes, por que não procurar o caminho da espiritualidade, como meio único de poder-se elevar acima de todas as surpresas, agressões, mazelas e torturas?

As inquietações não de perdurar, não de aprofundar as suas raízes no meio terreno, propiciando estados novos de aflição e de dor, enquanto não se decidirem os seres humanos a pensar alto e a agir com acerto, reconhecendo que as condições harmoniosas que o mundo poderia prodigalizar, foram substituídas por essas inquietações, por força do egoísmo, da vingança, da inveja, do ódio, da malquerença, do desamor que reina por toda parte, em todas as camadas sociais.

Há um desprezo flagrante pelas coisas sérias de ordem espiritual. A tendência está voltada para a matéria e para os falsos prazeres do mundo. Os que se dedicam ao espiritualismo passam, às vezes, por criaturas exóticas, diferentes, estranhas ao bulício da vida. Essa sensação experimentam-na os que não podem irmanar-se com os que evoluíram acima do seu plano e, portanto, do seu entendimento.

O espiritualista só não compactua com as más ações ou a imoralidade; no mais é um ser adaptado a qualquer ambiente. O seu mental está em cotidiano contato com as correntes do seu plano espiritual, onde não há lugar para as inquietações.

Isto não quer dizer que o espiritualista não tenha inquietações de nenhuma espécie na Terra, mas que num mundo em que elas fervilham, muitas e muitas são afastadas e outras consideravelmente diminuídas.

O espiritualista disciplinado e militante, consciente de sua posição no mundo e dos riscos que o cercam, faz jus à assistência Astral Superior, da qual se vale para afastar as inquietações.

Ao contrário, o não-espiritualista, indisciplinado e inconsciente da ação da vida fora da matéria, atrai, com facilidade, a assistência do astral inferior, que dele se serve para induzir-lhe motivos atrozos de inquietação.

O espiritualista tem meios de defesa neste mundo, de que não dispõem os demais. Isto é dito não para engrandecer os espiritualistas, que são simples e desapegados, mas para reafirmar que tais meios de defesa estão ao alcance de todos.

As inquietações são também reflexos do medo. Criaturas medrosas engendram inquietações, que fazem sofrer e levam a angústia a outras

pessoas, igualmente temerosas. Por isso deve combater-se, sem tréguas, o medo, por ser ele um mal pernicioso que dá origem a muitas perturbações. O medo e a temeridade, estão nos dois extremos opostos; ambos devem ser desalojados pela prudência, que é um valioso atributo moral.

Como pensar é atrair, o estado de inquietação gera pensamentos doentios, atemorizantes e negativistas, os quais atraem outros da mesma espécie, que reforçam os primeiros. Evidentemente, cria-se em torno da criatura, segundo a maior ou menor soma de inquietações, um envoltório de pensamentos destrutivos, capazes de ocasionar grandes males.

A inquietação pode apresentar-se, apenas, como um sentimento de alerta e previsão, para o ser acautelar-se, o suficiente, contra uma cilada da própria vida. O que se não deve é deixar misturar-se, com a inquietação moderada, o sentido de pavor, que enfraquece, moralmente, a criatura.

Uma vez que todos estejam bem assistidos pelas Forças Superiores, não há lugar para o temor, pois tudo quanto vier a acontecer, dentro desse esquema, será para o bem do indivíduo, e essa convicção produz tranquilidade e paz – situação oposta à que dá a inquietação mais ou menos exaltada, que nada resolve para melhorar. A calma e a ponderação produzem argumentos judiciosos, em momentos difíceis.

Quase sempre a inquietação provém da falta de confiança em si, e também nas leis universais. Tudo está dirigido no Universo, onde não há acaso. Logo, as coisas na vida, respeitado o livre arbítrio, acontecem, segundo essas leis imutáveis, e, uma vez que se ande em paz com a consciência, nada deve inquietar.

Para varrer a inquietação do espírito, é indispensável ter uma base de entendimento espiritualista, porque não há de ser desconhecendo tudo acerca da vida do espírito ou espiritual, que se irá encontrar a porta de saída do labirinto das inquietações. É preciso estudo para alcançar-se conhecimento, mas com isso não se têm preocupado os que se abstraem, inteiramente, das pesquisas no campo espiritual.

É fundamental que se promova uma reação contra as inquietações que envolvem o mundo, para que se possa gozar de uma vida menos agitada ou mais amena, como, na realidade, constitui o desejo de todos.

Para isso, precisa haver um interesse demonstrável e uma participação efetiva das almas bem formadas, no sentido de dar-se curso a um movimento espiritualista que se espalhe pelo mundo, o que se conseguirá desde que as obras do Racionalismo Cristão sejam continuamente compulsadas, por nelas se encontrarem os ensinamentos

indispensáveis à consolidação do caráter e formação de mentalidades esclarecidas, dotadas de princípios norteantes, que poderão levar as criaturas aos sucessos mais surpreendentes, no trato com o mundo.

O dia de amanhã, com as suas incógnitas, é outra fonte de inquietações. Jesus notava essa inquietação no semblante das multidões. Então, para fazer com que meditassem, mostrava-lhes o exemplo dos pássaros, tão lindamente vestidos com as suas plumagens, nutridos graciosamente pela natureza providencial, e dizia-lhes que se os pássaros, situados numa escala de evolução muito abaixo da do ser humano, se encontravam plenamente amparados pela força da natureza, exibindo-se aos olhos humanos tão bem ataviados e alimentados, como iria o homem descrever de si mesmo, da sua evolução, da assistência do Astral Superior, para duvidar desse Grande Poder e inquietar-se, como se não fora uma partícula inteligente da Inteligência Universal?

Uma vez que o espírito humano é parte integrante do Todo, não pode, de maneira alguma, estar desamparado ou desligado do Todo, que integra; pode ficar em desarmonia com esse Todo, formar como que um quisto na contextura espiritual cósmica, por contrariar as leis naturais, em função do mau uso que fizer do livre arbítrio, e, nesse caso, sofrer dolorosas conseqüências, mas isto não significa que dia mais, dia menos, não torne a harmonizar-se com a Unidade Espiritual, e não receba dela o fortalecimento reparador.

A maneira da criatura não criar, em torno de si, uma vibração que o ponha em desarmonia com a Força Criadora, para que se não sinta desamparada e submersa, em inquietações, é não quebrar as leis naturais e imutáveis da vida, codificadas por Jesus, na sua magistral Doutrina sustentada pelo Racionalismo Cristão.

São leis da vida as do trabalho honesto, as do amor, as da virtude, as da prudência, as do respeito, as da saúde e as demais relacionadas com a moral cristã. Quando, porém, a alma que tomou um corpo físico para atender a uma tarefa terrena, consciente da sua missão, se desvia do seu rumo, com sacrifício do caráter, inevitavelmente será atingida por fortes inquietações, como protesto da própria consciência, que se sente vilipendiada.

É necessário, pois, que o ser humano dê uma atenção muito especial aos atos da vida, conscientizando-se de que todos eles terão a sua repercussão boa ou má, de efeito retroativo, conforme a sua natureza. Não há vantagem nenhuma em pleitear uma regalia que não esteja ao alcance

de quem a pleiteia, usando, para conquistá-la, de meios artificiosos e ilícitos. As conquistas dessa ordem trazem inquietações, além de exigirem reparos futuros, de desditoso resgate.

Há indivíduos classificados de “espertos”, por saberem usar certas manhas, ardis e astúcias para ludibriar o próximo, e com isso se beneficiarem. Ignoram esses imprudentes que os maiores ludibriados, são eles próprios, o que verão quando chegar a vez de pesarem os seus atos e medir a extensão dos malefícios que praticarem.

Assim, a inquietação – pode-se afirmar – tem muitas origens, quase sempre surgindo em consequência de ações emanantes do mau uso do livre arbítrio, algumas vezes provocada por temores, outras por excesso de preocupações. É, no entanto, indispensável a preocupação quanto aos cuidados que devem ser reservados para o cumprimento do dever, a lisura das atitudes e do comportamento e a preservação da integridade moral.

9. OS QUEIXUMES

O gosto de externar queixumes é vício, é mau hábito, resultante de uma educação defeituosa. Os queixumes não resolvem os problemas da vida.

A pessoa queixosa atrai um estado mórbido para a sua natureza, criando, em torno de si, um clima de angústia ou de consternação, e fazendo um papel de vítima, que excita a compaixão.

Quem conhece espiritualismo, sabe que no campo espiritual ninguém paga pelos outros. Ora, se alguém sofre, é, no mais das vezes, porque fez jus a esse sofrimento, que é um bem necessário, e o queixume não tem lugar.

A vida terrena não é um paraíso, todos sabem disso, tanto que nela não há quem não sofra, uns mais outros menos, e não existem exceções para os casos de plena felicidade permanente, aqui na Terra.

Observa-se que há seres encarnados relativamente bons, enquanto outros são profundamente maus. Estes últimos, em existência futuras, hão de forçosamente sofrer mais do que aqueles que se mostram relativamente bons.

Este é o resultado da lei das conseqüências, de que tão bem trata o Racionalismo Cristão. Todos são responsáveis diretos pela vida que levam, seja boa, sofrível ou má, e responsáveis também serão, desde já, pela vida que terão de levar nas existências futuras. Em face dessa realidade, os queixosos só podem queixar-se de si mesmos.

Como a maioria das pessoas é religiosa e as religiões não dispõem de conhecimentos espiritualistas para revelar a realidade dos fatos, ficam os lamurientos a se queixarem da vida, dos outros e até de Deus!

Queixam-se os homens, na luta pela vida, dos patrões, dos companheiros de trabalho, do serviço, do transporte coletivo difícil, enquanto as mulheres soltam gemidos diante de um tanque de roupa, lamuriam-se ao esfregar uma pilha de panelas, suspiram ao lado de um ferro de engomar.

O que torna mais enfadonha a tarefa, é o fato de ter de repeti-la, dia após dia, sem interrupção, rotineiramente, desesperançadas de que a cena venha a modificar-se para melhor.

Por isso, o mundo Terra não é um paraíso, e tendo essas tarefas apontadas de ser cumpridas, o melhor é que o sejam sem lamúrias, e compreensivamente.

Deixar de fazer uma certa tarefa para substituí-la por outra menos estafante e igualmente útil, sem acarretar prejuízos de ordem material e moral, é providência que se pode bem admitir, mas trocá-la pela ociosidade é ato que repercute condenavelmente.

A única maneira de merecer-se, na encarnação futura, uma situação mais bem aquinhoadada, um viver mais próximo das aspirações acalentadas, é conduzir-se, na encarnação presente, consciente de sua tarefa-missão, executando-a bem, embora ela seja árdua e difícil. Deve, pois, a criatura enfrentar os seus problemas com resignação, às vezes com estoicismo, nunca reclamando de mau humor, em meio de resmungações e queixas.

A espiritualização que se propõe aos interessados tem o fim de fazer com que aqueles que não precisem mais de arrancar pedras com as mãos, se preparem para novas e melhores incursões nas encarnações futuras.

Quando se tem, na encarnação presente, uma cruz muito pesada sobre os ombros, atente-se para o caso de ela representar um amontoado de dívidas que a própria criatura deseja espiritualmente resgatar, e quem paga dívidas não geme, antes se alegra. Pode admitir-se a tristeza, ao adquirir a dívida, mas a sua liquidação traz sempre euforia e prazer.

Os queixumes de criaturas lamuriantas – e tantas há por aí – só desaparecem com a transformação mental que há de operar-se com o esclarecimento. Para os que demonstrem gosto em levar uma vida de queixumes, nada há a fazer. Esses entregam-se ao vício das lamuriações, e sentem alívio com elas. O alcoólatra também sente alívio quando bebe, o fumante quando fuma, e assim por diante.

Os lamentadores aos poucos, vão modificando, para pior, os seus traços fisionômicos; a velhice, para estes, chega mais depressa; as doenças que se lhes manifestam pela predisposição psíquica, e mais as que criam pela imaginação, oferecem-lhes manancial abundante para fertilizar a mente de lamentações.

As discórdias no lar têm origem, não poucas vezes, nos queixumes. Quando o marido põe à disposição do lar o seu ganho, não há por que se queixar a esposa de não ter mais dinheiro para satisfazer os seus anelos. Os maridos às vezes se exasperam pela pressão que recebem no sentido de ganhar mais, quando não podem, e é aí que entra em ação a incompreensão e a intolerância.

As moças casadoiras quase nunca pensam nos encargos e sacrifícios que lhes irá impor a vida matrimonial. Por isso, levam depois a lamuriar-se e a dizer que “se soubessem que o casamento era isso, não teriam se casado”. Tornam-se, então, infelizes, e fazem a infelicidade do marido e a dos demais que com o casal tiverem de conviver. Isto se dá por falta de preparo espiritual.

A vida de dona-de-casa pobre ou semi-remediada, é sumamente penosa. Mas não é tão má como ir para a guerra, permanecer num campo de concentração ou ficar viúva com filhos menores para criar; estes acontecimentos também ocorrem no mundo em que as torturas abundam, assim como as maldades.

A criatura precisa conhecer a vida espiritual para não dar um passo em falso na vida terrena, e não se iludir com os acontecimentos que se irão desenrolar, a fim de não temer a contribuição que lhe irá ser solicitada, que pode ser de grandes renúncias e sacrifícios.

Com este preparo prévio, não se lamentará, e saberá suportar o peso dos encargos, com visão esclarecida, certa de que bem conduzidos os fatos, uma vida muito melhor virá depois, como resultado do fiel desempenho da anterior.

O indivíduo lamurioso não é agradecido. Ele ignora que a sua posição desfavorável numa existência terrena, significa uma oportunidade para desembaraçar-se de um estado deplorável que o acometia no Astral, e do qual só vira a livrar-se, desfazendo, como encarnado na Terra, as origens daquele mal.

Logo, deveria regozijar-se, por saber que ao fim do curso ficará em condições psíquicas de usufruir vantagens espirituais que aquele estado não lhe permitia desfrutar.

O lamuriento é, pois, um cego espiritual que está sempre descontente, um insatisfeito que ambiciona o que os outros têm de bom, e sente-se infeliz com as suas próprias carências. O período de uma existência terrena, representa tudo para ele, de modo que esgotado esse período, pensa que está, de uma vez por todas, inibido de alcançar aqueles anseios que a sua alma acalenta, anseios irrealizáveis na sua existência presente, mas, de certo modo, exequíveis em vidas posteriores, se não tiverem o aspecto de uma fantástica utopia.

Convém que se diga que a mulher assume na vida terrena, com especial destaque, um papel de profundo sacrifício na manutenção econômica e moral do lar, com os seus múltiplos problemas, da mais

variada espécie. É certo que antes de encarnar, ao tomar ciência das lutas, sofrimentos e resignações que a esperam na Terra, tem de armar-se de uma disposição forte, para não recuar nem se intimidar com a perspectiva.

Isso de dizer-se que a mulher é o sexo fraco, não passa de uma pilhéria. Ela, como espírito, não tem sexo, e depois é preciso que esteja revestida, espiritualmente, de muito valor, para sentir-se com coragem de enfrentar e ganhar a batalha terrena.

É verdade que há as que fraquejam e as que fracassam, mas não são a maioria; entre aquelas, estão as que derramam queixumes copiosos, sem nada entender da vida, desviadas daquela diretriz que as haveria de conservar sintonizadas com as vibrações espirituais da região astral de onde vieram.

Importante é não esquecer que uma existência terrena é como que um instante na vida eterna, o que vale dizer que todos terão um número incontável de outros instantes ou existências, além daquele que estiver sendo vivido.

Por isso, vale a pena saber viver, inteligentemente, com valor e desprendimento, aquele lapso de tempo, amargo correspondente a uma existência dolorosa, para que, com o melhor aproveitamento, não se reproduzam mais, em vidas subseqüentes, aquele angustioso instante.

Cada qual é responsável pelo sofrimento por que passa, numa vida desfavorecida, e de ninguém tem de queixar-se; se não pode modificar a situação, o racional, o lógico, é procurar conduzir-se da melhor forma possível, sem agravar o estado melindroso do momento. Os queixumes nada ajudam, de nada valem, ao contrário, complicam, conturbam e obscurecem a razão.

Tudo se deverá fazer para evitar criar-se um cenário inspirador de queixumes, em que se tenha nele de viver. Na trajetória programada da vida, não é constante estarem incluídas certas fases dolorosas, as quais podem apresentar-se depois, em virtude de, pirronicamente, a criatura teimar em enveredar por um certo rumo, por onde não deveria ir. As conseqüências se manifestarão prontamente, em obediência à lei de causa e efeito.

Os queixumes não só podem ser evitados, como eliminados, com a espiritualização, que dá a compreensão e o entendimento preciosos para todas as horas, e a fortaleza espiritual indispensável, nos momentos difíceis. Conquanto as lutas, as contrariedades, os revezes sejam enormes, não faltando a espiritualidade, tudo se torna mais leve e suportável, a

calma assegura maior tranqüilidade, e a criatura, no meio do vendaval, sabe para onde vai, em que terreno pisa, e que, por trás da borrasca que atravessa, estão os prados iluminados pelo Astro-Rei.

Este conhecimento deve ser posto em prática, para dar bom resultado. O espírito vigilante não deve permitir que a onda de gemidos que envolve o mundo o atinja, e não fará coro com ela.

Os lamuriosos estão por toda parte, a fornecer corrente para engrossar as faixas vibratórias dos queixumes, as quais só desaparecerão, se as suas fontes forem extintas.

Cada lamentador ativo, é uma dessas fontes, que há de secar um dia, com o predomínio da espiritualidade.

10. AS DISCUSSÕES

Nada há que mais afete a estabilidade de uma amizade, do que a discussão. Os seres temperamentais estão sempre prontos a promover discussões. A troco de “dá cá aquela palha”, abre-se uma contenda. Numerosos casamentos foram à falência, por causa de querelas. Ninguém quer “dar o braço a torcer”; ao contrário, querem que os outros aceitem e adotem as suas opiniões. Chega até ao extremo de julgar que quem pensa de modo diferente não é amigo, e na primeira oportunidade, lanceta-se esse amigo.

Não deixa de ser doloroso constatar-se essa faceta de pequenez no ser humano. – E que fazer? Revidar, vigorosamente, o ataque? O melhor é não discutir, procurar reconhecer até que ponto chega a capacidade de compreensão do ególatra, e tratá-lo, humana e cristãmente, como convém.

Não se deverá interpretar mal a frase que diz: “da discussão, nasce a luz”. Discussão, aí, tem um outro sentido; trata-se de ventilar uma questão, de esmiuçar um assunto, de pesquisar uma parte oculta da ciência. Essa discussão é proveitosa e necessária.

A discussão maligna brota do convencimento da presunção, da exagerada limitação de conceitos, que fazem do homem e da mulher criaturas, excessivamente pretensiosas. O espiritualismo deve, neste mundo primário, levar o indivíduo a reconhecer o pouco que sabe em face do muito que terá de aprender, para não assumir uma enganosa atitude, ao pensar que, pelo fato de haver-se inscrito nas lides espiritualistas, tornou-se senhor absoluto do saber, capaz de sentenciar sobre todos os assuntos!

Para alertar contra esse ridículo, antepõe-se o Racionalismo Cristão, doutrina profundamente realista, demonstrando que o espiritualista terreno é um aprendiz, simples, conformado com os seus limitados méritos, atencioso, amigo do seu amigo, respeitador e incapaz de farpear o seu semelhante com discussões contundentes ou com indiretas desconcertantes.

É preciso sempre respeitar a opinião alheia, levando em conta que não há dois seres com pontos de vista exatamente iguais, porque no mundo Terra não existe nada rigorosamente igual. As impressões digitais são testemunho disso. Logo, as razões que um determinado ser encontra para sentir a vida de um certo modo, não são, em regra, as que um outro sente.

Partindo desse princípio, chegar-se-á à conclusão de que há uma razão própria para cada ser que o habilita a raciocinar de maneira um pouco distinta da do seu semelhante. Por isso, há de se respeitar o ponto de vista de cada um, sem desejar impor-lhe a sua maneira de ver, e nunca levar a intransigência para o caminho da discussão.

Esta afirmativa não implica dizer que não existem idéias comuns a numerosos seres; dessas idéias comuns é que surgem as seitas e religiões, os partidos e as associações, as correntes de confraternização e de solidariedade, entre as quais a dos adeptos do Racionalismo Cristão.

É no seio da família, porém, que as discussões são mais freqüentes e os resultados mais desastrosos. Sabe-se que numa mesma família encarnam seres de diferentes graus de evolução e, em muitos casos, são espíritos que, em encarnações pretéritas, tiveram cruéis desavenças, as quais os separaram pelo sentimento do ódio.

Ora, esse ódio precisa ter destruído, e a maneira sábia de conseguir essa destruição é reuni-los pelos laços do sangue, para que se estimem, se ajudem mutuamente, se confortem pela solidariedade comum, participem das mesmas alegrias e se compreendam para a solução de seus problemas íntimos.

Este conhecimento, que todos precisam ter, as religiões não possuem para oferecer; é por falta dele que a desinteligência nos lares se revela, que os choques se produzem, freqüentemente, entre os seus membros, com discussões estéreis, por intolerância, por impertinência, pela recriminação ostensiva e pela mania deliberada de dar o contra, de discordar, de desfazer e de arreliar.

A vida em certos lares torna-se, assim, um “inferno”, sendo as discussões, a fogueira. Velhos inimigos de outras existências, em lugar de se irmanarem na paz construtiva do lar, já que tiveram essa especial oportunidade, passam a reviver um passado sinistro e a destruir uma encarnação inteira.

Não pode haver amizade sem simpatia, nem simpatia com discussões. O lar é a célula indicada para desenvolver-se, ali, o sentimento da amizade. Deve-se, pois, combater, intransigentemente, qualquer ação que possa empanar o brilho de uma amizade verdadeira, sincera e perene. Todas as criaturas têm algo de bom, mesmo as mais agressivas; enquanto o padrão da moralidade for sustentado, tudo o mais pode ser considerado como de segunda ordem, e passar por baixo da ponte da tolerância.

A discussão constante produz grave desgaste da vida anímica, descontrola o sistema nervoso, predispõe o organismo para as doenças, envelhece prematuramente, transforma a fisionomia, emprestando-lhe um aspecto desagradável e atrai, como um imã, as falanges do astral inferior.

O hábito da discussão é pernicioso, desagregante e destruidor. Desarmam-se os lares com a quebra dos laços conjugais, por culpa das discussões. Quando começam, tendem a prosseguir até um final rompimento entre as vítimas. Sempre surge um motivo para dar origem a uma nova discussão, quando as velhas vão ficando muito batidas. O costume de discutir torna-se um vício, uma obsessão.

O tormento da discussão invade o domínio da tranqüilidade, para estabelecer o desespero, a angústia e a desorientação. É um dos males piores que a criatura pode sofrer, criado por ela mesma, pela sua incompreensão, pela falta de conhecimento da vida e por não haver despertado para a espiritualidade.

Impõe-se, assim, uma educação espiritualista para vencer a tendência que acomete a criatura de discutir, ao menor pretexto. Muitas vezes, trata-se de pessoas revoltadas, frustradas, desiludidas ou desenganadas, que num estado de permanente inconformação, procuram desabafar, abrindo as válvulas do inconformismo, e com tal azedume na lama, são do contra, atoladas num pessimismo destruidor.

Vê-se, por aí, que a tendência de discutir reflete um mau estado psíquico, de conseqüências perigosas. Muitas inimizades e crimes de morte, tiveram origem em discussões, assim como o cultivo do ódio, que é um sentimento inferior, prejudicial, altamente corrosivo para quem o alimenta.

As discussões envenenam a alma, destruindo o que a vida oferece de melhor, que é o amor cristão. Se todas as criaturas fizessem consigo mesmas um compromisso de honra de não discutirem com o seu semelhante, nem que as assaltem as mais ousadas tentações, estariam prestando um serviço de valor inestimável a si mesmas, e à coletividade.

Os que atizam as discussões andam, por aí, à solta, quase todos manejados pelo astral inferior, mas cabe a cada um dos esclarecidos interpretar a situação racionalmente, e esquivar-se, com sabedoria, de servir à sanha dos malvados, ou seja, dos seres embrutecidos pelo mau uso que fizeram e continuam fazendo do livre arbítrio.

A discussão excita e exalta, a serenidade se escoia, os ânimos se agitam e as palavras saem sem a devida regulamentação, intempestivamente,

ocasionando lamentáveis dissensões. Tudo isso é imensamente desagradável, por criar um clima de desarmonia, de descontentamento e de dor.

O mundo oferece tantas cenas dolorosas, das quais nem sempre se pode fugir, que nada justifica que se agrave, ainda mais, o drama da vida, introduzindo nela discussões que abalem os propósitos de felicidade, formulados sob o encantamento de promissoras reservas acumuladas no esforço da longa jornada pela corrida.

Muitas discussões resultam de queixas amargas, curtidas, lentamente, e não faltarão motivos para se queixarem uns dos outros, se se quiser dar valor a elas. Todos os encarnados são imperfeitos, e quanto menor o grau de evolução que tiverem, maiores podem ser os seus defeitos.

Mas é preciso não desejar o impossível, isto é, que o indivíduo que dá mostra de pouca evolução, proceda como se fora grandemente evoluído. Por isso, chama-se a atenção para a tolerância que se deverá ter para com aqueles que ainda engatinham na escala do desenvolvimento espiritual.

O certo é que só a espiritualidade eleva o indivíduo, e grande parte da massa humana está alheia a essa verdade, sendo poucos, relativamente, os que se acham em condições de compreender a realidade que a espiritualização revela.

Os que, porém, divisa algo além do que o comum dos seres pode alcançar no campo espiritual, precisam dar todo o concurso que a verdade sustenta, através dos ensinamentos espiritualistas.

Se os que vieram ao mundo fizerem a sua parte corretamente, o procedimento se alastrará, e aos poucos irá se estendendo e ganhando mais terreno. Cumpra aos seres esclarecidos incutirem nos incautos a idéia dos riscos das discussões, da sua inutilidade, do seu prejuízo e da desgraça que tantas vezes acarretam.

Se os efeitos das discussões fossem melhor conhecidos, se neles mais se meditasse para se tirarem as conclusões que aqui se acham expostas, é certo que calamitosos desfechos na vida de muitos seriam evitados.

Deixe-se que discutam os ébrios, porque esses, nesse estado mórbido, são irresponsáveis, mas as criaturas conscientes e valorosas devem conduzir-se com a necessária fortaleza de espírito, para não consentirem que a traição as apanhe desprevenidas e atinja, pela forma de discussões, para arruiná-las, com a infiltração desse veneno fatal. O perigo das discussões, é, geralmente, subestimado, mas as suas conseqüências são bem conhecidas dos espiritualistas.

Há necessidade de focalizar-se este assunto, porque a importância em eliminar o mau hábito de discutir é grande; ele afeta todo o sistema educativo cristão, e ofende os refinados princípios da ética espiritualista. Bani-lo dos hábitos comuns da vida é um dever que assiste a todo bom cidadão.

Cada indivíduo deverá instituir, para a sua conduta, uma série de normas racionais, inspirados no bom entendimento da cultura espiritual, e nesse sentido nenhum lugar pode ser concedido a hábitos condenáveis, como os de discutir.

Fora da disciplina Racionalista Cristã, é muito difícil desvencilhar-se alguém do mau gosto de discutir, por estar ele associado a idêntico prazer, alimentado pelos seres infelizes do astral inferior, os quais exercem ação predominante sobre os contendores.

O primeiro passo para subjugar o mal de discutir, é esforçar-se a criatura para libertar-se dos seus hábitos viciosos.

O Racionalismo Cristão, com a sua disciplina peculiar, vem introduzindo os meios para tão salutar libertação.

11. A RELIGIÃO

Tem-se por religião um conjunto de regras dogmáticas, ritos e liturgias, cujas modalidades variam, dando origem a diferentes crenças.

Elas valem pelo que produzem no sentido de contribuir para a moralização de hábitos e costumes, e pelo que possam pugnar pela constituição da família e pela educação dos filhos, dentro de um regime limitado aos conhecimentos que possuem.

O mal maior é dedicarem à parte adoratória uma atenção muito maior do que a que diz respeito ao procedimento irrepreensível que todos devem manter na Terra, por estarem os seus membros persuadidos de que o Deus que veneram está muito mais interessado na adoração que lhe tributam, do que no fiel cumprimento dos deveres que tocam a cada um.

A Inteligência Universal não deseja ser adorada, uma vez que não é vaidosa. As leis que dela emanam, se houvesse esclarecimento, fariam que cada indivíduo executasse a sua parte, corretamente, nas lides cotidianas.

Há leis para cada plano de evolução, como as há para o mundo físico. Portanto, a melhor maneira de prestar-se homenagem à Força Criadora, é colaborar na obra universal, trabalhando ativa e honradamente, servindo à causa comum com desprendimento e simplicidade e cumprindo o que determinam as suas leis.

A religião deveria ser, por excelência, a da fraternidade, a do companheirismo, a da cooperação eficaz, à da lealdade, a da operosidade, a do amor cristão, a da honestidade, a da compreensão, a da humildade. O simples ato adoratório não passa de uma farsa.

O melhor meio de agradar-se a uma pessoa, não é trazer o seu retrato acorrentado ao pescoço, num gesto exibatório, mas respeitá-la, cooperar com ela, solidarizar-se com as suas atividades, empenhar-se pela sua felicidade. A religião contemplativa há de ceder lugar à religião dinâmica, de ação, de movimento construtivo, de atividade produtiva.

A Força Criadora não tem religião senão a do Trabalho, que produz evolução na constante transformação do Universo.

Cada criatura é uma partícula desse Poder, dessa Força Criadora, e precisa agir como seu reflexo, ao externar as suas propriedades espirituais.

Esta espécie de religião todos devem cultivar, porque só por ela se poderá chegar à meta, à suprema Evolução. Esta é a religião de todos os Espíritos evoluídos que habitam o Astral Superior.

A aplicação diária dos princípios Racionalistas Cristãos, vale por todas as religiões, pelo que eles possuem de elevado, sem a intromissão de práticas e conceitos materialistas que a desvirtuam.

Os que cumprem rigorosamente os seus deveres, que pautam a sua conduta pelas normas da retidão e agem na vida com humanidade, respeito e amor ao próximo, terão na alma o conforto, a serenidade e a confiança no futuro, que as promessas de venturosas imagens celestiais não poderão conceder.

Isso demonstra que o que mais vale é a bem orientada ação do indivíduo, segura, prudente, honesta, e não, como geralmente se pensa, a liturgia, tão do agrado dos que apóiam as pompas, as alegorias místicas e exterioridades ostensivas e faustosas.

A religião materialista mostra-se como se fora uma contingência da vida social, da vida mundana, sem aquele significado confirmatório da pureza interior, que faz com que as pessoas se revelem irreduzíveis no propósito firme de não se associarem ao erro, à negligência e ao descaso pelas coisas sérias da vida.

Eis a razão por que o Racionalismo Cristão não é religião; a sua estrutura não obedece a nenhum esquema religioso, e pelo fato de ser Cristão, não quer dizer que tenha base religiosa. Este esclarecimento torna-se necessário para se evitarem confusões, e a bem da verdade.

Ninguém, no Racionalismo Cristão, está proibido de ler tudo quanto as religiões indicam; ao contrário, têm todos, para isso, plena liberdade. Não há nele o temor de ficarem confundidos os seus adeptos com as contradições que as várias religiões apresentam. Essas confusões não atingem os Princípios da Doutrina, que são claros, precisos e evidentes. Não há a mais leve sombra de receio de que um ser, uma vez esclarecido, venha a perder o esclarecimento conquistado.

Não se desconhece que em muitos, a religião formalística exerce a sua influência atemorizante; representa um freio, uma contenção para quem não dispõe de recursos individuais para, por si só, fazer frente às tentações do mundo. Evita-se, com ela, um mal com outro mal.

Isto porque a esses que se sentem frágeis para resistir aos convites da matéria, a religião antepõe uma resistência, ou por meio de ameaças aos horrores do inferno, ou criando o temor pela suposta ira de Deus. São como as crianças a quem alguns enganam com histórias do bicho-papão, para impedir que desobedeçam, mas nelas criando um complexo de covardia.

A religião, origina, assim, um sentimento de timidez muito prejudicial, pois, na encarnação próxima seguinte, o tímido terá de sofrer as contingências desse estado.

Deve reconhecer-se, no entanto, que só é possível ao indivíduo desapegar-se da religião convencional, depois que adquirir conhecimentos espiritualistas suficientes para desvendar-lhe o “mistério” da vida. Enquanto ele estiver envolvido pelas tramas desse falso mistério, há de sentir uma vacilação permanente diante do desconhecido, vislumbrado em campo astral, e encontra algum consolo nos imaginários panoramas celestiais, que as religiões sustentam. Como se vê, estão elas as religiões, apoiadas em bases falsas e insustentáveis, face à realidade dos fatos.

Como, porém, sem espiritualidade a vida terrena é um amontoado de ilusões, entende-se porque a religião, tal como se apresenta na Terra, concorra, com a sua parcela ilusória, para fortalecer o materialismo reinante.

As fórmulas religiosas atendem bem aos anseios das criaturas mundanas, que desejam ver acomodadas as suas aspirações terrenas, egoístas, gananciosas e usurpadoras, aos preceitos chamados divinos, como o do perdão.

Sendo um organismo plasmado pelo homem, a religião se divide em tantos ramos quantos são os moldes que se ajustem às várias índoles dos indivíduos. Cada grupo, com o seu modo de sentir e ver, encontra num dos ramos aquela soma de promessas que melhor o satisfaz. Promessas irrealizáveis e vãs, acalentadas pelo estímulo de uma fé que se extrai do inverosímil.

Estas palavras não são dirigidas aos religiosos que ainda precisem viver nessa fase de ilusórios encantamentos, mas aos despertos, que reconhecem a sua união com a Força Criadora, como suas partículas integrantes. Estes últimos encaram a vida com a indispensável realidade, sem temores, e com o desejo de conhecer as coisas na sua verdadeira expressão.

Para muitos, a religião representa um veículo na vida social, e nada mais, com o qual se podem fazer exhibições, sob o pretexto de uma mistificante devoção. A religião em nada se assemelha àquela simplicidade evocativa de espiritualidade, tão bem caracterizada no procedimento do Mestre Nazareno.

Jesus não fundou nenhuma religião, limitando-se a difundir ensinamentos de elevada moral, com o propósito de orientar os que quisessem seguir

pelo caminho da espiritualidade, dando exemplos de humildade dignificante e demonstrando a força do pensamento e fortalecer o espírito de renúncia e a estimular o desapego pelos atrativos mundanos, ao exaltar as virtudes espirituais e eternas que todos possuem e precisam revelar e desenvolver.

Veja-se, com olhos de bom entendimento, a existência da religiosidade, que tem a sua razão de ser, no estado em que se encontra a maioria dos seres encarnados; ela satisfaz o anseio de muitas almas, que não estão preparadas para receber outra disciplina. Se todos estivessem num mesmo grau de evolução acima do que oferecem as religiões, então seria compreensível que elas estivessem superadas.

Mas não é esse o caso.

Os seres encarnados estão distribuídos por vários graus de evolução, conquistados em longa jornada, por onde se constata as inclinações espiritualistas ou sectaristas nas camadas humanas.

Não há crítica a fazer aos religiosos profundamente devotados às suas seitas, porque eles estão no seu caminho e necessitam de percorrer a estrada em que se acham colocados, para atingir, mais adiante, outros pontos, de onde descortinarão novas perspectivas.

Quando se aprecia o assunto “religião” nas obras Racionalistas Cristãs, não se cogita, de modo algum, de atacar quem quer que seja, nem desfazer as inclinações de foro íntimo de cada um, sempre respeitáveis, mas unicamente expor verdades conhecidas no terreno do espiritualismo que possam ser úteis aos que delas tomarem conhecimento.

Com insistência sempre se recomenda que quando não agradarem os ensinamentos disseminados pelo Racionalismo Cristão, cabe deixar que fiquem à margem, para outra ocasião.

Não se deseja, em hipótese alguma, estremecer a “fé” dos sectaristas que dela ainda precisem para melhor viver.

O Racionalismo Cristão é uma Doutrina liberal, quanto ao modo de respeitar o ponto de vista alheio, e também não estabelece limitações para que o seu seja conhecido, divulgando-o, para isso, em suas obras, com o objetivo de ajudar o semelhante a encontrar-se a si mesmo, como Força e Matéria; assim procede, por dever de solidariedade humana e de amor cristão.

Sigam todos sempre adiante, à procura de dias melhores, certos de que o espírito que bem procede encontrará maior felicidade. A evolução virá com o esforço que nesse sentido for empregado. Fugam os religiosos

do fanatismo, da obsessão, das limitações doentias, da estreiteza de vistas. Não sejam exclusivistas, não se julguem seres privilegiados, dizendo-se “filhos de Deus”.

Procurem ir abrindo, aos poucos, os olhos da alma, para verem mais distante. Tratem de não ficar jingidos a leituras que só mostram uma face da moeda, e procurem ver e examinar o que há do outro lado. Tenham confiança na Sabedoria que os há de iluminar. Se não procurarem a iluminação, nunca chegarão a ela.

Jesus dizia: – “examinai todas as coisas, e retende o que for bom”. Ora, como se poderá examinar alguma coisa, sem leitura, sem estudo, sem pesquisa? Como é que o Racionalismo Cristão se empenha para que todos estudem, pesquisem, leiam e analisem, e ninguém ali se perde, por causa disso? Pergunta-se aos religiosos: não lhes parece que os que merecem semelhante liberdade de ação, mostram-se, em realidade, bem seguros dos seus conhecimentos?

A intenção do Racionalismo Cristão é a melhor possível. Não há ali interesses pessoais e subalternos. Não procura sócios contribuintes, não sustenta a sua Doutrina à base de coletas, nem de comercialismo de qualquer espécie. Também não se pedem esmolas para os pobres, nem dízimos para o Senhor. A Força Criadora não precisa de coisa alguma, de ninguém, muito menos de dízimos, nem tão pouco de receber esmolas para ter com que alimentar os necessitados.

Não se pode, em sã consciência, conceber a Inteligência Universal na dependência de migalhas e mesquinhas humanas.

12. A REENCARNAÇÃO

Corre, entre as seitas denominadas cristãs, a falsa idéia de que só os espíritas admitem a reencarnação. Muitas outras seitas e religiões conhecem a realidade sobre as reencarnações.

A reencarnação é um ato implícito nas leis da evolução, e quem aceita a evolução como um desdobramento racional da vida, não pode deixar de reconhecer na ação reencarnatória, um processo evolutivo.

Evidentemente, como pode alguém evoluir do estado selvagem, como o de um índio ao de um sábio, sem ser por via de numerosas reencarnações? Isto, sem levar em conta o que se passa, em matéria de evolução, antes da partícula da Inteligência Universal encarnar num corpo humano.

Aqueles que obstinadamente insistem em não aceitar a lei da reencarnação como uma verdade, não passam de cegos propositais que tudo fazem para não enxergar o que se apresenta com tamanha evidência, e contribuem, com essa infeliz atitude, para a manutenção do espírito comercialista das religiões que falsamente se intitulam Cristãs e vendem bilhetes de ingresso no hipotético reino dos céus.

Adquirem-se esses ingressos, segundo tais seitas, (e isto no século vinte), lavando os pecados com perdões concedidos por sacerdotes, com a encomenda de corpos humanos, com batismos “efetuados em nome de Deus”, com missas e exéquias, tudo, é claro, proveitosamente remunerado.

Como o reconhecimento das reencarnações acabaria com essa preciosa fonte de renda, provinda de tais práticas, então o melhor é negar tal preceito prejudicial aos interesses econômicos da seita ou seitas às quais pertencem os responsáveis por este mercantilismo, em que o sacerdote não passa de um profissional comum da vida material.

Crer na reencarnação, segundo os que adotam critério ardiloso, é ser espírita, ser espírita é ter parte com o demônio, e ter parte com o demônio é estar irremediavelmente condenado às fogueiras terrificantes do inferno, para todo o sempre.

Realmente o quadro arquitetado com a argamassa da ignorância é espantoso, e aqueles que se sentem inseguros sobre a verdade da vida, atemorizam-se, e ingenuamente preferem não acreditar na realidade proclamada, ainda que esta atitude contribua para a sua infelicidade.

– Como poderiam explicar os não-reencarnacionistas, que admitem a presente como a única existência terrena, as diferenças desconcertantes que se verificam entre os seres humanos, todos oriundos do mesmo Criador?

Por que rastejam uns sobre a face da Terra, em corpos monstruosos, enquanto outros desfrutam as maiores regalias que o mundo pode oferecer?

Que Deus é esse que comete a bárbara injustiça de tratar os seus filhos com tão estúpida desigualdade? Que critério absurdo é o desse Deus que coloca seres da mesma origem uns ao lado dos outros, para cotejo humilhante, em corpos deformados uns e esculturais outros?

No íntimo, para os não-reencarnacionistas, esse só pode ser um mundo aviltante, organizado por um Deus inconsciente, sem noção de justiça, protecionista parcial, digno da repulsa de todos aqueles que vivem, miseravelmente, no charco das mazelas, nos “vales das lamentações”!

É comum esbarrar-se com indivíduos que tangidos pelos maiores sofrimentos, e educados na ingloria mística da igreja, blasfemam contra Deus e injuriam-no, naquele desespero compreensível da própria incompreensão! Na realidade, não pode haver compreensão diante do que a vida a todos mostra, fora do entendimento, claro e racional, revelado pela evidente lei das reencarnações.

Nada mais justo que cada um pague o que deve, desde que haja sentimento de responsabilidade, pois a lei das reencarnações está baseada nesse princípio simples e justo, de cada um resgatar, por si ou à sua custa, aquilo que deve. Os débitos e os créditos são apurados, em cada existência, pelo espírito desencarnado, quando retorna ao seu mundo de luz, e pelo resultado dessa apuração, será relativamente feliz ou infeliz na existência seguinte.

Quando o ser não tiver mais possibilidade de contrair débitos na existência terrena, em virtude da suficiente evolução adquirida, não reencarnará, daí por diante, porque a vida terrena não lhe poderá mais ser de nenhum proveito, no sentido de aumentar a sua espiritualidade.

Neste caso, prosseguirá em plano astral a desenvolver a sua evolução, em outras condições de vida, só reencarnando um ou outro ser desse grau, excepcionalmente, em missão de sacrifício espontâneo, para ajudar os da Terra a acelerar a sua evolução.

Tenha-se em mente que enquanto não se torne o ser insensível aos atrativos terrenos, enquanto tiver desejos de atirar-se a eles, o fará como se caísse numa armadilha, inconscientemente.

Os ilusórios atrativos terrenos possuem o dom de enfiar a criatura sedenta de uma enganosa felicidade, que se extingue, quando reconhecida a sua precariedade. Para a satisfação desses anseios, o indivíduo mal orientado comete todos os desatinos e carrega-se de pesados débitos, os quais representam capital corrosivo, que terá de desintegrar-se no curso de encarnações futuras.

As criaturas bem orientadas, precavidas e prudentes, exercitantes da força de vontade, que não se deixam magnetizar pelos falsos encantos da luxúria e adotam uma norma de vida pautada por princípios espiritualistas, não se deixam enredilhar pela astuciosa mentira escondida por trás da provocante trepidação terrena.

Enquanto, porém, a criatura for incapaz de impedir a formação de um débito no curso de uma existência terrena, até tornar-se imune, pela ação da vontade, ao vírus que produzirá o débito, estará sempre a aumentar o seu passivo.

Todos os que por aí andam entregues aos amáveis convites terrenos, saturando-se dos prazeres que eles proporcionam, surdos à voz da consciência espiritual, estão bem enleados nas malhas das armadilhas mundanas, preparando a sua volta à Terra para novos e diversificados cursos purificadores.

O espiritualista não encontra nenhum prazer em numerosas regalias mundanas, que constituem um supremo deleite para o materialista gozador. É uma questão pura de grau de evolução.

O materialista gozador vai deixar de ser o que é para tornar-se um espiritualista, com o correr dos tempos; esse dia chegará, com toda a segurança, como seguro é o conhecimento que está tomando desta Verdade, neste instante, o pesquisador de assuntos espiritualistas.

Encarregar-se-á disso o mundo-escola, o planeta Terra, que, para cada encarnação do indivíduo, lhe oferece um ambiente propício ao ajustamento que se deverá operar.

Há indivíduos que reencarnam dezenas de vezes para conseguir uma dose da evolução que poderia ter sido conquistada uma única vez. Os espíritos do Astral Superior, que acompanham a evolução dos seres na Terra, são de uma paciência inesgotável, face ao respeito que têm pelo livre arbítrio de cada um.

Acontece, porém, que, como as leis universais tudo prevêem, os morosos papalvos e os recalitrantes desvirtuadores da moral cristã, estão sujeitos, sempre, aos resultados da incúria por eles imprevisível, de profunda percussão na sua trajetória evolutiva, da mais funesta consequência.

Não vale a pena abusar das condescendências aparentes, conservando uma mentalidade retrógrada, dando de ombros aos avisos da prudência, descuidando-se da vida espiritual, fechando os olhos à realidade das reencarnações, para obter, como desfecho, uma reprovação sumária no curso do aprendizado terreno.

As reencarnações são necessárias, porque no mundo astral correspondente ao seu grau evolutivo, em que todos os habitantes têm, pouco mais ou menos, a mesma evolução, não dispõe o espírito de meios para pôr em cheque as suas falhas e defeitos, a fim de poder corrigi-los e eliminá-los. É no mundo Terra, onde estão encarnados espíritos de vários graus de evolução, que se pode contar com os recursos mais indicados, para resgatar os débitos e evoluir.

As criaturas filiadas às seitas e religiões não podem conceber o espírito encarnado; para elas, o indivíduo é o que se vê em porte físico, em imagem material, tanto assim – diz a Bíblia – que, no dia do juízo final, os mortos vão ressuscitar. Mas, quando se sabe que cada espírito teve já milhares de corpos físicos, contando-se um deles para cada encarnação, a tal ressurreição, na forma concebida pelos religiosos, não passa de um conto-do-vigário.

As reencarnações compreendem uma operação admirável da Inteligência Universal, por meio da qual cada uma de suas partículas, após ingressar no reino hominal, promove a sua evolução com os recursos inatos e latentes que possui, e que são da natureza dos do Poder Total.

Cada partícula dessas tem de fazer desabrochar os seus poderes interiores, as suas qualidades espirituais latentes, com esforço próprio, com lutas e sacrifícios, com trabalhos e sofrimentos, e é a esse processo que se dá o nome de evolução.

Pelo processo de evolução bem aproveitado no reino humano, leva o ser muitos e muitos milhares de anos. Nesse interregno, muito pouco representa o período de uma encarnação, pois são também necessárias milhares delas para que o indivíduo consiga apurar-se, convenientemente, no afloramento dos seus atributos espirituais.

Para penetrar melhor nessa concepção, há de abandonar-se a idéia irreal de colocar a Força no limite dessa partícula de pó, que é o mundo Terra, comparado com a magnitude do Universo, para senti-la presente em todo o campo universal, onde giram milhões de galáxias, cada qual com milhões de sistemas solares, estes compostos de sóis, planetas, cometas, satélites e asteróides.

Em tudo isso há vida permanente, movimento constante e disciplinado, em obediência à Força Onisciente, Onipresente e Onipotente, à qual o vulgo sectarista religioso chamaria, com propriedade, Deus, se não emprestasse a esse nome um sentido tão materializado e primitivo.

Encarnando e reencarnando, ora num, ora noutra país, variando de pais e de irmãos, cada vez enfrentando um cenário novo, com diferentes oportunidades, o indivíduo amplia as suas experiências, aumenta os seus conhecimentos, dilata os seus horizontes, curte o seu temperamento, caldeia as suas aspirações e renova a sua personalidade.

A evolução é relativamente lenta, tanto assim que é fácil observar quanto são irredutíveis as criaturas, de um modo geral, com respeito à rotina adotada, dentro da qual poucos são os que espraiam as vistas para longe e para cima.

Ao acompanhar-se o ser, da infância à velhice, nota-se que quase todos conservam na existência os mesmos traços gerais. Não se vê um indivíduo boçal na mocidade, chegar a sábio no fim de uma jornada terrena. Isto demonstra o pouco que se pode evoluir numa só encarnação, e daí não ser difícil concluir que somente com um grande número delas é que se poderá alcançar um acervo espiritual apreciável.

Os homens de grande saber revelam, na infância, a inteligência desenvolvida que possuem e os atributos espirituais de que são portadores, como prova de aproveitamento das encarnações anteriores. Os dons que se manifestam, como os da pintura, da música, da escultura, da literatura e tantos outros, deixam ver o acervo conquistado em vidas passadas.

Somente os cegos propositais não vêm isso, para não se afastarem de mórbidas convenções conservadoras, estacionárias do progresso, pois, por incrível que pareça, há realmente pessoas que são contrárias ao progresso.

A lei das reencarnações é uma providencial instituição implantada pela Inteligência Universal desde a origem do processo humano da evolução, e reflete a Sabedoria da Força Criadora, como bem se pode entender.

A forma racional pela qual ela se processa, satisfaz à lógica e à razão, e explica, claramente, os fenômenos da vida, sem deixar dúvidas nem elementos para falsas interpretações. Constitui ela um dos pontos básicos para o esclarecimento, no curso da espiritualização.

Os que repudiam a Verdade sobre a lei da reencarnação, o fazem também sob a força da incredulidade que assiste àqueles que só acreditam no que vêem com os olhos da carne, ou podem apalpar com as suas próprias mãos, isto porque as leis da reencarnação só se revelam àqueles que despertaram para um novo sentido, que se poderia chamar de sensibilidade espiritual.

Corroboram, ainda, em favor da realidade das reencarnações, o testemunho, sempre respeitável, de pessoas idôneas e dignas, que atestam se recordarem de suas vidas anteriores, o relato de seres espirituais que se materializam e descrevem o que foram em encarnações pretéritas, e as comunicações do Astral Superior, que são incisivas em sustentar essa Verdade.

Quando se diz que a reencarnação do espírito é um fato, não se pretende, de modo algum, prestar um depoimento errôneo, pois isso seria uma estultícia, mas, unicamente, reafirmar uma Verdade, por muito ignorada, na certeza de que toda ignorância é prejudicial.

Na realidade, uma vez se saiba que uma vida incorreta produzirá outra vida futura de dores e sofrimentos, sem atenuações possíveis, então vale a pena viver de modo a que a próxima existência seja regulada com os ótimos procedimentos introduzidos na encarnação presente.

Ora – poder-se-á dizer – os devotos religiosos sinceros não terão de arrepender-se do que fazem, se tiverem de voltar a reencarnar depois. Por certo, o bem procedimento é sempre creditado a favor do seu autor; mas o tempo da encarnação seria melhor aproveitado, se ele não desconhecesse as bases fundamentais da vida, como as que se referem ao poder do pensamento, as que dissipam ilusões e fantasias, as que fortalecem o espírito, preparando-o para a jornada próxima seguinte.

Nada justifica que o espírito encarnado não se interesse por aquilo de que tem necessidade para melhor se conduzir, que é o esclarecimento. Como espíritos que todos são, ninguém pode, sem graves conseqüências, menosprezar as leis espirituais, que se unem num código de princípios chamado espiritualismo, no qual se encontra a lei das reencarnações.

Quando se sabe porque se sofre, há resignação, e a confiança que todos devem ter nas leis espirituais não se abala, desde que se compreenda

que o presente é simples reflexo de ações passadas, como o futuro será o reflexo das ações presentes.

Com tal entendimento, não se cometerá a injustiça de atribuir a terceiros os males que sobrevierem, decorrentes das condições da própria vida; a encarnação é preparada previamente, de conformidade com as encarnações anteriores, de onde se extraem todos os dados necessários sobre as falhas que precisam ser eliminadas. É certo que tais depurações só se conseguem através da dor.

Encarnar e reencarnar é processo comum a todos os seres, e não há conceito rejeitável nesse fato; em cada encarnação novos afetos são cultivados, e assim, ao fim de milhares delas, dezenas ou centenas de milhares de criaturas ficam ligadas, entre si, por laços de verdadeiro amor.

Reconhecer o conceito reencarnacionista, é conhecer a Verdade sobre a evolução, é firmar-se num conhecimento real, é fortificar as suas convicções, estabelecendo-as em bases sólidas.

Vultos do passado, ornamentais da história, que não se destacaram por um proceder espiritualista, voltaram a reencarnar, passando de nobres à humildes servidores, consoante o mau uso que fizeram dos poderes de que dispunham. O mesmo acontecerá a muitos dos que hoje (alheados das jornadas que os esperam, tão absorvidos se encontram em galgar o pedestal da fama ou da notoriedade, com menosprezo das coisas do espírito) se esqueceram de que são almas em evolução e como tal, cada gesto, cada palavra, cada atitude, cada ação, têm o seu reflexo, o seu eco, a sua conseqüência, no cenário das reencarnações futuras.

É comum ouvir-se dizer que todos aqui estamos no palco da vida; para usar linguagem cênica, cuide-se, cada um, de não preparar para o próximo retorno, uma farsa, uma comédia, um drama ou uma tragédia.

Ninguém se deverá esquecer de que riqueza material e posições servem como experiência, como recursos que conferem um papel a desempenhar-se no mundo, sem se deixar dominar ou empolgar vaidosamente por ele, sem se prevalecer dele para fins egoístas; caso contrário, consuma-se o fracasso do desempenho, e a perda da encarnação.

Se todos os descuidados, que apenas se ocupam do dia de hoje e, por isso, vivem desentrosados com a realidade do porvir, pensassem um pouco nas razões que motivam as reencarnações, por certo adotariam outra postura na cena que desempenham.

Já que todos têm de reencarnar para evoluir, é evidente que devem ser evitadas reencarnações dolorosas, marcadas, do princípio ao fim, pelo

sofrimento. Cercados pela miséria, moídos pela tortura de situações angustiantes, encontram-se, no entanto, milhões de seres, vítimas da ignorância que predomina na órbita sectarista alimentada pelas religiões materialistas sobre o que lhes vai acontecer, quando procedem mal.

Então, nada mais importante do que possuir uma convicção iluminada, uma consciência clara e límpida de que a vida de cada ser no planeta, é constituída de uma série de reencarnações sucessivas, de maior ou menor número, conforme o aproveitamento que for sendo feito de cada uma delas.

Para isso, e para cada um, é escolhido o ambiente que melhor possa favorecer o desempenho da tarefa, chegando-se a dar até a variação do sexo, nascendo o indivíduo homem ou mulher, conforme exijam as experiências que tenha de colher para dar à sua estrutura espiritual a conformação moral indispensável.

A lógica da reencarnação já é aceita por grande número de religiosos, embora as suas seitas a contestem; o poder da lógica nem sempre pode ser sufocada, ainda que pouco ou nada signifique para quem se sinta liberto das algemas dogmáticas.

Porque não se conhece nenhum argumento sólido que possa defrontar-se com a realidade das reencarnações, o número de reencarnacionistas sobe dia a dia, iluminados pela verdade que cada vez mais se expande, e não está longe o dia em que todos a reconhecerão, por estar chegando ao fim o tempo das trevas.

Alguns preferem não admitir a reencarnação, não porque não sintam na consciência a sua realidade, mas porque se atemorizam com a idéia de voltar a sofrer as torturas que a encarnação presente lhes está impondo.

Uma encarnação marcada pela dor, não significa que a seguinte também o seja; pelo contrário, se a pessoa soube bem resistir ao impacto do sofrimento, por meio do qual ficou com o débito amortizado ou liquidado, estará habilitada a voltar em condições não só diferentes, como melhoradas.

O temor de enfrentar, se preciso, uma nova etapa rude, deve desaparecer, face ao conhecimento de que a covardia é uma fraqueza que expõe a criatura a novos débitos.

O valor do indivíduo consiste na coragem de ressarcir os seus erros, sem, para isso, temer os sacrifícios, compenetrado de que deve sentir na própria carne, o mal que semeou. E como não há mal que jamais acabe,

uma vez ajustadas as contas do passado, a criatura conquistará o lugar que lhe compete, nos planos venturosos da espiritualidade.

Em resumo, o urdimento de todas as seitas e religiões bíblicas terá de sofrer radical transformação, quando reconhecerem e não puderem deixar de sustentar a verdade sobre a lei das reencarnações; muitas delas nem poderão subsistir, uma vez que as modificações são profundas e fundamentais. O que importa, porém, é que a realidade resplandeça, iluminando todas as mentes; o que se deve procurar é viver a vida real, conscientemente, sem ilusões, livre de falsas imaginações.

Esse método condenável de amedrontar as criaturas, com capciosas lendas de inferno e outras, para tirar com isso proveito material, é uma indignidade. Não há nenhum meio de promover um aluno, do primeiro ano primário ao último universitário, que não seja pelo processo normal de percorrer todos os anos intermediários, obtendo aprovação em cada um deles, até o final.

De idêntica forma nenhum ser humano ascende do grau mínimo ao máximo de evolução, que não seja pelo processo normal de percorrer todos os graus do primeiro ao último.

Atingido o grau décimo-sétimo, a evolução do ser continua em plano astral, só reencarnando, excepcionalmente, um ou outro, em casos especiais de missão consagrada à humanidade, quando o indivíduo se sobressai pelo seu saber aplicado ao serviço do bem comum, a ações humanitárias e ao esclarecimento espiritual das massas humanas.

Os anti-reencarnacionistas vêem nas reencarnações uma ausência de privilégios, e como se sentem seres privilegiados, com acesso direto ao reino dos céus, não querem, de modo algum, perder esse sonho com as mais deslumbrantes fantasias. Efetivamente, nenhum privilégio há de conter maior encantamento.

Demolir a criatura esse castelo maravilhoso, sustentado com tanto carinho e apego, desde tenra idade, com permanentes vibrações do pensamento nesse sentido, não é tarefa que esteja ao alcance da maioria dos que se prenderam a essa idéia fixa de imediato ingresso no paraíso celestial, após a morte do corpo físico.

Por isso, aqueles que não possam ou não queiram, por enquanto, aceitar a realidade das reencarnações, estão mais expostos a suportar os efeitos imprevisíveis dessa lei inexorável, pela recusa sistemática do despertamento, do que os que já vislumbraram essa Verdade e se

encaminham às correntes reencarnatórias, confiantes e com a consciência esclarecida, e assim melhor preparados para a marcha da evolução.

13. A LEI DO RETORNO OU DE CAUSA E EFEITO

Dentre as muitas revelações que o espiritualismo tem apresentado, está a lei do retorno, ou de causa e efeito, cujo conhecimento é de importância capital. Todos os atos praticados, nocivos ou benéficos, e as palavras emitidas, construtivas ou destrutivas, atingem o objetivo e produzem ação reflexa, voltando ao ponto de partida.

Assim, num crime cometido contra um terceiro, há uma ação praticada; esta atingiu o seu fim, com a sua consumação; mais tarde, em ação retroativa, retorna ao agente, para completar o seu ciclo.

Afirmava Jesus: “quem semeia ventos, colhe tempestades”. Na ação de retorno, o mal ou o bem voltam sempre, muitas vezes, com cargas revigoradas. Note-se como se reproduzem as sementes; de uma que se plante nascem dezenas ou centenas; é a lei do retorno em ação.

O mesmo se dá com as palavras; elas são emitidas pelo pensamento, ativas e imantadas de energia, atingem o alvo com maior ou menor intensidade, conforme o calor com que foram proferidas ou projetadas, e as suas vibrações voltam ao ponto de origem, carregadas de novas energias, não raro, com o seu potencial de força aumentado.

Se as palavras forem de natureza construtiva e traduzirem coragem, ação, saúde, bondade e amor, conduzem cargas chamadas positivas, como positivas serão também as ondas vibratórias de retorno. Ao contrário, se as palavras proferidas forem destrutivas e estiverem saturadas de ódio, malquerença, perfídia, ingratidão e vingança, transportam cargas chamadas negativas, como negativas serão também as correntes vibratórias de retorno.

O Racionalismo Cristão chama a atenção para o fato de estabelecer-se, ao fazer-se mal ou bem a alguém, contato com esse ser e, pelo fio de conexão entre ambos, receber-se o reflexo da boa ou má ação praticada.

“Quem mal faz para si o faz”, ou “quem bem faz para si o faz”, são afirmações conhecidas na aprendizagem racionalista cristã. Essa é a verdade; isso é o que acontece. A lei do retorno não falha, por ser imutável como as demais leis que regem o Universo.

Por falta de conhecimento dessa lei, é que há tanto sofrimento no mundo. Ninguém, que esteja praticando o mal, pensa, por um só instante, que está sendo a maior vítima dessa mesma prática; que tudo quanto de

ruim estiver desejando ao seu semelhante, lhe virá a acontecer, na ação de retorno.

Muitos sofrimentos atingem pessoas que a ela não deram motivos na presente encarnação, e os que nada conhecem de espiritualismo, começam a falar na “injustiça de Deus em castigar quem não merece”, etc., etc. Eis o mal de andarem os indivíduos às cegas, daí resultando, não poucas vezes, tornarem-se ateus, blasfemadores, desrespeitadores e descrentes na própria vida.

Pode o indivíduo estar movido, na encarnação atual, das melhores intenções, empenhado em não fazer mal a ninguém, e desejoso de manter-se em clima cordial, no trato com o próximo.

Isto prova que as lições do passado estão lhe valendo muito, que tem bem gravadas no subconsciente as experiências que a vida lhe proporcionou em existências pretéritas; mas não quer isso dizer que não tenha débitos contraídos, até mesmo em épocas remotas, ainda não resgatados, e que precisam ser liquidados e extintos para sempre.

Ocorre então, nesse caso, numa encarnação bem aproveitada, quando os dotes da bondade expressam a queima dos valores negativos e dos erros consumados em etapas longínquas, sem motivos aparentes, em se levando em conta apenas aquela existência corrente, o quadro dramático pode aparecer, assinalado de cores vivas e impressionantes. É o retorno de ações distantes que concluem o seu ciclo. O desfecho final com a conclusão do ciclo pode retardar, mas consuma-se, implacável e inapelavelmente.

É isso que está estabelecido nas leis universais, e não há ninguém que as possa alterar. A tola idéia de que “Deus concede perdões”, pretende, ingenuamente, destruir, modificar ou violar essas leis.

Os que conhecem espiritualismo não têm mais necessidade de andar às apalpadelas, adivinhando as coisas de ordem espiritual, sem conhecimento de causa, num mar trevoso, como é o ambiente materialista terreno.

Quem tiver a convicção de que a lei de causa e efeito, ou de retorno, é um fato indiscutível, por certo não irá cometer a leviandade de praticar um ato que lhe traga, depois, dores e sofrimentos.

Os que não admitem a realidade dessa lei, poderão explicar, por acaso, por que andam por aí a arrastar-se pelas ruas numerosos seres, na mais deplorável das condições físicas? Podem as religiões dizer alguma coisa sensata sobre isso? A única explicação possível é aquela que advém do conhecimento da lei do retorno, na sua profundidade.

Muitos erram por viverem descuidada e despreocupadamente, em virtude de desconhecerem os correspondentes efeitos do erro, e pensarem que nada lhes acontecerá depois. Viram que outros erraram sem que mal algum aparente lhes tivesse acontecido, sempre presos à idéia restrita de que a vida é, apenas, o número de anos de uma encarnação.

Acontece que o tributo dos erros pode começar a ser cobrado na própria existência física em que foram cometidos, mas, na maioria das vezes, essa cobrança vem mais tarde, em encarnações futuras, no meio melhor escolhido ou preparado para produzir as reações recuperadoras.

Muitas criaturas costumam acreditar que o período de uma encarnação seja muito menor, por mera comparação, do que uma gota num copo d'água, em relação com a vida eterna.

Uma encarnação é um lapso quase insignificante na trajetória do espírito. Por isso os débitos não precisam ser resgatados em uma única existência física, quando todos terão milhares de vidas físicas ao seu dispor.

Há pessoas que passam toda a fase de uma encarnação praticando o mal, errando, ferindo, lesando o semelhante e desencarnando com um volume considerável de débitos. Que se poderia fazer depois com eles, sem a oportunidade de retornar ao mundo, em corpo físico, para se redimirem desses crimes, no cadinho da dor?

Aqui na Terra, e não no Plano Astral, é que se fecha o ciclo da lei do retorno; o faltoso é obrigado a reencarnar para ter a chave do fechamento desse ciclo.

Não adianta tentar fugir, procurar uma saída diferente, porque em vão encontrará a criatura outra solução para o seu caso que não seja a de reencarnar e suportar na carne todos os revides impostos pela lei de causa e efeito.

Só há um meio de escapar o indivíduo de ter de arcar com a carga de uma encarnação desventurada; é não proceder mal, não criar débitos, e semear boas ações para que, pela lei do retorno, receba os seus frutos de ótimo sabor, e com eles construa a sua felicidade.

Prevenir é melhor do que remediar. No caso da lei mencionada, o remédio é o resgate, seja lá por que preço for; por isso é que se quer prevenir, alertar, chamar a atenção, uma vez que se pode, seguramente, evitar de praticar o mal.

O espírito tem, latente, todos os atributos positivos que lhe podem valer para não praticar o mal; basta que queira fazer bom uso deles. Não

há, por isso, desculpas que justifiquem a prática do mal, o qual, uma vez feito, terá de ser rebatido pela forma mais eficiente possível, que é a que promove a lei inexorável do retorno.

O Racionalismo Cristão tem autoridade para sustentar tal afirmativa, porque ele não é obra dos homens, e sim do Astral Superior, que tudo faz para esclarecer as almas bem intencionadas e desejosas de conhecer a Verdade.

O indivíduo que chega a espiritualizar-se, a identificar-se com as leis eternas do Criador e a perceber a vida do prisma da realidade, não pode, conscientemente, nada fazer que lhe traga um retorno de sofrimento.

Ninguém precisa, para vencer na vida material, ser desonesto, trapaceiro, espertalhão. Afinal, os que melhor vencem na vida são aqueles que têm presente e passado limpos, que são acreditados, que desfrutam de ótima reputação e não têm porque temer os riscos da lei do retorno.

Acumular fortuna desonestamente, e perder a encarnação em consequência disso, é proceder de maneira insensata e revelar-se merecedor dos cruentos e atrozos sacrifícios a que fica sujeito.

Veja-se bem que grande mal é o de ignorar-se a Verdade! Se todos soubessem que o maior sofrimento pelo qual o mundo passa é provocado, em sua maior parte, pela lei do retorno, quanto não dariam os contraventores dessa lei por haverem-na conhecido em tempo de evitar as calamidades que os cercam?

Infelizmente, a pessoa só reconhece o valor de saber a Verdade, depois de haver sofrido, como resultado da sua ignorância. Assim, só lentamente virá a humanidade a integrar-se na consciência da lei do retorno, o que vale dizer que somente com sofrimento cada vez mais torturante virá ela a abrir os olhos da alma para essa realidade.

Mas há de chegar esse dia de redenção, e quanto mais depressa, melhor para todos. As obras Racionalistas Cristas aludem a esse fato, para que os estudiosos meditem sobre ele e comecem, desde já, a impedir que, por palavras ou ações, estejam emitindo ondas vibratórias prejudiciais e capazes de, em regresso ao ponto de partida, lhes causarem danos, dos mais lamentáveis.

É compreensível que os indivíduos de má índole, que se comprazem com a prática do mal, estejam de tal maneira deformados psiquicamente, que para eles nada valerá tanto como o prazer sádico de ver os outros sofrerem. Com esses nada há a fazer, por enquanto. É a vida mesma que lhes dará as lições adequadas para se corrigirem, e eles próprios fornecerão

os elementos para essa correção. Esses elementos, porém, não constituem a maioria, uma vez que para esta é que está o campo aberto, e muito há o que fazer.

A lei do retorno é uma lei reparadora; muito embora possa ela desferir os mais rudes golpes ao agente imprudente que, praticando o mal, cair debaixo da sua ação, ela, contudo, objetiva somente o bem. O médico operador extirpa uma pústula com o bisturi; essa operação traz dor, mas a intervenção evita que males maiores aconteçam. É como atua a lei do retorno: ela faz sofrer, sempre que se trate de eliminar o mal, sacudindo e alertando a criatura desavisada. São dores inevitáveis, mas depuradoras, necessárias e úteis.

Se bem interpretada a lei do retorno, desaparecem os desesperos, as alucinações, causados pelo sofrimento, uma vez que a compreensão venha tomar o lugar da ignorância sobre o caso. Assim, tornam-se os dramas da vida mais suportáveis, e a animar a criatura, fica a certeza confortadora de que, para o futuro, os mencionados dramas poderão ser evitados, com o conhecimento adquirido sobre essa fundamental lei do retorno.

Tão importante é o preparo que se faz na Terra, na infância e na mocidade, para enfrentar os encargos da vida no estado de adulto, como importante é fazer-se na Terra o preparo para a encarnação futura. Trata-se de cultivar uma boa sementeira; cuide-se, esmeradamente, de viver o dia de hoje, sem um só toque dissonante, e empregue-se, para isso, o melhor dos esforços, a mais firme disposição.

A vantagem de fazer-se jus ao prêmio de uma próxima encarnação dadivosa e produtiva, não deverá ser esquecida em nenhum momento da existência terrena. O que se deseja é que a lei do retorno a todos sirva para carregar do passado para o presente as recompensas maravilhosas da eficiente ação; desenvolvida na encarnação antecedente.

Os que se devotarem a esse propósito, poderão estar certos de que a lei se cumpre, sem risco de falhas, e as Forças do Bem estarão presentes para garantir o êxito dos empreendimentos planejados e assegurar a alta dose de felicidade absorvente que fará parte dos sucessos em marcha.

14. PREPARE O SEU FUTURO

Quem não estiver familiarizado com estudos espiritualistas, achará que ninguém pode preparar o seu futuro, pois, com base na falta de espiritualidade, o próprio rifão afirma que o “futuro a Deus pertence”!

A falta de conhecimentos espirituais no campo da religiosidade, é a causa dos erros clamorosos que a humanidade comete.

O que mais ambiciona o ser humano, quando ainda integrando as primeiras fases da evolução, é o dinheiro. Deseja ser rico para dar vasão aos tormentos que o assoberbam, expansão aos gritos da matéria, plena satisfação a todas as variações do instinto.

Sem preparo espiritual, e carregado de tendências animalizadas, o ser humano faz com o dinheiro que possui toda a sorte de desatinos; malbarata-o, dá rédeas soltas ao egoísmo, enche-se de empáfia, cerca-se de ostentação, mantém amantes, participa de orgias, alimenta a ociosidade e procede como um inconsciente, obcecado pela concupiscência.

O resultado de tal conduta é o mais triste possível: a encarnação torna-se totalmente perdida e, mais do que isso, o ser acumula dívidas morais e débitos encarnatórios da pior espécie, os quais ficarão para ser resgatados em encarnações futuras, não em meio à riqueza, mas em dolorosas experiências da mais rigorosa penúria.

Evidentemente não é a Força Criadora quem prepara tal futuro, mas a própria criatura, desavisada, imprudente, de vontade fraca e altamente dominada por sensações materialistas.

Isso de dizer-se que “o futuro a Deus pertence” é uma ridícula maneira de pretender-se anular a imperecível lei de causa e efeito. Por isso, quando se diz que cada qual terá o futuro que quiser ou merece, afirma-se, mais uma vez, a inexorabilidade dessa lei, infalível como todas as demais leis espirituais.

Os atos errôneos, praticados no passado, são a causa dos sofrimentos de hoje, assim como os desmandos de hoje serão a causa das torturas de amanhã. O ser humano é detentor do livre arbítrio, e se a Inteligência Universal interviesse nele, então não existiria tal independência arbitral.

Desde que haja livre arbítrio para o indivíduo, é ele, e não a Força Criadora, o responsável pelos seus próprios atos. Ora, uma vez que assim é, logicamente cada um traça o seu futuro, de acordo com o viver presente,

através de boas ou más ações, de pensamentos positivos ou negativos, de aspirações terrenas inferiores ou espirituais elevadas.

Sabe-se que aspirações acalentadas com intensidade serão realizadas senão na encarnação presente, em futuras encarnações. Isto é absolutamente certo, desde que não se trate de uma aspiração absurda, contrária às normas gerais da evolução, ou que implique uma alteração nas leis naturais e imutáveis.

Pode dar-se o caso da pessoa aspirar um objetivo cujo resultado não lhe seja favorável, e por ele empenhar-se até alcançá-lo, usando, para isso, a vontade e o livre arbítrio. O exemplo citado de querer o indivíduo riquezas terrenas, sem estar moral e espiritualmente preparado para recebê-las, é típico, para ilustrar.

É certo que o que se pode esperar de uma pessoa controlada e esclarecida, na aplicação do livre arbítrio, é diferente do que se espera de outra criatura descontrolada e de evolução primária, por onde se vê que a aplicação do livre arbítrio vai sendo cada vez mais segura, à medida que cresce o ser humano em desenvolvimento espiritual.

Dentro deste raciocínio, pode chegar-se à evidência de que quanto mais espiritualizado estiver o ser, mais capacitado se mostrará para dar boa aplicação ao livre arbítrio e, com isso, criar um futuro florescente, ameno e feliz.

De outro lado, quanto mais ignorante for a criatura sobre as coisas que a rodeiam, mais tropeções dará na vida.

Ninguém, sendo ignorante, poderá preparar um futuro em boas condições. Os que semeiam o produto da ignorância, colhem os frutos da dor. Destruir a ignorância, não é só cuidar de adquirir acervo intelectual, mas, muito mais, e principalmente, buscar conhecer a ciência da vida, através da espiritualização.

A espiritualização, abre o caminho aos demais conhecimentos e revela outras perspectivas que, por nenhum outro meio, podem ser oferecidas, daí a importância de promover-se a espiritualização da humanidade, para que possa construir um futuro modelar de satisfações e alegrias, de paz e entendimento, de saúde e felicidade.

O mundo é o que é, com as suas mazelas e infortúnios, porque a humanidade foi descuidada no pretérito; o presente é sempre o reflexo do passado. Quase ninguém pensa nisso. Mas a humanidade, que mal agiu no tempo decorrido, é a mesma que aí está reencarnada, a cometer graves erros e a comprometer o próximo futuro.

É urgente, pois, que todos despertem para a realidade, a fim de não continuarem a cometer a loucura de cavar abismos, para depois caírem dentro deles. Despertar, como? – perguntarão alguns. Despertar, certificando-se de que cada qual prepara o seu futuro, bom ou mal, consoante a vida que levar, de honestidade, correção e operosidade, ou de corrupção, de delinqüência e viciosa.

A noção exata que cada um pode obter de uma vida sã, plenamente cristianizada, consta dos ensinamentos espiritualistas, quando a sensibilidade espiritual se apura a ponto de revelar, como se pela manifestação de um sexto sentido, o rumo certo da conduta ideal para um futuro de prosperidade.

Não há nenhuma inverdade na afirmação de que cada qual terá o futuro que quiser, desde que se possa ver nesse futuro o encadeamento de várias encarnações.

Exemplificando, pode-se dizer que o indivíduo que desejou ser médico, formulou antes esse objetivo, planejou o seu futuro como médico e inteirou-se do caminho a percorrer, até chegar lá. Assim também acontece com as reencarnações, pois há de ser no curso de algumas ou muitas delas, que certas aspirações humanas poderão ser alcançadas.

Note-se que a perseverança é o requisito indispensável para conseguir-se qualquer objetivo em mira. A perseverança exige esforço, sacrifício, pertinácia, e sem estes atributos não se alcançará um futuro idealizado, tanto faz que esse objetivo dependa de um curso universitário, como de um número mais ou menos considerável de reencarnações.

É bem certo que muitas aspirações podem ser concretizadas na presente existência terrena; outras, o podem ser na próxima seguinte, mas haverá algumas que somente em outras encarnações futuras, poderão materializar-se.

De qualquer maneira, não basta dizer “eu quero ser isto ou aquilo”, para que se cumpra a sua vontade. Por mais que alguém almeje ser industrial, nunca atingirá este objetivo, se não se dispuser, decididamente, a coordenar todos os recursos, para manejá-los naquela direção.

Assim também ninguém alcançará o desenvolvimento dos dons espirituais, se não se decidir, abnegadamente, a orientar-se na disciplina espiritualista, cumprindo, na prática diária, os seus básicos preceitos.

Na realidade, ninguém quer um mau futuro, embora tenha de passar por ele, pois será sempre criação sua; será o produto da indolência e da ignorância não combatidas; a maioria não destrói essa malfadada

ignorância das coisas do espírito por comodismo, por indiferença, por apego às vantagens terrenas, apesar de serem estas efêmeras e ilusórias.

De modo algum sabem os ignorantes da espiritualidade que nos dias presentes cometem os mais condenáveis atos, e que estão, dessa maneira, preparando um futuro sombrio, carregado de infortúnio. Por mais que se lhes acene, convidando-os a tomar parte no regime da terapêutica espiritual, exibindo-lhes livros orientadores e outros meios e esclarecimentos, nada os demove das orgias mundanas, em que aos seus instintos falam alto os prazeres da carne.

Este panorama é o que o mundo revela aos olhos de qualquer observador alertado, quando lhe transmite a convicção de que há de ser lenta a transformação das almas que tenham de alçar-se dos baixios que exalam gases entorpecentes da matéria, para os altiplanos espirituais, de onde se divisam largos horizontes.

“Cada qual terá o futuro que quiser”, é uma verdade que recai sobre cada um, como sentença imarcescível. Os que desfrutam um viver melhor que o de muitos, é porque fizeram jus a ele, pela conduta em vidas passadas. É pena que não saibam conservar para o futuro as mesmas regalias, imprimindo à vida presente idêntica orientação observada no passado. Como, porém, ignoram qual tenha sido essa orientação, cumpre-lhes adotar, quanto antes, as normas espiritualistas, a fim de que a continuidade de uma vida relativamente feliz possa ser garantida para o futuro.

Uma vez possam todos contar com essa garantia que a espiritualidade oferece, não há como pôr de lado tão valiosa oferenda, para deixar-se levar ao léu por incertezas e caminhos agrestes da vida.

A felicidade é uma condição espiritual, fazendo, portanto, parte da vida do espírito. Então, quanto maior for a consciência espiritual conquistada pelo desenvolvimento da espiritualização, tanto maior será felicidade.

A felicidade todos desejam. Por que então não incluí-la, definitivamente, no planejamento da vida futura? Para os que disserem que não sabem como conquistá-la, pode revelar-se que a sua chave encontra-se no âmago da estrutura espiritualista.

Aí está como se poderá traçar um futuro bonançoso e feliz, não só para a próxima volta ao planeta, mas para sempre, porque aqueles que se apoderarem da chave da felicidade, situada no seio da espiritualidade, terão adquirido um tesouro máximo e imperecível, para a eternidade.

Não importa que a criatura esteja atravessando na vida uma situação de penosas lutas e sofrimentos, se estiver no caminho da espiritualidade, porque então saberá que as passageiras dores morais e físicas serão fartamente compensadas por uma vida feliz, na existência próxima, e que não deve ficar na dependência de uma privilegiada e suposta “graça divina”, mas contar consigo mesma e proceder de maneira a que os resultados que espera sejam alcançados.

Todos são diretamente responsáveis pelo seu futuro, e seus únicos autores. Nunca se deve cometer a ignorância de atribuir à Inteligência Universal, ou Deus, como o vulgo a denomina, a culpa de uma vida dolorosa que se esteja levando. Mas, esclarecidos, ponha-se em prática o que se tenha aprendido destes ensinamentos cristãos, para que, desde já, se comece a antegozar os maravilhosos dias de felicidade que estarão à espera dos que os estiverem por ela preparando.

15. OPORTUNIDADE QUE PASSA

As oportunidades vêm ao encontro de todos os seres. Se o Universo não tivesse uma regência segura, elas poderiam ser produto do acaso. Mas, como o acaso não existe, estão, realmente, à disposição de todos. Os atilados aproveitam-nas, tornando-se, com isso, mais prósperos e venturosos.

Elas existem para favorecer e melhorar as condições gerais de cada um. Os que vão à escola, têm a grande oportunidade de aprender, mas não são todos os que a aproveitam.

É uma pena que tenha de constatar-se, no meio escolar, numerosos alunos vadios, negligentes, indolentes, preguiçosos, desatentos, numa triste demonstração de irresponsabilidade. Esses ao desprezarem a preciosa oportunidade que deixaram passar, caminham para um futuro que lhes fará sentir a falta que lhes vai fazer o que não quiseram aprender.

Abandonar a oportunidade de tirarem cursos de valiosa aprendizagem, é agirem as criaturas de forma lastimável, revelando-se completamente alheias aos interesses da vida espiritual.

A juventude não se pode conduzir estranha ao dever de tirar da escola o máximo proveito, sem deixar de reconhecer que a sua presença no educandário é o resultado de uma oportunidade que não pode ser perdida, tanto mais que representa parte integrante de um compromisso assumido, antes de vir ao mundo em corpo físico, para a encarnação presente.

Ninguém nasceu para ser desocupado, ocioso, nulo, parasita, pedinte, um peso morto com vitalidade. Todos, sem exceção, têm trabalhos a desempenhar e deveres a cumprir, e desde que estejam satisfazendo tais condições, estão se valendo da oportunidade que se lhes apresentou.

A oportunidade às vezes passa, sem ser pressentida. Pode também mostrar-se ilusoriamente. Maneiras fáceis, mas desonestas, de ganhar a vida, não envolvem nenhuma oportunidade, visto que as oportunidades são sempre sadias, e embora se agitem no meio material, favorecem, normalmente, a prosperidade espiritual. Nem poderia acontecer de outro modo, pois o que vem do Alto está sempre cercado de atributos morais elevados, objetivando fazer com que a criatura ascenda a posições de maior solidez e relevo, no campo da espiritualidade.

Daí a razão por que há necessidade de todos andarem atentos na vida, certos de que as oportunidades que lhes surgirem, se bem aproveitadas,

irão refletir-se nos dias futuros, pois elas passam como as águas debaixo de uma ponte, e não voltam mais.

Outras virão, ou poderão vir, mas quem sabe se as melhores já se foram, escapando pelo meio dos descuidos? Perdas dessa ordem podem ser evitadas por quem tenha presente o senso da vida, e saibam porque andam por este mundo e o que aqui vieram fazer.

É provável que ninguém ande muito satisfeito consigo mesmo, se ignorar o porquê de estar no mundo e o que representa no conceito Universal. Esta grave omissão do conhecimento das coisas que lhe dizem respeito, é uma falha que o espírito encarnado, mais dia menos dia, há de constatar, penalizado por não a haver eliminado antes.

As oportunidades aumentam, de acordo com o acervo de cada um, e daí a razão de procurar-se desenvolver as vocações, as habilidades, os talentos individuais. Não se deve perder tempo, porque o lapso de uma encarnação, embora vivida até os setenta, oitenta ou cem anos, é curto, relativamente, e se não for bem aproveitado, pouco ou nada se consegue. Esta consciência todos deveriam ter, bem clara, para se conservarem constante e rigorosamente em linha de ação construtiva.

A idéia errônea instituída pelos religiosos de que o indivíduo tem uma única passagem pela Terra, dá esse triste resultado de não haver compreensão meridiana do que valem, em sua amplitude, as oportunidades bem aproveitadas, e dá-se-lhes muito menor importância do que realmente têm, com a crença de que só servem para as limitadíssimas funções de uma existência terrena, quando, na realidade, refletem e atuam, direta ou indiretamente, no correr das encarnações futuras, fato pelo qual elas redobram de importância.

As oportunidades favorecem ao indivíduo, na proporção do seu desenvolvimento espiritual e das possibilidades de que dispõe. Assim, o que é oportunidade para um, pode não ser para outro, porque cada qual está rigidamente preso ao seu passado, não sendo o presente mais do que uma projeção dele.

Isto posto, cumpre serem avaliadas as oportunidades dentro desse esquema, tornando-se indispensável que o ser humano seja realista quanto à sua verdadeira posição dentro delas, a fim de não criar imagens irrealizáveis e não correr o risco de tornar-se um descontente, um inconformado.

Há grande conveniência em andar-se sempre prevenido. As oportunidades podem custar a passar – e há sempre razão para isso – mas, como são poucas, menos se justifica que se percam.

Muita gente queixosa que se vê por aí, são pessoas que perderam oportunidades sem se aperceberem disso, por andarem alheias ao que ocorre em torno de si mesmas, como se não fosse parte integrante de uma só máquina em movimento. Nesse estado, não é possível que as oportunidades lhe despertem interesse.

A humanidade é vítima de si própria, da sua ignorância em assuntos espirituais, que são, afinal, os que mais importam para a boa solução de todos os problemas. Jesus ensinava que se deveria procurar, primeiramente, o reino do espírito, isto é, a conquista da espiritualidade, e que, decorrentemente, tudo o mais viria ao nosso encontro, na ordem das legítimas aspirações.

Aí está enunciada a corrente das oportunidades a dirigir-se, com toda a fluência, aos que puserem em primeiro plano a prática dos relevantes ensinamentos da espiritualidade.

Oxalá fosse possível fazer compreender a todos os que sofrem que a dor pode não só ser amenizada, como, em grande parte, evitada, desde que o espírito se disponha a reconhecer a sua própria natureza espiritual, a estudá-la, e a viver de acordo com ela. Só assim as oportunidades teriam o seu curso livre, atingiriam os seus objetivos, e a transformação do mundo se operaria, para regozijo da humanidade.

Cada qual deve procurar reconhecer que precisa exercitar os seus atributos espirituais latentes e inatos, valendo-se deles para todas as necessidades, e em todas as ocasiões. Eles estão lá no interior de cada um, aguardando a oportunidade de se revelarem, pelo esforço individual. Consiste esse esforço no trabalho cotidiano de apuração das virtudes, na luta contra o mal, na dedicação aos deveres, no refinamento ao senso da responsabilidade, na prática dos princípios condensados da moral cristã.

As oportunidades se perdem no momento exato em que ocorrem, por falta de preparo das criaturas, sendo essa falta de preparo estritamente de ordem espiritual.

Elas ficam expostas para serem examinadas com os olhos do espírito, isto é, com a mente esclarecida e pelo raciocínio lúcido. É necessário que as condições do espírito sejam ótimas, para absorvê-las. Mas como poderão ser sempre ótimas, se por aí, fora do Racionalismo Cristão, quase

ninguém, (mesmo os bem intencionados), conhece a ação perturbadora do astral inferior?

Nenhuma oportunidade é desviada do seu curso, a não ser pelo próprio ser a quem se dirige, porque as leis eternas não falham, sendo como são, sujeitas à Força Criadora, que no Universo tudo incita, movimenta e anima.

Por isso, ninguém se julgue um “deserdado da sorte”. O hábito de sacudir dos seus, para ombros alheios, a responsabilidade que lhe cabe nos insucessos da vida, é prova de pusilanimidade, e não é oferecendo tal testemunho, que há de alguém servir-se das oportunidades que lhe aparecerem.

Há oportunidades na vida que se apresentam imperativas, como as de freqüentar escolas e outras, e há também aquelas que são sutis, como a escolha do futuro consorte, a escolha da profissão, do meio em que deverá trabalhar e uma variedade de outras, em que as coisas se dispõem de modo a favorecer a coleta de maior número delas.

A parte fundamental para o êxito, no aproveitamento das oportunidades, está na compreensão espiritual da vida, e em reconhecer-se com profundidade, as regras espirituais, pondo-as em prática, com consciência e convicção, dentro da capacidade individual de acertar, e com os recursos de que dispuser.

As oportunidades aproveitadas são molas do progresso, promotoras da evolução, acionadas pelo espírito, e este, sempre que se mantiver em atividade construtiva, estará cumprindo o que determinam as leis gerais que mantêm em equilíbrio as forças universais.

Não é preciso forçar, angustiosamente, para que as oportunidades surjam; elas obedecem às normas de espontaneidade e percorrem os caminhos certos, e todos devem manter-se alerta e vigilantes, para reconhecê-las, sem se descuidar de alimentar a luz espiritual, cujo facho as desvenda.

16. A RENOVAÇÃO

O conservadorismo é uma doutrina estacionária. Tudo no Universo evolui, sendo necessário acompanhar a lei da evolução. Hábitos e costumes se reformam, com o tempo, à medida que idéias novas surgem, introduzindo melhoramentos.

A civilização é um produto da evolução que prometeu a apuração da mente humana, no estado primitivo, a um nível social mais alto, através de inventos, descobertas, pesquisas e desdobramentos científicos.

Em todos os ramos da atividade, processa-se, ininterruptamente, um movimento crescente de conhecimentos, uma ação evolucionista, traduzindo a expansão incoercível de uma força que conduz o pensamento perquiridor a cada vez mais novos e dilatados horizontes.

O símbolo da evolução é uma espiral que nasce de um ponto, (ponto de deslocamento da partícula involuída da Fonte Original) e desenvolve-se em curvas que se abrem, à medida que se elevam, ganhando em altitude e latitude, até atingir a cota final.

Em face desse sistema instituído pela Grandeza Total, é que na vida, como lei, todos obedecem ao princípio inviolável da renovação constante, pois se a evolução está sempre em marcha, logicamente a posição de hoje há de ser a que se seguiu à ocupada ontem. Entenda-se que esses “hoje” e “ontem”, não se referem ao limitado lapso de vinte e quatro horas.

As reencarnações estão rigorosamente subordinadas a esse esquema. Em cada uma delas obtém a criatura a oportunidade de renovação do seu estado procedente, sempre com o único objetivo de promover-se a evolução, que é obrigatória.

Não se pode deter a evolução. Conquanto muitos a retardem, outros muitos a impulsionam para a frente; além disso, evolui a estrutura substancial do Universo, sob o poder da Força Criadora.

Melhorar, embora devagar, mas sempre, deve ser um lema comum a todos. Melhorar material, mental e espiritualmente, é o que se impõe. Muitos se agradam, apenas, com a melhoria material; outros percebem que devem pugnar também pela melhoria intelectual, mas poucos são aqueles que vislumbram a importância da melhoria espiritual.

Há os que imaginam que ser espiritualista é renunciar, de todo, à vida material. Um espiritualista é um evolucionista, um indivíduo vitorioso em numerosas renovações, a principiar pelas de ordem material. O

espiritualista usa os recursos materiais como subsídio às condições terrenas, e não como fator principal.

O espiritualista estaria em melhores condições do que os demais para, com honestidade, desenvolver a fortuna material, se não fosse o desprendimento que manifesta pelas coisas transitórias e efêmeras, desapego a que todos hão de chegar, de renovação em renovação. Se não houvesse a renovação de gostos, de sentimentos e de ideais, a vida física prolongar-se-ia, indefinidamente, em encarnações sucessivas. Os instintos e os convites da carne nunca abandonariam a criatura.

A renovação é um bem que traz satisfação e alegrias; o uso de um vestuário novo, bem talhado, de cores condizentes, dá prazer. Esse é um insignificante exemplo de renovação que se opera com inúmeras modalidades, ora modificando a fisionomia do cenário, ora transformando a capacidade de entendimento, ou ainda, pelo revigoramento espiritual, estendendo o horizonte perceptível a longínquas regiões.

O ser humano tem sede de conquista. Deseja aquilo que não tem. Sempre há o que desejar. Os pobres pensam que os ricos têm tudo. É um engano. Apenas as aspirações são diferentes; por hipótese, o pobre quer riqueza, o rico quer paz. Todos, na realidade procuram o estado de renovação seguinte e, embora pensem que isso é para satisfazer um simples desejo, é, no entanto, para proporcionar oportunidades para a sua evolução.

Cada vez que se obtém um avanço na escala evolutiva, descobre-se que há novas perspectivas à frente, que despertam a decisão de se ir ao encontro delas. São atrativos que só ficarão para trás depois de satisfeitos e substituídos por outros, em ação renovadora.

Os que andam, por aí, perdidos nas florestas das desilusões, podem não estar renovando nada, mas estarão experimentando uma seqüência de atribulações que lhes permitirá, mais tarde, penetrar no curso das renovações.

O maior perigo que ameaça as religiões é o seu conservadorismo, é a sua recusa à remodelação, tendo-se em vista os progressos da inteligência que tantas revelações têm trazido. Não é possível que se fale hoje a mesma linguagem adotada há dois, três ou cinco mil anos atrás. Podem aproveitar-se as lições mestras, mas sem querer reafirmar aquilo que os conhecimentos atuais repelem. Elas, as religiões, têm de submeter-se à renovação, se não quiserem desaparecer.

Quem diz renovação, diz aperfeiçoamento, atualização, progresso, desenvolvimento, apuração, fatores intrínsecos da lei da evolução. Assim, torna-se necessário renovar os conhecimentos para andar-se em dia com o presente, conforme em dia andam as operações siderais.

O que se não renova é a Verdade; ela é o que é; mas, para ser atingida, na sua Totalidade – é preciso evoluir aos poucos, na marcha das renovações, pois cada vez que se alcança um ponto à frente, novos contatos com a Verdade vão se tomando, até que se abranja tudo quanto dela se possa saber.

A tarefa é espinhosa e a estrada muito longa, mas não há outro meio senão o de seguir por ela. Haverá, por certo, trechos de passagem difícil, mas, em compensação, outros serão maravilhosos e, quanto mais para a frente, maiores os encantamentos.

Deste modo, todos devem regozijar-se com as renovações, por oferecerem elas novos campos de experiência, indispensáveis ao curso da vida. Não se deve estacionar, nem há razões que justifiquem a paralisação dos sentidos. O espírito é fonte de trabalho, e a sua tendência é escapar de uma posição inferior para atingir outra acima. Isso ele fará pelo processo das renovações, automaticamente, acionado pela força interior que deseja expandir-se, pelas leis naturais instituídas pela Força Criadora, às quais todos estão sujeitos.

Contrariar esse pensamento é o erro em que a humanidade cai, por falta de espiritualidade. Sensato seria não oferecer resistência, como inconscientemente se faz, ao esforço normal do espírito para romper com o manto da incredulidade que o amortalha à matéria. As renovações seriam muito mais freqüentes, não fora a perda de tempo ocorrida pela indolência mental, com o desavisado gorjeio das canções sensualistas, com que tantos se deleitam.

As renovações morais são auxiliadas com a dor. O indivíduo duramente perseguido pelo sofrimento, com mais facilidade desponta para a realidade da vida e assume, então, uma atitude que bem se enquadre na rotina do viver sadio.

É a renovação que se opera, que se estabelece, para afirmar o seu valor, a sua razão de ser e as vantagens da sua presença. A renovação é uma alvorada na vida; é uma redenção que brilha na trajetória terrena, é uma promessa que acena com melhores dias.

Transformar a conduta para melhor é uma renovação em que se sepulta um passado mais ou menos tormentoso. Com a renovação, erros

praticados deixam de ser repetidos. Outros que o forem, ficam à espera da renovação seguinte. Assim, de grau em grau, é possível alcançar, com base nas renovações, o ponto mais alto, na escala reencarnatória.

Sábria resolução é a que for tomada no sentido de dispor-se cada um a promover a sua renovação espiritual, adotando a disciplina capaz de produzir a evolução do espírito mais rápida e, conseqüentemente, da maneira mais proveitosa.

Pela renovação material, constata-se a progressiva prosperidade financeira, que promoverá o bem-estar em plano físico, e pela renovação espiritual, concebe-se a evolução gradativa, conscientemente apoiada em moldes bem definidos da estrutura espiritualista.

De cada vez que se passa de um estado inferior a outro imediatamente superior, dá-se uma renovação. Acontece que quando a renovação se opera na ordem material, o agente se envaidece, se exalta, se considera maior, mais poderoso; diferentemente, quando a renovação se dá na ordem espiritual, o indivíduo se torna mais simples, mais consciente da grandeza universal e de si mesmo, em relação a ela.

Todos são forçados a evoluir, e dentro desse sistema hão de galgar os vários estados de renovação, dos quais colherão as preciosas lições e os adequados ensinamentos para o normal desenrolar da vida futura.

A consciência da renovação ajuda a conduzir os seres pela estrada arejada do progresso, onde as possibilidades se apresentam em maior número, e as condições de êxito favorecem as atividades predominantes. Essa consciência afasta do caminho os tropeços imaginários, eliminados pela ação irradiativa do otimismo salutar.

Esta compreensão impõe-se como medida educativa, uma vez que o espírito em si é uma fortaleza que precisa ser descoberta, para dele se extrair o poder de que se necessita para a consumação dos melhores intentos.

Aqueles que se encontram em situação de penúria e de angústia, açoitados pelas vergastas da vida, são os que acusam maior necessidade de renovação imediata, e a circunstância em que se acham pode constituir convite alertador para a transformação renovadora.

Não há situação, por difícil que pareça, da qual a criatura não possa sair para alcançar posição melhor; depende dela própria dispor-se a isso, devendo, para tanto, valer-se dos recursos individuais adormecidos, o que se consegue pelo revigoramento das forças espirituais latentes, que todos possuem em idênticas proporções.

Só o espiritualismo poderá apontar o caminho certo para essa realização, e é esse o motivo do empenho do Racionalismo Cristão em difundir os seus ensinamentos, com o fim de prestar, entre outros, valiosos serviços no terreno das renovações.

Há necessidade de conservar-se na mente tudo quanto possa vir ao encontro dos interesses individuais, mormente em se tratando daqueles que objetivam a recuperação de valores ou atributos afetados. Deste modo ficarão visados os meios legais que hão de contribuir para o estabelecimento das renovações.

Nas renovações, deixa-se uma fórmula arcaica por uma nova e funcional, uma atitude limitada e estreita, por outra larga e liberal, uma concepção acanhada e sedida, por um entendimento amplo, uma posição de carência, por uma de abundância, um estado de opressão, por outro de euforia, uma submissão litúrgica, por uma penetração, no campo da espiritualidade.

17. PERSPECTIVAS REAIS

Neste mundo Terra, em que a matéria se apresenta, de modo predominante, somente por meio de uma formação moral distinta, pode o espírito encarnado vislumbrar as perspectivas reais da vida.

Note-se que a matéria visível e palpável, está em constante e permanente transformação. De um instante para o outro, há modificações no estado material dos corpos, chegando eles a se desintegrarem e a desaparecerem aos olhos físicos, mediante desassociação de moléculas e de átomos.

Assim, pois, as perspectivas materiais representam o instantâneo de um cenário em movimento, num espaço infinitesimal de tempo, constatando-se que a realidade é relativa, em relação ao conceito puramente material.

Por outro lado, a Realidade, com “R” maiúsculo, é a Força Criadora, a Inteligência Universal, na sua concepção absoluta. A emanção desse poder decorre de leis naturais e imutáveis, por meio das quais se movimentam, no espaço infinito, os corpos siderais, na composição do Universo.

Só pode ser considerado real aquilo que for eterno, quando se raciocina com o poder penetrante do espírito. A realidade relativa é que serve de argumento nas configurações terrenas.

Nestas circunstâncias, a estrutura física dos seres encarnados reflete a realidade relativa, enquanto que o Espírito, impalpável e invisível aos olhos da matéria, é real. Este não desaparece, não se desagrega e não perde nada do que realmente possui.

Nas encarnações sucessivas, o indivíduo tem, em cada uma delas, um aspecto distinto. Isto porque influem no corpo físico que nasce, as configurações e demais traços característicos dos pais respectivos.

A individualidade espiritual não chega a imprimir, acentuadamente, no corpo físico, as linhas que a definem espiritualmente.

O panorama da vida física, em todos os seus pormenores, é sempre transitório: é a vegetação que cresce e morre; são as rochas que se decompõem e transformam em areias e argilas; é a própria superfície do globo que pelos acidentes telúricos, muda a sua fisiografia.

O aspecto relativamente real da face da Terra, há alguns milhares de milhões de anos, não é o seu aspecto relativamente real, nos dias atuais. Portanto, mudou a realidade no decorrer desse tempo, e a realidade que muda, não é real.

O Armamento, sujeito, como está, ao movimento constante dos corpos nele expostos e às modificações de ordem evolutiva, varia de forma e de aspecto em cada segundo que passa, não obstante tais variações só poderem ser apreciadas em mapas celestes, no curso de milênios.

A Verdade é uma Concepção Real como emanção da Força Criadora, e está em todos os seres; sendo, por isso, indestrutível.

As criaturas desinteressadas pelo espiritualismo, vivem sob a cúpula da ilusão; a matéria oferece-lhes perspectivas concretas de uma realidade relativa e ilusória. A matéria representa a ilusão materializada.

O espiritualista procura ver com os olhos da alma; quer sentir o que a matéria não revela. Este desejo faz desenvolver um novo sentido, um tato apurado de natureza imponderável.

As perspectivas Reais estão por trás da visão material e se subtraem aos olhos físicos, para se revelarem aos do espírito; elas se tornam cada vez mais formosas e nítidas, à medida que a criatura desvenda novos horizontes na senda da espiritualização.

Ninguém perde coisa alguma quando, por compreensão, abandona as ansiedades efêmeras terrenas, em troca das luzes espirituais eternas. As sensações eufóricas de alegria, do bem-estar e da felicidade que o indivíduo experimenta no mundo, apenas são um pálido reflexo das que pode usufruir, espiritualmente, nas esferas elevadas da evolução.

Desprender-se, pois, renunciadamente, dos atrativos mundanos, em busca de outros mais consistentes no plano do espírito, é ato concebível por aqueles que sentem o valor da renúncia, (pela qual ninguém se deve tornar um solitário ou recluso), e não desejam pôr a alma aos pés dos enganosos artifícios materiais.

Só é possível focar as perspectivas Reais, quando as vibrações do espírito se puderem sintonizar com elas, através de perseverante força de vontade cultivada para esse fim. Cuidar da evolução, do desenvolvimento espiritual, é um dever, uma obrigação que precisa fazer parte das atividades cotidianas.

O Criador é Espírito, e todos os seres, sem exceção, emanados dele, são também espíritos; esta realidade deve ser cada vez mais conhecida, com o que se terá a base para o entendimento de outras verdades decorrentes.

Conhecer a Verdade em meio às numerosas ilusões terrenas, é tarefa que exige esforço e decisão, sendo necessário que o indivíduo conte com um pouco de luz para iluminar o caminho em que há de dar os primeiros passos, no sentido da espiritualização.

No mundo, a maioria das pessoas ignora que a vida terrena se expressa por perspectivas reais, e isto porque a mente dessa maioria está saturada de pensamentos materializados mundanos, sensualistas e egocêntricos.

No setor da espiritualização está quase tudo por fazer na Terra, tal é a fração diminuta dos seres que se dedicam a obter conhecimentos nesse elevado sentido.

Há os que, por demonstrarem inteligência bem cultivada, pensam, enganosamente, que são verdadeiros faróis no campo da luminosidade espiritual, quando apenas desenvolveram um ramo da individualidade, a qual pode, figurativamente, ser comparada a uma árvore com os seus diversos ramos.

A inteligência, a memória, os dons artísticos ou científicos, as vocações, etc., são ramos de uma árvore simbólica, cujo tronco é a força espiritual. Esta árvore só tem o seu desenvolvimento normal, quando o tronco, que é a peça fundamental, é forte e consistente, e da sua copiosa seiva se alimentam os seus múltiplos galhos, todos eles dependentes da estrutura básica. Galhos desenvolvidos, sem que o tronco o esteja, representam sempre um perigo que convém considerar.

Fora do plano físico, as perspectivas reais vão se apresentando cada vez em maior número, à medida que a criatura sobe na escala de evolução. Conquanto na Terra, pela dedicação aos estudos espiritualistas, as perspectivas reais já se apresentem, é fora de dúvida de que no Plano Astral elas se revelam de modo mais objetivo.

Vale a pena meditar um pouco sobre este tema. Aquilo de que mais se precisa, é viver bem e alcançar o fim a que cada um se propôs, levando da Terra o mais que se possa conquistar em favor do trajeto de novas etapas futuras.

Ninguém se deve descuidar da realidade de que é um espírito, e, como tal, precisa viver espiritualmente, embora disponha de um corpo físico, nem se iludir, tomando a sua natureza espiritual, verdadeira e eterna, pela material, temporária, perecível ou efêmera.

Não confundir os valores relativos, que são os que atendem, momentaneamente, à existência carnal, com os valores indestrutíveis, que produzem o desenvolvimento espiritual.

Ao se procurarem as perspectivas reais da vida, encaminhar-se-á a criatura para a solução dos problemas espirituais que a todos se apresentam. É diante delas que o ser, induzido a fazer bom uso do raciocínio sobre princípios normativos escoimados de falhas sectaristas, encontrará as veredas por onde deverá passar para atingir a almejada meta.

São perspectivas reais aquelas que asseguram ao indivíduo uma reta certa no percurso da vida. Não o são, entretanto, o conceito de céu e inferno, de condenação eterna, da pluralidade de deuses, da concessão remissória do perdão, dos castigos divinos e de outros, criados pela imaginação.

Perspectivas reais são as oferecidas pelas leis de causa e efeito, das quais se tiram numerosas lições; são os processos de evolução, de onde se destaca a lei infalível das reencarnações; são os cenários da vida física, em que cada um colhe o que semeou, obrigatória e irremissivelmente.

Ocultar a verdade projetada nas perspectivas reais, é um crime. Há os que evitam enfrentar os fatos com as suas cores gritantes, antes preferindo acomodar a sua retórica no campo das justificativas fáceis. Mas nada adianta esse subterfúgio, porque a realidade tem um curso fatal.

Retardar a marcha, para protelar o conhecimento real das coisas, só porque esse conhecimento não transige com o mau procedimento, é dar testemunho de fraqueza moral e de não se desejar alongar a linha que determina o horizonte espiritual.

Há meios de saber-se o que é certo, desde que haja sinceridade individual, disposição interna de conhecer a verdade, mesmo que esta contrarie o convencionalismo tradicional, mas este estado exige independência moral, desprendimento e simplicidade.

Não há seres privilegiados. Se alguns chegaram a compreender e interpretar as perspectivas reais da vida e se tornaram, por isso, vitoriosos, todos poderão alcançar o mesmo resultado. É uma questão de querer e de pôr-se em condições de receber a iluminação condizente.

A Sabedoria Suprema vibra na sua própria aura, e esta está em toda parte, penetra o Infinito e não há um só ponto infinitesimal do Universo em que não esteja presente. Logo, está em cada ser particularmente, para que faça bom uso dela, e aproveite o que lhe pode oferecer e que resulta na certeza de que as perspectivas reais marcam o rumo certo da trajetória de todos os seres.

Dedicar-se ao espiritualismo é, pois, tratar de assuntos que visem a conduzir a criatura ao seu estado real, com plena lucidez e consciência. Não há esforço mais valioso do que o empregado para emergir-se do mar de sonhos e pesadelos.

Eis a tarefa ingente do Racionalismo Cristão, que merece o apoio incondicional de todas as almas bem formadas.

18. MENSAGENS FRATERNAS

Desde a infância, o ser humano deve aprender a regozijar-se com a apresentação de mensagens fraternais ao seu semelhante.

Uma notícia que agrade, deve ser transmitida com prazer, pois a felicidade alheia deverá ser a de todos.

A fraternidade precisa ser estimulada, para que os seres de pensamentos afins e de boa formação moral, se unam e promovam ambientação favorável à produção de idéias salutares.

Ninguém pode viver inteiramente isolado e segregado do meio social, sem sofrer as conseqüências desse isolamento, uma vez que a sua missão-tarefa exige intercâmbio permanente neste mundo.

Nesse intercâmbio, a que todos estão sujeitos, há sempre ensejo de se trocarem mensagens fraternais, com o fim de fortalecer o sentimento de amizade e exercitar os dons espirituais que reflitam amor cristão.

Lançar mensagens fraternais em circulação, é formar correntes de simpatia, as quais servem para contrapor-se às animosidades de que o mundo está repleto.

As mensagens fraternais devem, porém, ter um sentido que não seja formalístico e convencional, com significado inexpressivo; elas precisam possuir conteúdo, substância emotiva, demonstração real de afeto e de interesse especial pela felicidade do próximo.

Todos devem cooperar para suavizar as asperezas que o mundo impõe, na sua tarefa de servir de laboratório aos pronunciamentos da lei de causa e efeito, fazendo trabalhar o bom-humor, despindo-se de intenções acusatórias, desculpando as falhas de terceiros praticadas involuntariamente, aplaudindo o esforço construtivo, animando as boas iniciativas e fortalecendo as almas combalidas.

Uma só palavra que saia do fundo d'alma, num momento psicológico, pode constituir uma vibrante mensagem fraternal. Vezes há em que nem mesmo a palavra se faz necessária, pois um simples gesto, uma atitude, uma demonstração amiga, suprem qualquer outra expressão intencional.

Há pessoas que possuem o dom da afabilidade, e esmeram-se por se tornarem, espontaneamente, benquistas em suas relações sociais, escolhendo palavras delicadas para, com elas, brindar os seus interlocutores e estabelecerem um ambiente favorável ao cultivo da

amizade. Em tal meio, a palavra espirituosa, proferida com elegância e respeito, ilumina a conversação, tornando-a sumamente agradável.

As mensagens fraternais são emanações do espírito que refletem o seu estado sadio, e, tanto quanto possível, puro, nas manifestações que expressam de cordialidade, de confraternização e de alegria contaminante.

Esse dom citado não é privilégio exclusivo de alguns. Todos o têm, e podem desenvolvê-lo mais ainda.

De posse de tão valioso predicado, torna-se fácil manter-se o hábito de emitir mensagens fraternais, com o que cresce o número de amigos, aumenta a possibilidade de êxito nas transações e as oportunidades de vencer na vida multiplicam-se.

Ninguém desanime por não contar, desde já, com o precioso atributo desenvolvido, pois as normas espiritualistas, postas em prática, oferecem as melhores indicações para que todos cheguem até lá. É só não pretender realizar um objetivo que leva algum tempo, no prazo exíguo de uma encarnação.

O espiritualismo atua no sentido de aperfeiçoar as qualidades inatas do espírito, que são muitas e preciosíssimas. Não se poderá, no entanto, desenvolvê-las, sem se porem em prática, em exercício diário, os seus princípios.

O hábito de dirigir, discreta e oportunamente, mensagens fraternais aos seus afins por laços espirituais, é uma determinante que não deverá faltar na vida em comum dos seres firmados na disciplina cristã.

Não se quer dizer que as mensagens aqui referidas sejam um constante martelar de cumprimentos e inadequadas congratulações, efetuadas por cartas, cartões e telegramas. Um pensamento bem vibrado de solidariedade, de fortalecimento, de apoio moral, pode ser uma excelente mensagem fraternal; um significativo aperto de mão, em dado instante, pode alcançar o mesmo fim.

O Racionalismo Cristão evidencia o valor da ação e o poder do pensamento. Saber aplicá-lo, tirar efeito da sua força em favor do bem, é um dos fundamentos da ciência espiritualista.

Desenvolver, pois, a espiritualidade é, sob todos os aspectos, a melhor obra que o ser humano pode realizar, em proveito próprio e de outros. A soma considerável de atributos do espírito que o passam a auxiliar, com o crescimento da espiritualidade, para o seu cada vez maior esclarecimento, desembaraço, progresso em qualquer sentido, é, como se sabe, surpreendente.

Neste capítulo considera-se o atributo espiritual que estimula o trato fraternal por meio de mensagens, por serem elas manifestações emanantes do espírito, de caráter afetivo e harmônico, que bem refletem, as mais apuradas formas do amor cristão.

Como se sabe que a aprendizagem no curso espiritual é lenta, levando séculos até conseguir-se uma substancial melhora, nada mais aconselhável do que, sem perda de mais tempo, dar-se prosseguimento ao processo evolutivo, para cujo fim todos vêm a encarnar.

Muitos milhões de seres encarnados estão já na fase de ingressar no curso do espiritualismo, abandonando as velhas crenças materialistas que os trouxeram até o ponto em que atualmente se encontram. Comecem, então, agora a colocar de lado as antipatias, as mesquinhas, as idéias de perseguição, as alfinetadas no próximo, as rasteiras, os golpes baixos e outras misérias desse gênero, para cuidar da confraternização, de desejar o bem-estar do semelhante, do seu progresso e da vitória no campo das suas conquistas materiais, morais e espirituais.

Este é o primeiro passo a dar, no bom sentido, por quem realmente deseja alcançar posição mais elevada na hierarquia espiritual. Neste passo está incluído o treino que terá de ser feito no curso dos intercâmbios sociais em que entram as práticas de mensagens fraternais.

Procure-se formar um temperamento cordato, compreensivo, controlado, investigador das boas qualidades do próximo, para poder exaltá-las, bem humorado, indulgente e capaz de cultivar boas amizades.

Com este preparo não haverá dificuldades a transpor quando se tenha de encarar a posição na vida da criatura irmã com verdadeira simpatia, face a afinidades existentes, visto que é um ser que também se move neste oceano de apreensões, em busca de um porto seguro.

É fato confirmado e reconhecido que quando dois indivíduos se acham em idênticas condições, atingidos por um mesmo insucesso, a tendência é para se aproximarem e estreitarem relações.

Considerado o mundo Terra, pois, como um imenso cadinho em que se depuram, em igualdade de condições, numerosos seres da mesma origem, compreensível será que grupos que afinem pelo mesmo diapasão se entrelacem para fazer prevalecer, num cenário de ampla fraternidade, os moldes mais edificantes de uma sensibilidade cristã.

Nos Planos Astrais, e na medida da sua elevação, a troca de vibrações harmônicas traduz um constante emitir de mensagens fraternais. Aqui na Terra o mesmo caso há de repetir-se, com o inevitável

desenvolvimento espiritual, porque quanto mais evolui a criatura, mais se afasta dos motivos inferiores que a colocaram em dissidência com o seu semelhante, em lugar de evidenciar a sua união perpétua com ele, ao reconhecer-se como parte de um único Todo.

O Racionalismo Cristão é, em si, uma grande mensagem fraternal dirigida a todas as classes, a todos os povos, numa expansão generosa do Amor Cristão que deverá envolver todo o planeta. Uma vez seja atingida essa meta, poder-se-á estabelecer no mundo uma administração suprema, para a solução de todos os problemas sociais, visto que pela compreensão comum dos seres em geral, os antagonismos que forjam as desuniões, deixarão de existir.

Oxalá que um cumprimento de “bom-dia”, “boa-tarde”, “boa-noite”, não seja proferido com a frieza de uma expressão morta, mas que, ao contrário, acalente a força viva e o calor de uma verdadeira mensagem fraternal.

Este proceder mostrará o lado ideal da vida, para o qual os seres humanos devem olhar com interesse e confiança, porque para lá marcham todos, muito embora alguns pensem ser esse um cenário que estará sempre fora das suas cogitações.

Todos terão de passar na vida por transformações tão grandes, no processo evolutivo, que as suas feições materiais, morais e espirituais de hoje se tornarão irreconhecíveis como se fossem de outrem, considerando o fato de um futuro mais ou menos distante. Assim, se hoje nos mostrassem a nossa figura projetada num passado de uns dez mil anos, é certo que a não poderíamos reconhecer, tais as imperfeições de que estaria impregnada.

As mensagens fraternais atuam como o buril na mão do artista que com ele sabe dar à escultura os traços finos e sugestivos da obra imaginada, e as linhas que a embelezam e encantam. As mensagens fraternais, adotadas como hábito, também operam prodigiosas alterações no embelezamento das criaturas, ao atuar na estrutura humana, ao burilarem a personalidade e ao imprimirem novas e atraentes cores no brilho da individualidade.

A imagem que nunca se deve perder de vista, é aquela que diz que todos os seres são partículas idênticas de um Todo, e partes integrantes dele. Logo, todas essas partículas tendem a unir-se, a vibrar unissonamente, a solicitarem-se mutuamente, numa coordenação perfeita de sentimento e num transbordamento de sabedoria e amor, quando as

mensagens fraternais adquirem a forma absoluta de um pronunciamento constante e eterno.

Desde já, no estado atual de evolução dos seres, são elas elos de ligação entre as pessoas, que hão de prevalecer, sempre que se cuide da montagem da estrutura do amor cristão, no seio da humanidade.

As oportunidades que se apresentam para a sua manifestação, devem ser aproveitadas. Mais tarde, quando todos tiverem, cada qual na sua vez, de selecionar os atos da sua proveitosa marcha terrena, as mensagens fraternais emitidas, terão, por certo, lugar de destaque.

A vida cristã possui as suas modulações, com as quais aqueles que realmente com ela se ajustam, dão demonstrações que hão de servir de exemplo aos demais.

19. NORMAS PRUDENTES

Uma das grandes virtudes que o ser humano deve alimentar, é o culto da prudência. Numerosos males poderiam ser evitados, se a prática da prudência prevalecesse, sempre, no seu melhor sentido.

Quantas vezes surge o arrependimento pelo fato de haver-se empregado uma expressão inadequada e imprudente, ou praticado um ato ofensivo ou prejudicial, pelo descuido havido no senso equilibrado da conduta.

Normas prudentes são todas aquelas que afinam pela ordem correta do procedimento; o indivíduo calmo e ponderado, está sempre agindo na faixa das vibrações que o habilitam a encontrar o caminho certo para as suas resoluções.

O nervosismo é o maior antagonista das soluções ponderadas, visto como, debaixo de uma tensão nervosa, ninguém pode assumir as rédeas do governo próprio, para impor aquelas medidas oportunas e sábias que deverão dominar a crise porventura manifestada.

Todos devem adquirir o hábito de agir com prudência em qualquer emergência, na certeza de que os obstáculos, por este meio, podem, com maiores probabilidades, ser transpostos.

O ser é quanto mais sábio, mais prudente. Logo, a prudência é uma faceta da sabedoria, e todo indivíduo, pela sua condição de partícula da Inteligência Universal, é dotado de sabedoria, que precisará desenvolver em concomitância com a prudência.

Onde não há prudência, surge a precipitação e, com esta, o erro, a falha, a imprevisão. Soluções que requeiram meditação, ponderação e estudo, não deverão ser resolvidas na hora, apressadamente, pois as conseqüências poderão ser as mais nefastas.

Na escolha de um marido ou de uma esposa, a prudência deverá ter o seu lugar destacado. Dois seres que se unem para a vida, precisam conhecer-se bem e saber o grau de tolerância de cada um para suportar as falhas, removíveis ou não. Há pessoas que facilmente renunciam aos seus anseios em favor de outras, mas outras há que são irredutíveis.

A maioria dos desastres matrimoniais se dá pela precipitação. Deixam-se levar as criaturas pelas aparências físicas e superficiais, as quais pouco revelam da substância principal. A aparência física é quase tudo para o enamorado que se deixa submeter à voz do instinto, que é

exigente, intolerante, egoísta, inconseqüente e clama por soluções precipitadas.

A prudência está na força do espírito, força que sacrifica o bem imediato e efêmero, quase sempre ilusório, pelo bem resguardado e eterno. A imprudência olha só o presente, enquanto a prudência examina o presente e penetra no futuro, por não lhe escapar a lei das conseqüências.

É a lei de causa-e-efeito, que criou as normas da prudência. Ninguém quer sofrer, mas nem todos se lembram de que a falta de premeditação pode ocasionar os maiores sofrimentos.

Urge considerar a importância de levar-se a sério o valor da ponderação em todos os atos da vida. A cada passo, pode ficar a criatura envolvida por uma armadilha, na trajetória terrena; daí a necessidade de agir com cautela, sem precipitação, para que não venha a tornar-se vítima da falta de prudência.

Normas de vida todos precisam ter, e entre essas devem estar presentes, infalivelmente, as da prudência, que são indispensáveis para afastar os imprevistos, os deslizos, as uniões funestas, os atos levianos, os julgamentos afoitos e as críticas inoportunas.

A ponderação resulta do bom uso do raciocínio, da disposição de acertar, do empenho que cada um deve ter de valorizar a sua personalidade, através do criterioso bom-senso, para chegar a conclusões seguras.

As normas da prudência são extraídas de cada caso que se apresentar, sob um critério regulado pelo princípio norteante da ponderação. Com tal diretriz, as soluções coerentes se manifestam, e o melhor ponto visado é atingido.

Adotar normas prudentes no trato social, é o que pode haver de mais aconselhável, quando se deseja, como convém, manter um clima agradável e predisposições favoráveis ao desenvolvimento da amizade, da simpatia e do afeto.

Evidentemente, ao se cultivarem harmoniosas relações humanas, deve prevalecer o respeito ao semelhante, às suas idéias e gostos, pois para isso é livre, e o princípio da liberdade é intocável, para as pessoas de bem.

Ninguém terá de arrepende-se por haver sido prudente, porque essa virtude – a prudência – encerra, na sua essência, as melhores fórmulas de convívio, num mundo como este em que os temperamentos, as psicoses e as associações com o astral inferior são manifestações que se verificam a cada passo.

É indispensável que se tenha em mira a defesa do patrimônio material e moral de cada um, que poderá ser visado e atingido num descuido, em um ato de imprudência. As normas de prudência exigem vigilância, resguardo, lucidez, para que não se seja apanhado de surpresa.

Devem reconhecer-se como situação de fato, as condições reais do mundo em que se vive, e, como tal, as normas pessoais estabelecidas a essas condições, para não se criarem choques desnecessários, problemas evitáveis e situações melindrosas ou delicadas.

O tirocínio de cada um deve ser posto em ação, o bom-senso comum precisa ser exercitado e o hábito de conduzir as questões individuais pautado pela lógica do bom entendimento. O espírito pacificador deverá dominar em todas as ocasiões, mesmo que se tenha de usar de energia para atingir o resultado.

Não se justificam estados de exaltação, atitudes agressivas e violentas, em que as normas de prudência estão ausentes. A imprudência é perdulária e obriga a gastos excessivos de vida anímica. O imprudente esgota-se, com maior facilidade, e deixa sempre atrás de si um rastro sombrio de remorsos e arrependimentos.

É bem sabido que o imprudente não se transforma em prudente da noite para o dia, mas sempre é tempo de começar a ser prudente, e para isso existem normas estabelecidas. É certo que com desejo e esforço, tudo se consegue.

Aquele que durante uma existência terrena puser em prática o uso da prudência, quando voltar a reencarnar contará com esse recurso valorizado para prosseguir em nova jornada, com melhores aptidões.

Para adquirir-se a prudência, é necessário meditar antes de falar, escrever ou agir. Este procedimento salutar educa o espírito, fazendo com que a pessoa, em qualquer circunstância, procure pensar primeiro antes de tornar alguma séria resolução. A prudência obriga o indivíduo a acalmar-se, a dominar os nervos, a controlar os ímpetos, a proceder com serenidade.

Os atos impensados que se praticam, em cada dia, demonstram até que ponto chega a irreflexão humana e o descontrole das atitudes, com o desfecho imprevisível. A falta de prudência retarda a evolução, porque o indivíduo, por leviandade ou imprevidência, comete erros e falhas que produzem débitos espirituais que terão de ser saldados no futuro.

É preciso que, no fim de cada jornada terrena não se levem da Terra dívidas passivas, pois estas somente nela poderão ser resgatadas, com enorme perda de tempo.

A prudência e a moderação são expressões do mesmo sentido, que representam na vida das que as possuem, um verdadeiro tesouro, um poder de contenção contra numerosos males que a todos podem afligir.

Infelizmente, muitos são os que se deixam absorver por questões de pouca importância na vida material, que lhes roubam o tempo todo, nada ficando para se entregarem a pensamentos frutíferos, capazes de produzirem valores autênticos para o patrimônio espiritual.

O indivíduo sem recursos espirituais, desencarna paupérrimo, ainda que tenha sido um nababo na vida terrena. Há inúmeros recursos espirituais que podem e precisam ser desenvolvidos para a formação de um Pecúlio Real, mas neste capítulo trata-se, tão-somente, do recurso denominado prudência, por ser ele parte de uma riqueza que todos hão de possuir, como condição normal de evolução.

Quando não se tenha o devido cuidado de medir e pesar as palavras que se usam, poderá não parecer muito importante dar todo o crédito possível às normas de prudência. Mas, sabendo-se o mal que acarretam as expressões inoportunas, indelicadas, ferinas ou sarcásticas, cabe fazer restrições severas ao seu emprego, e adotar maneiras que elevem e dignifiquem os interlocutores.

Alguns são imprudentes por ignorância, outros, por malcriação, mas uns e outros ferem as leis sábias da vida, enquanto não modificarem a sua conduta para eliminar o tratamento imprudente que usam para com os demais seres, ou para consigo mesmos.

O imprudente não se livrará de reencarnar em condições indesejáveis, desde que, pirronicamente, queira permanecer descuidado das normas prudentes, e pela lei do mínimo esforço, dê de ombros às suas conseqüências.

A preguiça de pensar para melhor agir, ainda é um hábito comum no seio da humanidade. Nota-se uma lamentável falta de responsabilidade nas pessoas de índole imprudente, que se mostram como que adormecidas frente ao movimento trepidante da vida.

O mundo está atingindo uma fase em que não há tempo para adormecer nas horas de atividade. A competição, a concorrência, cada vez mais se mostram ativas.

Não é possível, neste cenário, adormecer à luz do dia, de olhos abertos. Cada qual precisa dar trato ao raciocínio e pôr o pensamento em ação, de modo construtivo, procurando analisar e deduzir, com o objetivo de acertar em todos os lances da vida.

As normas de prudência estão expressas no código da espiritualidade, como parcela valiosa na conquista da evolução. Quanto mais cedo for reconhecida essa Verdade por aqueles que desejarem cultivar as coisas do espírito, tanto mais depressa alcançarão os seus objetivos.

A prudência agasalha, sob a sua sombra protetora, uma soma de predicados que constituem valores reais na apuração do acervo espiritual.

20. BOA FORMAÇÃO MORAL

Quando o indivíduo encarna, traz consigo um programa de trabalho que deverá executar durante a sua permanência na Terra, servindo-se para isso, do corpo físico gerado no ventre daquela que lhe vai servir de mãe. Esse programa obedece a um estudo prévio, segundo o qual o espírito espera poder colher, servindo-se das probabilidades, as experiências mais apropriadas à sua evolução.

Dentro desse programa, estão marcadas as disposições que induzirão a criatura a marchar por linhas retas, ou seja por conduta retilínea, com o que forjará o arcabouço de uma boa formação moral.

Ninguém, absolutamente ninguém, nasce para ser um malfeitor, um sacripanta, um corrupto. Ao contrário, encarna para ser um ente benquisto, acreditado, uma pessoa de bem.

Para isso incutem-lhe, ainda no seu mundo, os espíritos que acompanham o seu progresso, pensamentos nobres, idéias humanísticas, princípios cristãos. Traz, assim, um acervo de normas positivas e elevadas com que se inicia no campo terreno, para cumprir as provas que terá de enfrentar.

Essa é a oportunidade que todos têm, sem exceção, de partir da estaca zero da estrada da vida, munidos de farnel para a jornada, farnel representado, neste caso, pela preparação moral recebida em plano astral que, somada àquela já conquistada, lhe dará o total suficiente para garantir-lhe um resultado positivo.

A maioria, porém, depois de encarnar, dá de ombros a essa “chance”, abandona aqueles pensamentos que se opõem à prática do mal e deixa-se levar pela concupiscência, até tornar-se insensível aos fortes clamores da consciência, de protesto e de advertências.

A minoria, no entanto, mantém-se atenta aos compromissos espirituais assumidos, e guiando-se por eles, despreza as “iscas” e os chamarizes que se encontram pelas margens do caminho, para só se enlevar com os luminosos cenários que a vida espiritual apresenta.

Uma boa formação moral então constituída, servirá de base a todos os seus atos, daí por diante, os quais encontrarão sempre apoio por parte da plêiade de Espíritos de Luz que, do alto das suas hierarquias, anima e revigora as vontades daqueles que se propuseram a manter-se, rigorosamente, na linha do bem.

Como se vê, uns há que se modelam sob os traços de uma boa formação moral, enquanto outros esquecem-se dos seus compromissos, põem de parte o seu patrimônio moral, tão penosamente acumulado, para, desviando-se do verdadeiro rumo, prestarem obediência subalterna aos narcotizantes efeitos das atrações mundanas.

A boa formação moral dá ao indivíduo sólida contextura para não se deixar arrastar por convites que não sejam feitos para conduzi-lo pelo caminho da honra e do dever. O indivíduo de boa formação moral destaca-se entre os que o não são, e é requisitado pelos que nele se espelham, constituindo um exemplo para ser imitado e um conforto para os que confiam na vitória do bem contra o mal.

Se todos fossem possuidores de boa formação moral, o mundo seria um paraíso, das riquezas se faria melhor distribuição, não haveria miséria nem ladrões, o padrão de vida seria elevado, tornar-se-iam desnecessárias as forças armadas e as entidades policiais, e desapareceriam as cadeias, penitenciárias e os reformatórios.

O dinheiro poupado com a manutenção dessas organizações, se aplicado em atividades outras de legítima evolução moral, seria suficiente para levar a todos os lares níveis superiores de educação, saúde, fartura, prosperidade, alegria e felicidade.

Daí a importância de implantar-se nos lares um regime espiritualista que conduza a um preparo que redunde em dar boa formação moral a todos os integrantes da família.

Essa formação moral não pode ser adquirida sem conhecimento de causa, sem convicção do que representa, sem consciência plena da falta que faz. Uma vez que viver melhor e com mais felicidade constitui um anseio que reside na alma de todos os seres, nada mais racional que se procure atingir esse objetivo, ainda mais por estar ele ao alcance de quem quer que tenha nascido neste planeta.

Esse alcance requer esforço individual, vontade e decisão, e a constituição espiritual de todos os seres está provida dos atributos que capacitam a criatura a atingir a realização de qualquer bem. Com essa garantia, pode-se chegar ao lado prático da questão, concebendo-se a possibilidade efetiva de criar-se em todo ser uma boa formação moral.

Esta boa formação moral é um ponto de partida seguro para o indivíduo não se desviar da linha traçada para o seu progresso espiritual, que se funda, principalmente, na moralidade escrupulosa de todas as ações.

Quando se diz que determinada criatura tem boa formação moral, entende-se que se trata de pessoa que aplica na vida normas espiritualistas, gravadas no subconsciente em encarnações anteriores, ou adquiridas em campo astral, através de evolução nele desenvolvida.

Todos terão de adquirir essa boa formação, porque ninguém poderá ingressar, sem ela, em planos espirituais cujo nível moral exija esse estado. Todos os espíritos evoluídos, de certo grau para cima, dispõem de excelente formação moral e constituiriam verdadeiros modelos, se na Terra tivessem de reencarnar.

Boa formação moral pode criar-se no exercício de qualquer atividade humana, porque não depende do ofício e, sim, das reservas morais já conquistadas. Tanto o operário humilde, na sua labuta, poderá consolidar a sua estrutura moral, através da conduta, como o alto dirigente, desde que sejam, um e outro, despidos de presunção e vaidade.

Há necessidade de meditar-se sobre o valor do caráter, como consequência da boa formação moral. Deveria haver mais preocupação dos seres encarnados em disputar as riquezas do espírito, que são eternas e que habilitam o indivíduo a fazer uso delas, com grande aproveitamento, para a sua felicidade, bem-estar e alegrias.

A felicidade aumenta, de grau em grau, à medida que se passa de um plano ao outro, imediatamente superior, mas ela não pode ser descrita em linguagem comum. Quando alcança esses planos, o espírito não volta a encarnar.

Muitos são os que preferem viver no fausto, sem se importar com as alegrias de uma boa formação moral. Depois, ao deixarem o mundo e penetrarem no plano astral, não levam a mínima parcela da riqueza material pela qual tanto se escravizaram, e então sentem-se infelizes, desamparados, miseravelmente pobres e incapazes de alterar a situação, porque o que lhes poderia valer, nessa emergência, seriam os dotes morais que não foram alcançados.

Quem possui boa formação, está sempre adquirindo maiores valores morais, porque as suas produções são da natureza da substância original, e esta é da mais pura essência; ela representa uma fonte produtora de riquezas espirituais, muito superior a qualquer indústria de fabricar dinheiro, por mais grandiosa que seja.

O ser humano precisa despertar do entorpecimento da matéria, a fim de poder constatar que só há corrupção na vida material e nunca na

espiritual, e que a boa formação moral é uma conquista espiritualista que isola a criatura da intoxicação dos venenos torturantes da carne.

Não se diga que não é possível conseguir-se trazer uma grande maioria ao regime da honestidade e do dever, porque tudo há de ser uma questão de tempo. A instituição de uma boa formação moral, terá de ser apoiada por uma campanha educacional que já foi, aliás, iniciada pelo Racionalismo Cristão, o qual a promove, com decisão, certo de estar contribuindo, de maneira sensível, para o êxito da mesma.

Cada um deverá fazer a sua parte, sem pessimismo, lembrando-se de que de pequenas gotas são formados os oceanos. Além disso, os operadores do bem nunca estão sozinhos, pois as grandes causas que visam o desenvolvimento da coletividade são apoiadas pelas Forças Superiores, que se servem de executores terrenos como instrumentos aplicados.

Jesus foi o primeiro Mestre que instituiu no mundo ocidental regras para a boa formação moral dos indivíduos.

Infelizmente, dentre os que se intitulam cristãos, numerosos são os que nada querem saber a respeito de uma formação moral correspondente. Por isso, a situação do mundo é, no presente, quase caótica, estando a exigir uma soma considerável de capacidade recuperadora, para que o equilíbrio moral se restabeleça.

A boa formação moral exige verdade, amor, desprendimento, consciência, honra, dever, disciplina, respeito e valor. É evidente que esses atributos que a alma deverá externar, precisam ser estimulados, e para isso é que se impõem os preceitos espiritualistas.

Fora da espiritualidade não há salvação, por não existirem meios de sair o indivíduo de um estado de inferioridade moral em que se vê cercado de vibrações sensualistas, desonestas e de degeneração.

O indivíduo que demonstra boa formação moral, dá provas de haver conquistado riquezas no plano espiritual, e delas haver feito boa assimilação e bom uso. Essas riquezas nunca serão perdidas, e têm o condão de valer para angariar outras, cada vez mais valiosas.

Constitui uma preciosidade de valor inestimável chegar a criatura ao estado de compreender o que representará em riqueza e sabedoria para o seu futuro, poder adotar uma linha de conduta em que resplandeça toda a riqueza de uma boa formação moral.

O trabalho, a dedicação, o esforço que forem empregados no sentido de alcançar esse luminoso estado, serão amplamente compensados pela

felicidade que virá ao encontro da criatura que se voltar inteiramente para o lado dessa sublimação.

Alcançar, pois, essa formação, deverá ser o objetivo principal de todo ser que tenha bastante esclarecimento para compreender que é ela o caminho certo e seguro por onde se deverá passar para atingir as gloriosas estâncias do reino superior da espiritualidade.

Uma vez que por toda parte se busca avidamente a felicidade, mais uma vez se confirma que ela não se encontra nos objetos da vida material, por ser atributo e emanção da alma.

A atenção que se dá, neste capítulo, a tão elevada condição do espírito, tem justificativa no fato de representar a boa formação moral a eleição feita pelo indivíduo de uma soma apreciável de virtudes bem conjugadas, das quais se serve, de maneira meritória, para testemunhar a sua convicção nas excelsas forças espirituais que dirigem e governam o Universo.

21. AS ASPIRAÇÕES

Todo indivíduo alimenta maior ou menor número de aspirações. A maioria, aspira satisfações materialistas, pensando que estas é que são as verdadeiras. As aspirações materialistas fazem parte, na realidade, da vida humana, porque na Terra todos estão sujeitos à influência do meio.

Assim, aspirar conquistas que redundem em progresso material, é um procedimento perfeitamente normal, que deverá fazer parte das cogitações de todo ser operoso e útil, empenhado nas lutas terrenas.

Progredir deverá constituir a preocupação dos que trabalham, como resultado dele, e por isso, a idéia de progresso está intimamente ligada às conquistas materiais.

Pelo fato da criatura desejar espiritualizar-se, não quer dizer que deva abandonar todo interesse pela aquisição de bens materiais, para cuidar só e unicamente das coisas do espírito.

Os filósofos descuidam-se das exigências terrenas, para submergirem num mar de abstração, e vagueiam pelo mundo, indiferentes, sem se aperceberem das responsabilidades que lhes estão afetas e das contingências que a vida impõe.

Na Terra, todos os encarnados têm de viver as duas vidas, distintamente, a material e a espiritual, e cada uma delas possui requisitos próprios, que precisam ser atendidos e respeitados. Deste modo, as aspirações devem enquadrar-se em tais requisitos, de maneira que subsistam em forma adequada a cada uma das suas vidas.

Acontece, porém, que as aspirações da vida material são traiçoeiras, e podem, por isso levar a criatura a escravizar-se a elas. As dádivas de natureza material são profundamente absorventes, e estimulam, com vigor, os atributos negativos que os seres humanos possuem, em maior ou menor quantidade, mais ou menos aflorados.

Isso significa que cada um deverá fazer um exame constante da sua natureza íntima, da sua consciência, para certificar-se de que não se está abandonando aos prazeres narcotizantes da matéria, que uma prosperidade material oferece, quando desacompanhada da ação espiritual.

O ideal na vida é desenvolverem-se, paralelamente, as atividades materiais e espirituais. Só assim, com equilíbrio e segurança, poder-se-ão obter os resultados mais satisfatórios, no cumprimento da missão terrena.

As aspirações devem ser controladas racionalmente, para não se desejar o impossível ou o absurdo. Mas, rigorosamente dentro das possibilidades de cada um, sempre é possível melhorar, progressivamente, e é nesse rumo que todos devem andar, formulando perspectivas evolucionistas atingíveis, no âmbito dos recursos ao seu dispor.

Não há nenhuma condenação em procurar atingir-se a opulência em riquezas materiais, desde que se saiba dar-lhes boa aplicação e nunca deixar-se por elas dominar; ao contrário, precisa colocar-se a criatura em posição de independência moral, de onde possa administrar os seus bens com humanidade, fazendo uso dos dotes do espírito.

Ao orientar as suas aspirações, deve o ser humano conhecer-se a si mesmo como Força Inteligente, incapaz de adular-se diante dos fascínios que uma vida folgada oferece. Quando as aspirações se realizam, pela força do pensamento, sem aquele cuidado de não se deixar envolver pelos tentáculos da ambição e do egoísmo, então lá se vai tudo por água abaixo, e era uma vez a encarnação.

Esta advertência é oportuna, porque as aspirações fazem parte dos projetos que todos alimentam. Basta que cada ser humano se considere uma partícula da Força Criadora, como realmente é, para que o intelecto trabalhe com o fim de transformar, construir, embelezar, progredir. Toda atividade que no mundo se registra é, em regra geral, um derivativo dessa ânsia de realizar projetos que antes passaram pela fase das aspirações.

Para atingir-se um objetivo de alto mérito aspirado, é necessário entrar no campo do pensamento elevado, onde se modelam as formas de obtê-lo, com o concurso da espiritualidade.

As aspirações devem ser formuladas em pensamento, claro, com linhas nítidas. O que se deseja realizar, precisa apresentar-se com os contornos bem traçados. Ideais confusos, não se consumam. Ao projetar-se um edifício, é preciso, antes, criar, com o pensamento, a sua imagem, com os pormenores bem acentuados. Só depois é possível a materialização daquela imagem.

Assim ocorre com todos os projetos, sendo forçoso que primeiramente se lance a imagem correta e definida, para, em seguida, dar-se-lhe a forma materializada.

A seqüência dos empreendimentos segue a seguinte ordem: aspiração, projeto e materialização. Quando se vai da aspiração para o projeto, já se deverá ter, em pensamento, a imagem, relativamente perfeita, da realização aspirada.

Muitas aspirações ficam no ar e não se concretizam, não obstante a sua esplêndida recomendação, por faltarem-lhes fixidez, imagens límpidas e vibrações de pensamento fortes, realizadoras, decididas e saturadas de energia.

As correntes construtivas que operam no espaço, apanham toda forma desejada que sintonize com elas, e, assim, as aspirações que visem a felicidade, a alegria, a abundância, o progresso, a saúde e a paz, entrosam com o sistema evolutivo, e recebem o reforço daquele sistema, que atua sempre no sentido das realizações.

Não se deve esquecer que o pensamento representa uma grande força. No plano astral, as criações, ou melhor, as transformações são feitas pela ação direta do pensamento. As aspirações representam anseios que o pensamento define. Uma vez que o pensamento entre em ação, as aspirações ficam acionadas por uma força que é capaz de as levar à realização.

O que a todos ensina o espiritualismo é a maneira de educar-se, o modo de ver e sentir a vida, para que os pensamentos que se emitam sejam construtivos e dêem margem a que as aspirações desenvolvidas tenham origem na retorta de uma disciplina racionalizada, em que imperem as doses comedidas do equilíbrio e da sensatez.

Por isso, todos precisam modelar as suas aspirações. O sentimento descontrolado, facilmente as forja inexequíveis ou prejudiciais. Elas devem mostrar-se esteadas em argumentos lógicos, em razões bem fundamentadas, para que a sua segurança não sofra abalos desmoraantes.

A base da evolução está assentada no poder de criarem aspirações progressistas, que conduzam o ser por caminhos ascensionais da ordem espiritual. A aspiração mais rendosa, é aquela que visa ao benefício da coletividade, e mais perniciosa é a que conduz ao fortalecimento do egoísmo.

Os que aspiram desfrutar de bens terrenos, tornando-se senhores de grandes posses, para com estas se regalarem ociosamente e tirarem da matéria todas as sensações que ela pode dar, podem ver tais anseios, realizados ao voltarem a reencarnar tantas vezes quantas forem necessárias, até que outras aspirações mais elevadas suplantem aquelas.

Ninguém poderá livrar-se das reencarnações neste plano físico, enquanto as suas aspirações contiverem a seiva do manancial mundano. Esta seiva é que define o estado psíquico do ser, mais ou menos materializado. Quanto mais se eleva espiritualmente, menos a criatura se

compraz com os gozos e ornamentos artificiais deste tormentoso panorama terráqueo.

Os seres menos espiritualizados encontram no planeta, em vida física, imensa satisfação com as dádivas terrenas, enquanto que os mais espiritualizados já não sentem o mesmo encanto com tais oferendas, porque estas vão sendo substituídas por outras de planos superiores, que agradam muito mais. Assim, as aspirações se modificam, à medida que o ser se desprende dos atrativos do mundo, para empolgar-se com outros menos palpáveis.

Tudo, no Universo, está muito bem planejado e executado. Os que fazem as suas andanças pela Terra, em condições primárias de evolução, encontram alguma compensação para as depurações, nos momentos, embora fugazes, de relativa felicidade que o mundo lhes pode dar.

Do mesmo modo, os que já se saturaram dos engodos da vida física, precisam encontrar, como de fato encontram, os seus momentos de maior felicidade nos climas diáfanos de uma diferente constituição da natureza.

A permuta que se faz da felicidade terrena pela Astral, é sumamente vantajosa. Em cada plano mais acima da evolução, as condições de vida melhoram, sucessivamente, pois cada vez mais se afasta o ser das vibrações grosseiras que animam a vida neste planeta depurador.

Pode, deste modo, bem compreender-se como variam as aspirações, não só entre seres das mesmas camadas evolutivas, como entre aqueles que se separam pela diferença do grau de evolução.

Se todos soubessem que o melhor caminho a ser seguido para alcançar as suas aspirações é o da espiritualidade, ninguém perderia um só instante de espera vã, quando tem ao seu alcance os meios adequados e as ferramentas próprias para a consecução do fim em vista, por onde se vê que o que falta à humanidade, para ser mais feliz, é orientação espiritual, a educação de princípios, o esclarecimento e um maior conhecimento da verdade.

Vale a pena manter aceso o fogo que alimenta as aspirações, e cultivá-las de maneira a se apresentarem com as formas mais recomendáveis. Quem não deseja aspirar a felicidade, o progresso, um maior conhecimento geral, a aptidão, a coragem, a saúde moral e física, a abundância, a tranqüilidade, o intercâmbio da afetividade, a capacidade operante, a inteligência?

As aspirações sensatas alcançadas no caminho por onde todos deverão passar, ficarão depois para trás, enquanto outras, à frente, são atingidas, e assim, sucessivamente.

São essas aspirações que atraem o ser para a frente. Ele, ao caminhar, vai afastando da vereda sinuosa e íngreme as pedras e os espinhos, sempre no propósito de alcançá-las. Não faltarão entraves ou estorvos para dificultar a marcha, mas as energias e a vontade não se abatem.

O mundo exige que as conquistas sejam feitas através de grande esforço, por ser esse esforço que abre as portas da oportunidade. É ele que fortalece o espírito, faz trabalhar o raciocínio e anula a obscuridade. Alguns seres dão tamanhos exemplos desse esforço, que se revelam heróis. Todos podem ser heróis, cada qual no seu campo de ação, pois não há criaturas privilegiadas. As oportunidades são oferecidas a todos, e se não as alcançam, de igual modo, é porque nem todos são igualmente esforçados. Aqueles que praticam atos de heroísmo são movidos pelo impulso de um ideal situado na área das aspirações.

As aspirações sadias enlevam a alma e revelam a força espiritual que faz ascender os indivíduos a planos mais altos, na luta pelo seu próprio desenvolvimento, pela expansão das suas qualidades e pela necessária revelação do seu potencial.

22. AS INFLUÊNCIAS

Todas as pessoas estão sujeitas a influências boas ou más. Quando são boas, não há problema, pois os bons pensamentos que as originam, formam as correntes do Bem.

As influências más, que trazem resultados desastrosos, é que devem ser combatidas e eliminadas. Elas podem proceder tanto do astral inferior, (daqueles espíritos obsessores que vivem na atmosfera da Terra), como do próprio plano físico, em que as pessoas têm o hábito de querer influir na opinião alheia, ao inculcar o seu modo de pensar, exatamente como fazem os obsessores.

As más influências também são colhidas dos exemplos, quando pessoas mal orientadas adotam práticas no viver que ofendem a moral e dispõem de força suficiente para exercer predomínio sobre criaturas despersonalizadas, sujeitas a aceitar qualquer diretriz que lhes pareça atraente, segundo as suas imperfeições morais.

Quando o indivíduo suporta o fardo de tendências más, acumuladas no passado, pode ser agente ou vítima, na atuação das influências; pode influenciar o semelhante a seguir pelo seu desvio moral, se por ele preferir conduzir-se, ou pode aceitar a tentadora influência do seu igual, que viveu desajustado nas vidas anteriores.

Com tais indivíduos é preciso ter uma dupla cautela para ajudá-los, e evitar que os maus pendores aflorem, procurando, para isso, exercer sobre eles uma influência benéfica, fortificadora e esclarecedora. Por outro lado, urge vigiar as companhias, para afastar as perigosas, que façam reviver velhos e condenáveis hábitos.

A ação educacional é tarefa difícil, por exigir argúcia, atenção e penetração psicológica. Logo na infância, pelo estudo das tendências, não é difícil descobrir se o adolescente tem força moral suficiente para reprimir os impulsos negativos da alma, ou se precisa de muita ajuda para contê-los nos limites de uma conduta recomendável.

As responsabilidades de quem tem filhos para educar, além de serem muito grandes, constituem uma condição da vida, da qual não se pode escapar. Os portadores das mesmas tendências encontram afinidade entre si, unindo-se por isso, em grupos, e fazendo-se amigos e companheiros. Quando as tendências são más, o grupo é também mau, e as influências que exerce são sempre perniciosas.

Estes grupos maus formam correntes de pensamentos comuns, e os sentimentos por eles externados refletem o estado de suas almas mal-intencionadas, com vibrações ligadas às do astral inferior, de onde recebem influências da pior espécie. Tais grupos, por serem focos de disseminação do mal, devem ser isolados, mentalmente, quando não se puder dar outra solução melhor.

O mal age como vírus contaminante; há sempre almas mal preparadas, por falta de lares esclarecidos em seu meio, que se sentem atraídas por ele e estas são as que se aproximam de grupos nocivos. Assim como os animais inferiores são domesticáveis, os seres humanos impregnados de maus hábitos e imperfeições, também são possíveis de receber educação e ensinamentos reformadores, por força de influências benéficas.

As influências boas ou más existem, na realidade, formam correntes, e, pela força do pensamento e a ação do sentimento, são atraídas ou repelidas. A boa educação espiritual consiste em saber atrair aquelas que beneficiam, e repelir as outras.

Nestas circunstâncias, todo indivíduo precisa andar atento, bem escudado na sua força de ação, para não se deixar envolver pelas malhas traiçoeiras do mal, que estão espalhadas por toda parte, em armadilhas perigosas, para nelas colherem os desprevenidos, os incautos, os imprevidentes, os que vivem, embora acordados, como se estivessem dormindo.

Os seres que se encontram espiritualmente educados e desenvolvidos estão aptos a exercer a sua influência, de forma eficiente e construtiva, levando ao seu semelhante as mais proveitosas lições da vida, oferecendo-lhe os exemplos mais edificantes e dando demonstrações reais e plenas da superioridade do espírito.

O mal que o indivíduo causa ao seu semelhante é produto de más influências, com as quais se casa a vítima, na maioria das vezes, por inaptidão, para repeli-las.

Uma das chaves do sucesso na vida está na capacidade individual de afastar influências más, que se apresentam de forma atraente, atentando para a vaidade ou o egoísmo, com o fim de forçar a entrada, pela porta mais vulnerável.

Como se pode concluir, o Espiritualismo é o manancial de conhecimentos que conduz a criatura, por caminho seguro, aos mais altos píncaros da sabedoria, de onde poderá descortinar, com visão ampla, todos

os recantos da natureza, e habilitar-se, desse modo, a compreender os fenômenos que nela se operam.

Os estudantes do Espiritualismo estão voltados para o nascente, de onde, simbolicamente, vêm a luz que a todos banha por igual. Uns, recebem-na com alma esfuziante, de maneira a absorver os seus luminosos e fortificantes raios, enquanto outros olham-na com o entendimento obscurecido. Para os primeiros, as influências diretas daquele raiar luminoso produzem resplendentes efeitos, ao passo que, para os segundos, para os que não compreendem ainda a linguagem da natureza eterna, aquele esplendor não se revela com a verdadeira imagem.

As influências manifestam-se de indivíduo para indivíduo, como de nação para nação; muitas nações foram arrastadas à guerra, por força de influências indiscutivelmente egoísticas.

A imprensa exerce poderosa influência na mentalidade humana, e os que não se resguardam das suas invectivas, porém, sem querer, ficar envolvidos nas ondas convulsivas das opiniões em debate.

O critério espiritualista não está ainda firmado na maioria dos que usam a pena para orientar, e essa é a razão pela qual a imprensa não atingiu, por enquanto, aquela expressão singular que lhe está reservada, e que se consubstanciará em dias que hão de vir. A imprensa, pela sua influência, é um poder capaz de, por si só, operar reformas, conter desmandos, desvendar a verdade dos fatos e contribuir para defender a moralização dos costumes.

Saber, pois, aproveitar as boas influências para tirar delas o melhor partido possível, é agir com sagacidade e sabedoria para fecundação de boas obras.

O sentimento efetivo predispõe à emissão de boas influências, visto que quem ama deseja a felicidade da pessoa amada. Assim é o amor apregoado por Jesus, que deverá envolver todas as almas, impregnando-as das melhores influências.

Os indivíduos que não adotam um código de princípios que lhes sirva de guia para a conduta, precisam andar influenciados por pessoas de bem, que saibam dar-lhes o indispensável roteiro para a sua jornada terrena.

A influência benéfica dos dez mandamentos de Moisés, escritos há milhares de anos, ainda se faz sentir nos dias de hoje, pela força que contém a sua substância moralizadora. São as influências emanantes dos princípios elevados que mantêm o mundo habitável, pela contenção ou afastamento das correntes do mal.

O esforço espiritualista volta-se no sentido de concatenar argumentos racionais, que produzam efeito convincente em favor do estudante. Toda alma possui, inata, a consciência do bem, que permite fazer com que as expressões da verdade se alojem, se acomodem em si, se casem com o sentimento situado no âmago do ser, que é realmente puro. Por isso, a verdade tem poder penetrante e convincente, e a sua influência se faz sentir com proveitosos resultados naqueles que desejam, sinceramente, absorvê-la.

Os lares valem, pelo que ministram em influências salutares; as escolas acreditam-se, pelas doses de ensinamentos lapidares que aplicam aos alunos; os chefes valorizam as suas ações dirigentes, sempre que inspiradas por influências sublimadas. As influências governam o mundo, e imperam no Universo. Elas agem como leis eternas, naturais e imutáveis, por serem forças em constante movimento, que devem, por isso, ser estudadas, analisadas e aplicadas com conhecimento de causa, para produzirem os benefícios que delas se possam esperar.

Exercer influência sobre alguém, para martirizá-lo, é um crime. Os tiranos fazem prevalecer o seu eu voluntarioso e intransigente, pouco se lhes importando a voz da razão. A influência deve ser aplicada beneficentemente, com suavidade, de modo educativo, amorosamente até, predispondo o livre arbítrio a aceitá-la, para que o indivíduo se sinta bem com a orientação que deverá satisfazer a sua própria consciência.

É pela influência de pais, professores, irmãos e amigos, que as criaturas se tornam melhores ou piores do que já foram. Eis a importância das influências, e a sua interferência na formação de um caráter melhor ou pior. Não se pode desprezar a sua atuação na vida, porque elas podem modificar, inteiramente, o curso de uma encarnação.

Aceitar as boas influências, é seguir os bons exemplos, é enriquecer o patrimônio moral, é formar lastro valioso para aplicá-lo em maiores empreendimentos, é dar expansão à evolução. Quem se puser a receber boas influências, coloca-se em condições de também transmitir a outrem aquilo que de bom recebe, e assim colaborar para a melhoria geral dos que vivem neste mundo.

A união faz a força, como diz o aforismo, e há de ser pela união das correntes formadas pelos bons pensamentos, imanizadas de boas influências, que a humanidade se irá transformando numa coletividade eleita para novas e promissoras tarefas.

O valor das boas influências deverá ser reconhecido, para que melhor sejam elas assimiladas. A Terra é um lugar em que se trocam idéias e opiniões, uns necessitando de outros para levarem por diante iniciativas úteis. O espírito de colaboração deve corporificar-se, com aprovação unânime, para que todos se voltem para o mesmo fim, que é a conquista da felicidade, pois a intercalar todos os anseios e idéias, estão as boas influências circulando, ativamente, como que à procura do equilíbrio final.

No espiritualismo afinam-se as sensibilidades da alma, apuram-se os sentidos, e, como resultado, torna-se a criatura cada vez mais apta a absorver as boas influências, e a fazer bom uso delas.

Por essa razão, no trato com as coisas do espírito, não se poderão silenciar sucessos decorrentes de uma eficaz maneira de serem aproveitadas as riquezas que a natureza oferece aos que as procuram, criteriosamente, com fundamento nas lições espiritualistas.

23. A SERENIDADE

A serenidade é um atributo que poucos possuem, apesar de ser indispensável à criatura, na sua vida de relação. Serenidade, exprime domínio próprio, controle dos nervos, força de vontade desenvolvida.

A princípio, há necessidade de por em prática, com esforço consciente, a força de vontade, aliada ao domínio próprio, para que ela se manifeste, evitando-se, neste caso, aqueles estados de alma que, manifestando uma aparente serenidade, escondem uma tempestade interior.

Com o tempo, com a compreensão amadurecida, com o exercício mental disciplinado, com o desenvolvimento da espiritualidade, a ação serena torna-se uma segunda natureza, passa a fazer parte da individualidade, da estruturação psíquica, e revela-se espontaneamente, sem o menor recurso imperativo.

Na arte de meditar, é a serenidade que faz o raciocínio trabalhar, plenamente, e formar corrente favorável à solução dos problemas, sendo, por essa razão, imprescindível.

Todos, na vida, precisam meditar, pois aquele que melhor aprender a técnica da meditação, é que se mostra mais apto a vencer as dificuldades que se lhe antepuserem.

Freqüentemente são chamadas à razão as criaturas que se afobam diante do nada, que se exasperam com ninharias e se afligem com as criações do próprio pensamento. Ao procederem de modo oposto à serenidade, desgastam-se essas criaturas animicamente, envelhecem prematuramente, alvoroçam o ambiente, criam o desassossego em torno de si mesmas e provocam estados intranqüilizadores.

A serenidade não significa impassividade, mas, ao contrário, o meio ativo de se dar solução certa, ao menor tempo, a qualquer imprevisto que se manifeste. A serenidade é dom desenvolvido do cabedal espiritualista.

O Mestre Nazareno ofereceu os mais edificantes exemplos de serenidade em todos os seus atos, numa clara demonstração de que esta prática participa, como fator integrante, dos métodos da espiritualidade.

Ninguém deve querer arvorar-se em palmatória do mundo, para corrigir as falhas de todos. A evolução se processa paulatinamente, pelo esclarecimento. Uma vez feita, com consciência e serenidade, a parte de

cada um, não se justifica que se venha a perder a calma pela morosidade dos retardatários.

Mais vale uma admoestação oportuna, amiga e concludente, do que uma áspera reprimenda, entrecortada de expressões contundentes. É especialmente pela serenidade, que a criatura se habilita a prestar concurso mais valioso a quem dele necessitar.

Os que militam na escola da serenidade não são capazes de perturbar a sua paz interior, alcançada numa longa jornada de amadurecimento espiritual, para voltar-se contra o seu semelhante desajustado ou incapacitado, e humilhá-lo na sua inferioridade.

Os que se exercitam para a conquista da serenidade devem contar até dez ou até cem, antes de tomarem uma decisão provocada pelo fervilhar da mente exaltada. Esta prática pode livrar muitos de tomarem atitudes precipitadas, incorretas ou injustas, que depois lhes tragam remorsos.

Num curso escolar, não é admissível que o aluno mais adiantado perca a calma, quando não obtém respostas certas de um aluno de classe inferior sobre matéria de currículo superior, por estar este, portanto, acima de sua capacidade de apreensão.

De igual modo, não se pode exigir neste mundo, em que se encontram espíritos encarnados de vários graus de evolução, que os menos evoluídos procedam da maneira pela qual agem os mais evoluídos.

Este princípio, apesar de tão elementar, não é observado na Terra, onde o espírito de intolerância e, de revolta contra o semelhante se manifesta, a cada passo, devido a não haver compreensão acerca da sistemática estabelecida para as reencarnações dos espíritos que provêm de vários e diferentes planos astrais, classificados segundo os graus de evolução.

Uma vez bem compreendida essa condição de cada um só revelar aquilo que pode, de acordo com o patrimônio moral, intelectual e espiritual que adquiriu nas encarnações pretéritas, será mais fácil dominar os ímpetos da indignação e adquirir serenidade para apreciação dos casos, a fim de dar-lhes a melhor solução. Os que já adquiriram a plena serenidade, filiada à espiritualização, estão aptos a evoluir em campo Astral, após a desencarnação.

Não se deve esquecer que os que se dizem cristãos, precisam incluir, na prática cotidiana, o hábito da serenidade. É bem certo que há ocasiões em que é difícil conservar a serenidade diante de cenas que se desenvolvem com a ajuda do astral inferior, mas elas, também precisam

ser enfrentadas cristãmente nada impedindo, no entanto, que se empreguem energia e ação decisivas, toda vez que se seja solicitada a proceder dessa forma, como única maneira de restabelecer a harmonia, a ordem, a disciplina e o respeito.

A serenidade concorre para a longevidade, para um melhor estado de saúde, para uma acertada deglutição dos alimentos, para dar bom trato ao raciocínio, para reter na memória as lições aprendidas, e para poder atrair-se melhor apoio espiritual, nos momentos precisos.

A importância da serenidade não foi, ainda, bem proclamada, apesar de ser assunto que precisa ser posto, constantemente, em foco, pela sua natureza de ordem espiritualista, num mundo, como o planeta Terra, em que quase só o materialismo impera.

A finalidade do registro desse importante tema nestas páginas, tem o fim de despertar, para ele, a atenção do estudioso, e convencê-lo de que somente a observância das normas espiritualistas aqui descritas poderão melhorar as condições gerais da vida terrena.

Por não ter contra-indicação, a serenidade deve ser sempre considerada como uma atitude recomendável e digna de ser exercida constantemente, não sendo necessário ficar adulto para isso.

A criança, desde cedo, precisa saber o que é a serenidade, o que representa e o que vale. Bem assimilada essa virtude, no começo da existência, os frutos, mais tarde sazoados, são numerosos e de alto rendimento.

A marcha equilibrada do indivíduo, na sua trajetória terrena, depende da adoção de um grupo de princípios espiritualistas, por serem estes fundamentais, na ordem das coisas espirituais. Como são as normas espirituais que dirigem a vida material com acerto e segurança, forçoso é reconhecer que ninguém poderá viver nas melhores condições possíveis na Terra, sem pôr em prática, em cada dia, na solução de todos os problemas, os preceitos interligados de natureza espiritual, dentre os quais se sobressai o da serenidade.

Todos os seres caminham para atingir o mais alto grau de serenidade, pois não se concebe um espírito de elevada hierarquia espiritual que não a possua, plenamente. Logo, se um dos objetivos no processo ascensional é conquistar a serenidade, então, racionalmente, todos os esforços deverão ser empregados para que, quanto antes, seja ela introduzida no sistema estrutural da vida humana.

É comum a criatura empenhar-se pela obtenção de coisas supérfluas, de duração efêmera ou temporária, deixando de parte, como se nenhum valor tivessem, riquezas eternas, de qualidades insuperáveis, e tesouros indestrutíveis, portadores de ventura e felicidade inigualáveis que, como dizia Jesus, nem a traça nem a ferrugem podem consumir; a serenidade é um desses valores esquecidos, desprezados e abandonados à margem da estrada da vida.

Os educadores que dispõem do dom da serenidade, estão melhor habilitados a exercer o seu magistério, por não transmitirem aos adolescentes o nervosismo que gera a irritação incontrolada, ante a exuberância de vida manifestada na infância e na mocidade. Assim como o nervosismo é transmissível, com as suas inconveniências e prejuízos, a serenidade também é induzível, com benéficos resultados.

Nenhuma dúvida deve pairar no espírito dos seres acerca das vantagens numerosas resultantes do cultivo espontâneo da serenidade. Cada vez que a solução de um problema atravessar o crivo da serenidade, a melhor fórmula será indubitavelmente adotada, dentro dos apurados recursos com que contam as criaturas serenas.

Se a solução não for sempre cem por cento ideal, restará a convicção de haverem sido empregados os meios mais eficazes para alcançar o fim, e, conseqüentemente, nenhuma intranqüilidade poderá depois perturbar a paz.

A pessoa irrequieta e impulsiva não adquire a serenidade da noite para o dia; as conquistas espirituais são lentas, relativamente, e dependem muito do esforço e da força de vontade que forem empregados. Mas é preciso começar a desenvolver esse dom e a cultivá-lo, com esmero, no decorrer das idades e das vidas sucessivas.

Aqueles que revelam alta dose de serenidade no seu viver, pode-se ter a certeza de que ela resulta de uma longa prática, exercida no curso de várias encarnações pretéritas.

Os valores obtidos pela aprendizagem espiritualista jamais se perdem. Eles se acumulam, de encarnação em encarnação, tornando-se o ser cada vez mais desenvolvido, mais adestrado, mais capaz, mais vigoroso, espiritualmente. Por isso, não deixa de ser uma pena que o indivíduo passe por uma encarnação inteira sem aduzir nada ao patrimônio do espírito, o que acontece aos que desprezam, na Terra, os preceitos da vida espiritual.

No Racionalismo Cristão apontam-se os atributos do espírito que deverão ser desenvolvidos durante a trajetória terrena, para que a tarefa planejada seja bem cumprida; deste modo instruído, o estudioso das questões espirituais há de sempre encontrar, na serenidade, a melhor saída para as suas dificuldades.

Não se desconhece que o mundo Terra é uma escola para as almas necessitadas de progresso espiritual, e por tal razão apresenta a mais variada modalidade de experiência, sempre com a finalidade de caldear o espírito no cadinho da dor purificadora, quando ele não quer amoldar-se às normas que não contrariem as leis naturais, circunstância que lhe propiciará um crescimento mais rápido e mais ameno; ensina-se, então, que, pautando as diretrizes da vida sob a cúpula da serenidade, o espírito disporá de condições mais adequadas para submeter a sua Vontade aos princípios retos da conduta.

É de grande alcance ajustar-se a criatura aos postulados que lhe dêem segurança na maneira de agir, segurança que se exprime na certeza ou na convicção de que as suas atitudes estão certas, e certas estarão, realmente, se buscar inspiração para os seus atos na fonte inexaurível do conhecimento, estabelecendo, com serenidade, contato com o Astral Superior.

A ponderação e a moderação aliam-se à serenidade para realizar um mesmo objetivo. O mundo é espinhoso e agreste, exigindo, por isso, a maior cautela na marcha do viandante. A ânsia de enriquecer depressa, provoca no agente um ímpeto de agir precipitadamente, e é quando se verificam grandes quedas.

A paz e a tranqüilidade de espírito convidam à serenidade, por onde se vê que esta virtude está sempre envolta por uma série de outras virtudes, que consolidam a posição da criatura na sua trajetória terrena, em bases de segurança e firmeza.

A serenidade está presente na estrutura espiritual de cada indivíduo. Apenas precisa revelar-se, como os demais atributos, mas não se revelará enquanto a vontade não for posta em ação. Vale, pois, estimular essa vontade, para tal fim, desde que bem se compreenda a sua finalidade. É obra que todos terão de realizar, com a alternativa de que muitos querem dormir, ainda, mais um pouco, e esse sono se estende, às vezes, por séculos.

Assim se verifica que a humanidade se divide em duas classes: a dos adormecidos, e a dos despertos. Estes, em fileiras de ação construtiva e

elevada, querem aprender e pôr em prática as lições espirituais, e são, por isso, os que desfrutarão, mais cedo, os grandes benefícios que lhes conferem tais diretrizes; os outros, são os retardatários impenitentes, os que dormem exaustos pelas margens do caminho, depois de procurarem, em vão, com recipientes exíguos, alimentar de novos contingentes etéreos, o mar fantástico das ilusões.

24. A SIMPLICIDADE

Um dos mais belos ornamentos da alma é a simplicidade; não uma simplicidade estudada para causar efeito ou esconder a vaidade.

A simplicidade tem de ser espontânea e natural, ou não é simplicidade. Acontece, porém, que quando ela se revela por essa forma espontânea e natural, já está a criatura situada num nível elevado de evolução, pois quanto mais evoluída estiver, tanto mais simples será.

A falta de simplicidade, ostensiva ou oculta, denuncia um estado de alma nada lisonjeira, nada edificante, muito embora a encenação seja a mais tocante possível; almas tidas como piedosas, não raro deixam-se levar pela mística de recompensas celestiais e adotam uma representação no palco da vida, que leva à comoção muitas das pessoas inclinadas a proceder da mesma forma. A simplicidade que envolve esse cenário é aparente, e não real.

Para muita gente, ser piedoso é ser simples, e vice-versa, quando, na realidade, o “piedoso” é um ser imbuído da convicção enganosa de ter assegurada, pelos seus atos, a sua entrada triunfante no reino dos céus, após a morte, julgando haver conquistado no paraíso celeste a mais alta “distinção espiritual”.

O piedoso é assim um indivíduo que facilmente se envaidece, enchendo-se de pretensões falsas e até ingênuas. Geralmente quem se julgar distinguido para receber tão alto prêmio, tão privilegiada posição, só poderá ter simplicidade exteriormente, porque no fundo está convencido da sua superioridade sobre os demais; da glória de ser “eleito de Deus”, da ufania de se considerar um “escolhido do Senhor”.

Longe desse aspecto, porém, está a realidade, porquanto a simplicidade não se cria da noite para o dia, nem se fica simples depois de ouvir um sermão; a simplicidade é formada no indivíduo, através de milênios, e se apura de encarnação em encarnação, no curso de milhares delas.

Todos deverão fazer o bem que puderem, de acordo com o merecimento de cada um e as circunstâncias que se apresentarem, sem desejar alcançar o epíteto “celestial” ou “piedoso”, pelo ilusório sentido que esses vocábulos contêm.

Exemplos de verdadeira simplicidade dão-nos aqueles espíritos altamente evoluídos que encarnaram no planeta, não mais para se

depurarem, mas para servir de guias, como Mestres para ajudarem a esclarecer os que aqui se acham. Moisés, Hermes, Buda, Confúcio, Krishna, Maomé e principalmente Jesus foram Mestres que encarnaram para ajudar a humanidade a evoluir. Neste século vinte, contou-se com a presença de Luiz de Mattos, não menos Mestre, que veio com a missão de implantar na Terra o Racionalismo Cristão.

A simplicidade nesses espíritos foi modelar, natural e espontânea, e será nela que se devem inspirar os estudiosos do espiritualismo, para a sua crescente renovação espiritual.

A simplicidade não obriga ninguém a curvar-se ante os poderosos, nem humilhar-se diante de qualquer situação. Em primeiro lugar, porque os que se julgam poderosos, são meros manequins em uma eventual exibição, e só o fato de se julgarem poderosos e pretenderem dar testemunho disso prova a inferioridade espiritual que os anima. A próxima encarnação ensinar-lhes-á a lição adequada para a correção do mal. Em segundo lugar, porque todas as almas são da mesma essência, iguais perante ao Todo, e diante dessa verdade, não cabem atitudes de humilhação.

Se alguém precisar de humilhar-se, deverá ser diante de si mesmo, de sua própria consciência, face aos erros cometidos, que realmente inferiorizam. Ninguém deve cometer a imprudência de humilhar o seu semelhante na sua dignidade pessoal, para feri-lo, de algum modo. A simplicidade não admite atos que contrariem a ética espiritualista, de que faz parte.

A criatura simples não disputa lugares que não lhe devam pertencer ou para os quais não está preparada, não se impõe, pretensiosamente, não faz prevalecer a sua opinião pessoal sem respeitar a do seu semelhante, acata o ponto de vista alheio, examinando as circunstâncias que o determinam. A simplicidade é coerente, tolerante, moderada, prudente, comedida e respeitadora.

Há pessoas que pensam que ser simples é andar com roupa amarrotada e de má, qualidade, com sapatos descambados, de pijama na rua, de cabelo revoltado, completamente descuidadas. Ao contrário, a simplicidade pede limpeza, esmero, decência e apuro.

O Mestre Nazareno, exemplo de simplicidade, usava túnicas sem costura, que eram as de melhor qualidade. Assim, os que trajam roupas de boa qualidade, podem, ao mesmo tempo, apresentar-se com discreta simplicidade.

A simplicidade exclui o supérfluo, o aparato, a ostentação e o luxo, para só prevalecer a utilidade, na sua forma simples e indispensável.

A simplicidade elimina qualquer apreensão do ser quanto ao que possa, porventura, faltar-lhe, porque, como está aliada à espiritualidade, não se cerca de ambições escravizadoras. Ela é um estado de alma perfeitamente configurado, em que a criatura vive sob a influência de satisfações que estão acima das que o mundo concede.

Não obstante a peculiaridade exposta, a simplicidade incentiva o progresso, estimula a iniciativa, almeja o estabelecimento de uma vida simples para todos e contenta-se com o que tem. Todos caminham para a simplicidade, embora desconheçam muitos que esse é o rumo traçado, ao qual ninguém poderá esquivar-se, a não ser passageiramente.

A simplicidade é um alvo, na escala da evolução. O indivíduo simples, quanto mais aprende, mais reconhece o pouco que sabe, em relação ao muito que ainda tem de aprender. Este conhecimento induz à simplicidade. A criatura de natureza simples, não encontra motivos para abandonar a simplicidade, principalmente quando sabe que o Universo é formado de miríades de galáxias, e estas também de miríades de sistemas solares, sendo cada um destes um grupo familiar composto de Sol, planetas, satélites, cometas e asteróides, tudo em movimento, sob a ação de leis imutáveis e eternas, e mais, que o planeta Terra, deste Universo Gigante, é como que uma partícula de pó no Espaço. Diante disso, qual o habitante desta minúscula partícula, que há de julgar-se suficientemente importante para deixar de ser simples?

Somente aqueles que se encontram sobremaneira absorvidos pelas ilusões terrenas, pelo poder temporal, pelas grandezas materiais e efêmeras, pelas quiméricas posições de mando, pelos fogos de artifício da luxúria, é que darão valor à sua hipotética importância, para desprezar a simplicidade.

A simplicidade não é atributo que possa ser reconhecido por almas que trazem de encarnações passadas, ainda não eclipsadas, uma vivência aristocrática, impregnada de etiquetas sociais e medidas, de reverência e rapapés, de adulações e endeusamentos, de farsas e hipocrisias, em que todos querem fazer figura, brilhar nos salões, chamar a atenção sobre si, ouvir galanteios e expressões refinadas.

Um tal cenário é do gosto de espíritos que ainda pertencem aos primeiros planos de evolução e que, embora possam ter o intelecto desenvolvido, são pobres, ainda, de espiritualidade.

É necessário que se saiba que o que marca a ascensão de um plano de evolução para outro mais elevado é o progressivo desenvolvimento espiritual que se consegue na marcha pelo caminho da espiritualidade, já que o aumento da capacidade intelectual só tem real valor, quando aplicado na cultura e na prática espiritualistas.

Não há recriminação para os que não podem ser simples, desde que o seu grau de evolução não lhes dê meios de se libertarem do apego que sentem pelas aparências suntuosas.

Estes procuram no enfeite decorativo, no adorno superficial, o enlevo sentimental. Sentem-se felizes e alegres com os reflexos ofuscantes da vida material.

Retroagindo na análise até um ponto na origem da evolução humana, observa-se que os silvícolas se sentem extasiados com espelhos, lantejoulas, cristais lapidados, miçangas, plumagens coloridas, colares de vidro, pulseiras de metal e com tudo o que refulge.

A simplicidade deve ser olhada como um objetivo a ser atingido. Em cada existência deixa-se de lado um pouco das ostentações que separam a criatura da simplicidade, e assim, aos poucos, irá ela se despindo de todas as desvaliosas causas que a vem prendendo a uma concepção que irá ficando para trás, envelhecida como traste inútil.

Uma vez que a evolução seja, como de fato é, a maior conquista que o ser pode desejar, é natural que se realcem todas as facetas desse troféu, para poder ser, progressivamente, alcançado. Deste modo, examine cada qual o seu interior a fim de notar o que ali o estará travando para poder ser atingido o colimado fim – a posse da simplicidade.

A pessoa simples não se revolta com as falhas esporádicas ou eventuais do semelhante. Sabe, compreensivamente, aquilatar do valor dele, e medir até onde vai a sua capacidade social e moral.

A reação contra os erros alheios deverá ser, tanto quanto possível, irradiativa, doutrinária e esclarecedora. Sem originar humilhação, a réplica aos maus procedimentos deverá soar serena e oportuna, com adoção dos métodos da simplicidade, pois pela força que possuem, grandes obstáculos podem ser removidos. A simplicidade é uma qualidade, é um atributo de valor, é um poder do espírito de importância inestimável.

Grandes figuras humanas, além de Jesus, deram exemplos magistrais da força da simplicidade inata; dentre muitas, basta citar uma, bastante conhecida, por haver sido contemporânea, a do Mahatma Gandhi, na Índia.

Adotando indumentária usada em seu país natal, revelou-se sempre extremamente simples em todos os seus atos. Essa simplicidade chegou a tornar-se chocante, frente à aristocracia. Foi um líder, um idealista, realizador que sacudiu milhões de pessoas, sob o manto sincero da simplicidade.

A simplicidade deve ser exercida de acordo com o feitio moral do povo na sua forma exterior, e assim ninguém precisa alterar os hábitos formalísticos, para manter a simplicidade.

Como princípio educativo, vale a pena fomentar a admiração pela simplicidade, para ser objeto de meditação, quanto à sua causa e efeitos.

A simplicidade decorre de uma lapidação do espírito e, por isso, torna-se refulgente à apreciação daqueles que também aspiram alcançá-la. Ninguém pode entretanto, adquiri-la por um mero e vago interesse, por ser necessário trabalhar por ela, em silêncio, por muito tempo, em longas e espinhosas jornadas. É preciso vencer as atrações da Terra, adotar o espírito de renúncia e converter-se em cidadão do mundo, para não dizer, como cabe, do Universo.

A criatura simples compreende melhor as lições do cristianismo puro, afeiçoa-se mais à prática do bem e sente, com maior nitidez, as vibrações do amor.

Tudo isso, porque a sua alma vive as sensações de um mundo melhor, mais diafanizado, mais espiritualizado, a que pertence. Todos refletem na Terra, com maior ou menor aproximação, os indícios do mundo próprio, de luz, a que estão afeitas as suas almas.

25. A OBEDIÊNCIA

Uma das coisas importantes na vida, é saber cultivar o espírito de obediência. Adotar como norma a obediência, sem ser servil, é um dever.

Nenhuma organização pode manter-se, sem que nela impere o espírito de obediência. Nas Forças Armadas, ela se faz sentir, com maior evidência. A disciplina, que é a mola mestra do equilíbrio universal, é decorrente da obediência.

Ser obediente é demonstrar ter consciência da vida. A obediência movimenta-se numa corrente invisível que unifica a ação coletiva. No próprio Poder Criador, está sublimada a conceituação da obediência.

Os pais sentem a necessidade de impô-la aos filhos, por saberem que, sem ela, não haverá ordem, disciplina, respeito e educação. Logo, a obediência é princípio básico da vida, que precisa fazer parte dos atos cotidianos.

Presta-se obediência aos conselhos sábios, ao horário, ao programa estabelecido, à orientação superior, aos reclamos da saúde, aos métodos no trabalho, aos avisos preventivos, aos bons costumes e aos ensinamentos da moral cristã. Se a obediência desaparecesse, o mundo se tornaria um caos, seria uma babel numa cratera de destruição.

Uma vez se reconheça que a obediência é fator de progresso e iluminação, então fácil será compreender que quanto melhor cultivado o princípio de obediência, mais lucrará a coletividade, mais estável será a vida no planeta e melhores serão os resultados por ação conjunta de seus habitantes.

Por isso, a obediência é um princípio normativo que o espiritualismo proclama, uma vez que constitui substância preponderante na composição dos elementos que devem sustentar a evolução.

O mundo dá uma volta em torno de seu eixo em vinte e quatro horas, e um giro ao redor do Sol em trezentos e sessenta e cinco dias e um quarto, em obediência às disposições cósmicas. Estes são, apenas, um exemplo do que ocorre na mecânica universal, em que a obediência às leis se faz sentir em toda a plenitude.

Ser obediente à sua própria consciência é ser honesto, trabalhador, zeloso, cumpridor fiel dos seus deveres, porque a consciência é o reflexo da Alma Suprema, e esta só emite qualidades positivas, construtivas e verdadeiras.

Ser obediente não é só acatar ordens de terceiros, superiores hierárquicos, e cumpri-las, mas sujeitar-se a todas as imposições honestas que a vida tiver reservado.

Quase todos querem ser milionários, e muitos dos que o não podem ser, insurgem-se e preferem tornar-se desobedientes; é quando se agravam os males. Provas de obediência têm mais valor quando são dadas em condições difíceis, desfavoráveis, porque retemperam o espírito e o promovem a postos mais elevados em futuras tarefas.

Submeter-se à obediência é estimular o sentimento de resignação, não uma resignação de desfalecimento, própria de criatura vencida, mas de fortaleza, ânimo, de força de vontade, de domínio próprio, de entendimento.

Se todos tiverem respeito pela obediência, a máquina da vida correrá sem acidentes. A obediência deverá resultar de um sentido, comum a todos, pois a todos beneficia, ajusta, preserva.

O desobediente é um insensato que não conhece o mecanismo da vida, e está em toda parte parasitando pelo mundo e preparando um futuro de amarguras para, por meio dele, cair em si, descobrir-se, e então enveredar por novos rumos.

A obediência enquadra-se nas leis naturais que regem o Universo, e não convém contrariar nenhum preceito dessas leis, porque os resultados não se farão esperar.

Daí a razão por que se conclamam os bem-intencionados, com preparo relativo, ao estudo do espiritualismo, na certeza de que nele encontrarão as luzes esclarecedoras por meio das quais não pisarão em terreno falso, durante o período em que permanecerem neste plano físico de experiências.

A obediência espontânea brota das almas bem formadas, inclinadas a participar da harmonia dos acontecimentos. Ela reúne as criaturas, dá ritmo aos trabalhos e aumenta o seu rendimento.

Qualquer ato de desobediência, seja no desrespeito a horários, ou nas reações internas, é sempre uma quebra de harmonia no concerto das atividades humanas, e o responsável terá de colher conseqüências desagradáveis.

Pode parecer que não é tanto assim, mas na realidade é. Muitos dos que sofrem por aí, sem saber porque, são vítimas de si mesmos, de sua ignorância das coisas do espírito e dos descuidos com relação aos pormenores apontados, quando em encarnações pretéritas. Prevenir é

sempre melhor do que remediar, e o remédio, nestes casos, é a queima, com dor, das falhas cometidas.

Não custa ser obediente, nem dá mais trabalho optar pela obediência. Diante disso, desobedecer é demonstrar negativismo, é reagir contra o bem, é macular a boa conduta.

Só os tolos acham que obedecer é curvar-se, é rebaixar-se, é diminuir-se. Fala aí o orgulho decepcionante, a presunção deformadora, a vaidade perniciososa. Essas três formas de inferioridade, atestam a inteligência obstruída.

Dever imperioso é o de obedecer, desde os simples mandados, até às gigantescas ordenações emanantes das esferas luminosas. A obediência é uma retribuição harmoniosa e um pensamento justo e progressivo.

Não se admite a tolerância do mal; o mal é uma aberração que se opõe ao que é bom e verdadeiro, e está sempre fora da lei. Enquanto isso, a disciplina, consequência da obediência, está permanentemente dentro da lei. Esta observância cabe para que não se pense que todas as ordens devem ser cumpridas. Evidentemente, as que conduzam ao mal, não. A recusa a uma determinação odiosa pode custar até mesmo a vida, mas o que importa é manter-se a consciência serena e limpa.

Estes estudos são espiritualistas, e a obediência é aqui colocada no plano elevado do espírito. A sua conceituação ultrapassa os limites materiais e subalternos, para projetar-se no campo das concepções afinadas pelos acordes da espiritualidade.

Quando a obediência integra a maneira de sentir, fica fazendo parte do procedimento normal, infiltra-se nas normas usuais e desaparece qualquer ação atuante exterior.

Uma vez fiquem todos compenetrados do valor da obediência, e não ponham em dúvida a sua razão de ser, e cumpram as determinações que a vida for impondo, com justiça e propriedade, haverá maior aproveitamento de esforços, e melhor conjugação de rendimentos.

O espiritualismo procura reunir, no seu código, todos os elementos capazes de tornar a vida útil, proveitosa, eficiente, e entre os de maior relevo, destaca-se a obediência, como fator de ação profícua, no aproveitamento da encarnação. É necessário fazer o melhor possível para tirar a oportunidade de colher os recursos de que carece o espírito para promover a sua evolução.

Por isso, quando se consegue entrar em contato com ensinamentos que ilustrem a vida espiritual e oferecem meios para varrer da mente as

névoas que a obscurecem, convém fazer o possível para entrar no âmago dos temas submetidos a estudo, a fim de pôr em prática as sugestões que encerram. O tema obediência é daqueles que oferecem campo para meditação e aprofundamento, e deve, por isso, merecer uma posição de destaque na classificação dos elementos fundamentais de aperfeiçoamento em exame.

A obediência ministrada na infância e assimilada, estende os seus efeitos por toda a existência, produzindo, no correr da vida, valiosos frutos. O ser obediente a princípios é estimado, acatado, infunde respeito e angaria amizades. Ninguém espera surpresas desagradáveis de quem pauta a sua conduta em normas de obediência, visto serem elas inspiradoras de confiança, pela sua submissão às leis eternas.

O ser conscientemente obediente, conta com um atributo a mais no acervo da sua riqueza espiritual. A obediência é uma substância preciosa na composição da estrutura imponderável do espírito, e a sua conquista processa-se lenta, no correr das reencarnações. No princípio, ela é autômata; no fim, consciente. Começa imposta, e acaba impondo-se.

O indivíduo valoriza-se em função da obediência. Confia-se muito em quem sabe obedecer. O caráter, influenciado pelo espírito de obediência, assume características de forte expressão. Ninguém se pode impor à admiração e ao respeito, sem o atributo da obediência, em sentido amplo.

As encarnações e desencarnações, os sofrimentos e as alegrias, a saúde e a enfermidade afloram das correntes da obediência. As coisas acontecem em obediência a um agente promotor. A lei de causa e efeito traz no seu vigor atuante o cunho da obediência. Aceitar e obedecer as leis da vida é colocar-se a criatura sob o manto do Poder Supremo.

A obediência é virtude e, como tal, colabora para a purificação. A sua prática habilita ao cumprimento do dever, à apuração dos sentidos, à evolução, e, servindo de exemplo e de estímulo, deve, por isso ser compreendida na sua forma essencial e genuína, com o senso de espiritualidade, a fim de que tenha o poder de transformar, para melhor, o estado psíquico e moral da criatura.

A obediência pode ser um lema e um leme para orientar o indivíduo, na sua tarefa diária de proceder sempre de acordo com uma consciência desperta, sensível e lúcida.

É esta a ordem da vida: apurar os atributos que devem fortalecer a alma, purificá-la, engrandecê-la, para que se prepare e cumpra as incumbências que lhe estão reservadas em planos mais altos de evolução.

26. A CORAGEM

A coragem é a disposição de ânimo que leva o indivíduo a enfrentar o perigo, a zelar pela sua honra e dignidade, arrostando qualquer sacrifício, a manter-se ereto diante de interesses contrariados, a lutar pelo direito em ambiente hostil, a bater-se por um ideal contra forças mais poderosas, a encarar, com serenidade, o insucesso, a defender os mais fracos e os injustiçados, a não usar de sua força contra os humildes, e não se aproveitar de situações de desventura.

A criatura de coragem é valorosa, inspira confiança, estimula os desanimados, atrai saúde e vitalidade, dá curso a iniciativas produtivas, é realizadora e otimista, sabe enfrentar o trabalho que lhe é destinado e cumprir o seu dever, serve de guia ou de orientadora, não esmorece diante de contratempos, respeita, como quer ser respeitada, não se ocupa de futilidades e é, no, fim, um centro de convergência de forças espirituais.

A coragem é um produto de educação cultivada por séculos, que, de existência em existência, vai se tornando cada vez mais apurada. Depois de cultivada, é serena e ponderada e revela-se com as suas características próprias nos grandes momentos, nas ocasiões dramáticas, nos instantes decisivos.

A exposição ao risco, de maneira cega ou irrefletida, é temeridade, insensatez e não coragem. A temeridade pode ser usada por um suicida, no auge da sua loucura, em caráter irremediável, num gesto impensado, sem que a coragem tivesse participação nessas situações. Ao contrário, ao suicida quase sempre falta a coragem para viver e enfrentar os lances dramáticos da vida.

Há realmente certos dramas da vida que pesam mais do que a morte, mas havendo coragem, nada se perde, nenhum desatino se comete, porque o homem de coragem não se entrega, frustrado, uma vez que no seu interior brilha uma chama, que nunca se apaga, por mais tormentosos que sejam os temporais da vida.

Todos têm de fazer a aquisição da coragem na Terra. As guerras servem também para adquiri-la. Tudo, na vida, tem a sua razão de ser. As guerras refletem a lei de causa e efeito, sendo, por isso, até certo ponto, inevitáveis, enquanto a espiritualização não exercer predomínio sobre as massas humanas. Sabido como é que todo os sucessos ou insucessos resultam em evolução, há sempre partido a tirar de todas as convulsões.

Assim, a coragem nasce da necessidade de enfrentar os acontecimentos, e do entendimento que traz a convicção de que se pode viver muito melhor com coragem, do que sem ela.

É preciso não ter medo de dizer e ouvir a Verdade, e possuir discrição para guardar um sigilo. É esta uma coragem real, principalmente quando se revestir de humanismo e traduzir um gesto de renúncia, um ato nobre de abnegação, de desprendimento e de elevação moral. A coragem é apanágio dos fortes, dos bons, dos justos, dos que amam a vida eterna.

Há indivíduos afoitos, impetuosos, violentos, temperamentais, agressivos, provocadores, atrevidos, que apenas demonstram profunda falta de educação e de senso, com a vaidade de querer passar por valentões, pensando que atrás dessa fanfarronada, todos podem vislumbrar a coragem que aspiram possuir. Mas esse não é o caminho, uma vez que só pela senda da espiritualização poderão chegar, como querem, ao objetivo almejado.

Os que chegam a esse objetivo são corajosos e convictos de que a sua constituição espiritual é imorredoura, indestrutível e imutável, e têm certeza de que todas as partes de que se compõem são invioláveis e indescartáveis da unidade. Portanto, nenhum mal os pode atingir, e nada há que diminua a sua riqueza moral e espiritual conquistadas.

Nenhuma razão, portanto, existe para temer coisa alguma, uma vez que não se perca a visão real dos fatos, procurando compreender que onde há luz as trevas são dissipadas, e onde há coragem, o medo é inexistente. Coragem não pode faltar a quem se conheça como partícula eterna da Inteligência Universal.

A coragem se revela pela inexistência do medo. Se o medo fosse uma expressão desconhecida, o oposto, a coragem, seria um atributo tão comum a todas as pessoas, que passaria despercebido. O medo é uma enfermidade psíquica ou um estado patológico da alma, criado por pensamentos aflitivos e por apegos exagerados às temporárias ligações com o mundo.

A coragem, pois, atesta a ausência do medo, e obriga o indivíduo, cada vez que é convocada, a meditar sobre a solidez do sistema espiritual. Como o acaso, realmente, não existe e tudo quanto acontece decorre da lei e causa e efeito, devem-se suportar, com coragem, as indesejáveis conseqüências provocadas por atos recrimináveis, praticados na inconsciência do seu inevitável retorno.

As primeiras lições de espiritualização levam a criatura a compreender que os sofrimentos, na sua generalidade, são o efeito de uma causa visível ou oculta, remota ou recente. Portanto, fazendo bom uso da sua inteligência, não há ninguém, conscientemente, que queira cavar a sua ruína. Mas quando se encontrar na desgraça, sempre provocada, não deve deixar de apelar para a sua coragem como meio altivo, decoroso e digno de saber arcar com as conseqüências de seus próprios atos.

Não é por falta de coragem que o indivíduo se esquiva de afundar-se no sofrimento, mas por sabedoria, por inteligência, por conhecimentos adquiridos com relação à vida espiritual.

Dos planos elevados de espiritualização, descem à Terra, de quando em quando, para encarnar, espíritos iluminados, Mestres em disciplina espiritualista, nos quais não é difícil constatar, além de uma coragem sem limites, o espírito de renúncia, a expressão de simplicidade e a dedicação superior voltada para a evolução da humanidade.

A coragem de modo algum pode prejudicar. Ela exige prudência, cautela e ação. Todos, na rotina da evolução, caminham para conquistá-la. A vida terrena oferece numerosas exponenciais para o exercício da coragem, pela necessidade que há dela integrar-se na formação moral de cada pessoa. A coragem aviva os traços da personalidade, dá firmeza a atos e atitudes, consolida a autoridade, e por ela se elegem os condutores dos agrupamentos humanos.

Indivíduos aventureiros que se escudam, para a sua defesa em armas mortíferas, atuando sob o manto da ilegalidade, são temerários ou suicidas que vivem à margem da sociedade e inimigos do trabalho, que não são levados aos seus fins pela coragem indômita dos fortes de espírito, mas pela covardia que a aparatosa encenação de pistolas carregadas dissimula. Estes, no fundo, têm mais medo, inclusive da cadeia, do que, expressando um simbolismo, o demônio da cruz.

O sentido elevado da coragem não admite interpretações de ordem superficial. Há certas valentias que aparentam coragem, mas que, na realidade, não passam de fontes de exibição a alimentar um ângulo da vaidade.

Exemplos de verdadeira coragem, porque serena e estóica, deixaram na Terra os Mestres que por aqui passaram, e mais chegados ao Racionalismo Cristão, podem ser apontados Luiz de Mattos e Luiz Thomaz, o padre Antonio Vieira e, em passado mais distante, Jesus. A

coragem que demonstraram, em todos os instantes críticos da sua vida, é a que engrandece, que dignifica e eleva o espírito.

Pode-se assegurar que a coragem nasce, espontânea, com o processo da evolução. Esta, à medida que avança no caminho da eternidade, vai desabrochando os seus atributos intrínsecos, no meio dos quais se encontra a coragem.

Enquanto se procura desenvolver a marcha evolutiva, impõe-se na vida o exercício da coragem. Use-se, porém, o raciocínio, criteriosamente, para não se cair na malhas da temeridade, e não se dar um passo inseguro, imprudente ou desatinado.

Veja-se que para desenvolver a coragem, são necessários uma disciplina mental, um controle interior, uma compreensão espiritual; a coragem é uma força do espírito revelada, é qualidade inerente, é um poder refletido do Poder Total.

Fora do espiritualismo, a coragem não é compreendida senão pela forma desassombrada de expor a vida, em atitude repentina, em obediência ao primeiro ímpeto, quase sempre insuflado pelo astral inferior.

Um dos primeiros cuidados que se deverá ter ao praticar um ato de coragem é o de certificar-se, pelos meios que o espiritualismo ensina, de que não se está sendo vítima de malévolos ataques exterior; ou servindo de joguete ao comando de forças malignas, que circundam o planeta.

Muitos crimes se cometem sob uma falsa impressão de coragem, em cujo nome grandes erros se consomem. Tudo isso por falta de esclarecimento, pela ausência, muito lamentável, de interesse por conhecer-se o lado bom, puro e verdadeiro da vida.

A coragem não pode ser explorada, nem servir de ostentação. Ela deve ser usada, altruisticamente, para o bem parcial ou coletivo, sem alarde e com naturalidade. O procedimento corajoso espontâneo, oportuno é objetivo, diz bem do valor dos seres humanos. Sem revidar provocações, a coragem atua na defesa, educativamente, com energia e superioridade, sem que o ser se sinta, no ato, estimulado por nenhum sentimento negativo.

Vale a pena meditar sobre este tema, que encerra muitas lições proveitosas e estimulantes de uma mentalidade corajosa, nos termos da concepção espiritualista. O veículo que conduz a criatura pela estrada da evolução, contém muitas peças, sendo a coragem uma delas. Nenhuma peça pode ser dispensada, pois cada qual tem a sua serventia e desempenha

o seu papel. Cuide-se, pois, de cada uma com desvelo e a mais apurada atenção.

Tornar-se forte e valoroso em espírito é adquirir coragem, é vencer embaraços, é transpor obstáculos que para muitos podem parecer intransponíveis. A vida vivida com coragem, é mais amena, mais bela, mais adornada de encantos. A coragem é, pois, um vigoroso acervo que, uma vez adquirido, nunca mais se perde.

Todos haverão de chegar a possuir, no curso da vida eterna, a forma ideal de coragem, e o importante é que se não perca o precioso tempo. Quanto mais depressa se for avolumando o tesouro individual, por essa valiosa prenda, melhores serão as perspectivas futuras, mais amplos recursos estarão ao dispor da criatura para, com eles, alcançar novos e sucessivos triunfos. Assim fortalecido, o indivíduo, gozará mais cedo, da fortuna de penetrar nas regiões espirituais elevadas, em que a evolução se processa sem dor, sem sofrimento, sem pesares, num ambiente de paz e concórdia, de beleza e felicidade.

27. O DIA DE FINADOS

Entenderam certas religiões que constituiria ato piedoso dar culto aos “mortos em um dia do ano”, e escolheram, para esse fim, o dia 2 de novembro.

Mas o espírito, que é eterno, não morre nunca, e o indivíduo é um ser espiritual. Quem morre, se assim se puder dizer, é o corpo físico, que é material e composto de elementos químicos do próprio planeta.

O corpo físico é, apenas uma roupagem provisória do espírito, que lhe serve durante sua permanência na Terra, no lapso que decorre entre o berço e o túmulo. Essa permanência é um estágio relativamente efêmero, reproduzido numerosas vezes, e cada vez que encarna recebe o ser espiritual, ou seja o espírito, uma nova roupagem, o que quer dizer, um novo corpo físico.

Esses diferentes corpos físicos não se assemelham, por serem constituídos pela matéria fornecida pelos respectivos pais, que são outros ou diferentes, em cada estágio ou encarnação.

O espírito, depois de cada encarnação, ou no fim dela, desprende-se do corpo material, definitivamente, não tendo mais com ele nenhum contato, tanto mais que tal vestimenta não conserva a sua forma física, como todos sabem, pois a desintegração molecular se opera com relativa rapidez, voltando aquele corpo ao pó da terra.

Diante desse quadro verdadeiro, somente a ignorância faz com que se renda homenagem à poeira, ao que não existe mais na sua configuração, ao que deve ser esquecido, pelo natural fim que teve, em obediência às leis naturais da transformação.

Muitos há que também cultuam a indumentária do corpo extinto, como preito de saudade, a ele devotado, e guardam-na como relíquia, fato que somente serve para explorar um sentimentalismo doentio e sofredor.

O corpo físico, quando ainda alimentado pela vida que lhe é transmitida pelo espírito, está ligado ao corpo fluídico por cordões igualmente fluídicos.

Afastando-se o espírito do corpo físico, inicia-se o processo de desintegração da matéria, e por decomposição, as moléculas começam a separar-se, para formar outros corpos.

O espírito, logo que se desprende do corpo inerte, sem vida, não deseja mais ficar junto dele, porque se sente mal com a exalação do mau

cheiro do cadáver, já que os espíritos têm o poder olfativo bem mais apurado do que o dos encarnados. O corpo físico em decomposição, é matéria tão repulsiva para o espírito, como o é para as pessoas na Terra.

Não é, pois, junto dessa matéria apodrecida e repugnante que há de querer-se a presença dos seres amados, com o fim impróprio de demonstrar-lhes que os amamos.

Pode dar-se o caso de haver reencarnado na mesma família um espírito desencarnado alguns anos antes, e os parentes religiosos irem em romaria ao cemitério para pranteá-lo lá, quando já se encontra novamente com outra roupagem, no mesmo núcleo familiar.

A ignorância da Verdade faz com que o ser humano represente papéis tão incongruentes como esse, na marcha pela vida terrena.

Os espíritos libertos do seu corpo físico partem para o seu mundo de luz, se viveram na Terra esclarecidamente; se, ao contrário, se conduziram criminosa e materialmente, ficam no astral inferior, onde nada poderão fazer por ninguém, e atraí-los para o cemitério é um erro, já que se encontram em más condições psíquicas e ali reforçarão as correntes da dor, da angústia e do desespero, sem qualquer proveito.

A romaria ao cemitério, a 2 de novembro, é uma prática ditada por aqueles que nada sabem da vida no campo astral, pois, do contrário, não cometeriam a imprudência e o desacerto de aconselhar medida condenável e prejudicial, a um só tempo, ao físico e ao espírito do romeiro.

Os miasmas da putrefação e os micróbios das moléstias que ocasionaram a morte e o sepultamento do corpo, estão presentes na terra e no ar circundante, razão pela qual se recomendam irradiações higienizadoras, após haver-se tomado parte num enterro.

Melhor seria que, em lugar de cemitérios, existissem fornos crematórios, onde os corpos fossem cremados ou incinerados, evitando-se, com isso, os inconvenientes da putrefação.

O que acontece com o ser humano, ainda pouco familiarizado com os preceitos espiritualistas, é que ele só admite a existência da pessoa configurada na carne, e, fora disso, nada mais.

Para esses, o indivíduo é aquilo que a sua forma física revela, por serem incapazes de dissociar o espírito do corpo físico, tanto assim que os evangélicos aguardam a ressurreição dos corpos mortos, mesmo que transformados em pó.

A vida material encerra, na realidade, um forte poder de ilusão. A energia vital que o espírito transmite ao corpo físico faz com que se tenha

a impressão de que este seja realmente a própria criatura. Nessa imagem é que se aloja a ilusão que inspira a romaria dos cemitérios. Os romeiros do dia de finados são seres embalados pelos sonhos da ilusão.

O ser humano, na sua primeira fase evolutiva, passa por esse crivo das ilusões, e só pode libertar-se, definitivamente, do engodo, quando estiver apto a seguir, na sua marcha ascendente, pelo caminho da espiritualidade. Antes disso, qualquer explicação mais avançada parece-lhe absurda, e prefere ficar com as suas ilusões.

Também ocorre que no estado primário da evolução, o indivíduo é, geralmente, pretensioso e pensa que sabe muito, não sendo de boa prática, por isso, levar-se o conhecimento real das coisas, abertamente, aos que não estão preparados para recebê-lo, para evitar situações desconcertantes.

Assim, os romeiros do dia de finados, na sua maioria, obedecem a preceitos religiosos, imbuídos de idéias fantasiosas, e pensam estar praticando uma suposta caridade revendo túmulos evocativos, por se acharem convencidos de tratar-se de um ato piedoso, e de que é com piedade que se conquistam as “graças divinas”. Não merecem censura por isso, porquanto, na sua esfera de ação, agem com os recursos de que dispõem e ninguém pode dar mais do que possui.

Não há, portanto, aqui nenhum propósito de se fazerem recriminações, apenas se esboçando comentários sobre o fato, objeto deste estudo, à luz da espiritualidade, a fim de situar o problema nesse campo, para que possa servir de base a conclusões proveitosas. Há muitos estudiosos das questões espirituais que gostam de meditar sobre assuntos desta natureza, e é para esses, principalmente, que se voltam estas linhas.

Não há a menor prova de desamor, de desconsideração, de frieza sentimental, em não se procurar o cemitério, para ali se invocarem, por pensamentos, os seres amados, situados em plano astral, porquanto, para testemunhar-lhes perene, afeição e amizade, não deverá haver nem lugar nem dia marcados, uma, vez que todos os instantes são oportunos, desde que se possa utilizá-los, em refúgio interno, para tal fim.

A necessidade de haver um anteparo opaco entre a vida terrena e a astral, com interrupção dos contatos, é para que os familiares tudo façam no sentido de evitar as desencarnações dos seres afins.

Se essa desconexão total não fosse garantida, não haveria impedimento para as desencarnações, e o mundo se despovoaria perdendo com isso a sua finalidade. É lamentando a perda da companhia dos que

partiram para o outro lado da vida, que se devem fazer os mais ingentes esforços para impedir as desencarnações.

São premidas pela dor da separação de entes queridos, que criaturas na Terra, sem o devido esclarecimento, se deixam levar por qualquer insinuação feita, no sentido de estabelecer uma aproximação com eles, embora falsa e prejudicial, como a que se promove junto aos sepulcros, nos cemitérios.

Uma vez, porém, que se saiba que o espírito, em seu mundo, está cercado de amizades, pleno de saúde, entregue a atividades prazerosas, livre de preocupações, em condições de vida muito superiores, por que, egoisticamente, desejar que abandone esse bem-estar, para, num fétido cemitério, vir ouvir lamentações enfermizas e receber vibrações penalizantes de angústia e de sofrimento?

O espírito, no plano astral, não sente a separação, porque, para ele, ela não existe. Lá, dispõe da clarividência que lhe possibilita, quando quiser, ver o que se passa em qualquer ponto do planeta, e possui outros recursos, como, por exemplo, o da volição.

Não há, assim, motivos para preocupação quanto aqueles que partem para os seus mundos, porque assim como aqui existem uniões que equilibram a vida de relação, também no Espaço Superior o espírito se associa aos demais com quem vai conviver, numa perfeita comunhão de idéias e de entendimento.

Os que vão no dia 2 de novembro ao cemitério não levam o sentido de irradiar pensamentos de fortaleza espiritual, porque os que podem emitir tais vibrações são esclarecidos, e não perdem tempo com isso; os que vão, além de darem provas de ignorância, só podem irradiar pensamentos de fraqueza, como são os de lamentação e de abatimento moral, e ficam, deste modo, envoltos nas correntes da mesma espécie, ali concentradas, de efeitos deletérios.

Estas considerações visam a alertar, e são feitas, fraternalmente. Em dias futuros, todos marcharão pela mesma estrada que liga este plano físico ao astral, e ninguém então há de querer ser perturbado na sua nova vida por tristezas alheias, que os espíritos desencarnados não poderão afastar ou eliminar, ou com chamados, a que não poderão atender.

A vida, que é eterna, se desdobra sempre apoiada em leis, a que todos têm de submeter-se, se não se quiserem prejudicar. Ela é uma realidade que se revela mais intensa no plano Astral Superior, onde não existem animosidades, porque o amor cristão é ali o poder predominante.

Nestas condições, quem é trasladado, normalmente, para o plano espiritual, é recebido, naquele lado, pelos membros numerosos da família astral, que o acolhem com simpatia e lhe propiciam tudo aquilo de que precisa, independentemente dos pedidos dos que ficaram na Terra.

A organização universal é modelar, e os dirigentes astrais cuidam de suas funções com muito maior rigor e eficiência, do que os que aqui governam.

Por isso, não existem, nos mundos próprios, seres abandonados que necessitem da interveniência dos que, aqui na Terra, mal podem dar conta dos seus penosos deveres.

28. O ESPERANTO

O Esperanto foi idealizado para ser um idioma universal, por trazer consigo o ideal da confraternização e ligação entre os povos, com a fusão de sentimentos. Quando instituído, porá a humanidade inteira em união mais estreita, fazendo correr livremente por ela, com uma só colaboração, a mesma seiva reconfortante dos estímulos, das iniciativas construtivas e das revelações científicas.

A difusão mais ampla das idéias e pensamentos, põe os indivíduos em maior contato uns com os outros, no cenário terreno de buscas e competições. Este maior intercâmbio acelerará os processos evolutivos, em todas as escalas, na atividade humana, com real proveito para a coletividade.

A necessidade presente de se conhecerem vários idiomas para aperfeiçoar e ampliar a cultura, desaparecerá, com a universalização do Esperanto, recuperando-se o tempo precioso por ora empregado, cansativamente, no estudo de outras línguas, e que poderá ser aplicado na obtenção de novos conhecimentos úteis.

Qualquer assunto do interesse da humanidade não ficará, com o emprego do Esperanto, limitado à minoria, como acontece atualmente, pelas dificuldades resultantes da pluralidade de línguas e dialetos. Todos, com a generalização do Esperanto, poderão ler no original a especialidade que mais desperta a sua atenção, sem qualquer dificuldade.

Os idiomas existentes estabelecem, com os seus inconvenientes, linhas de separação entre os povos. O cristianismo ensina que os seres humanos devem entender-se e amar-se como se fossem membros de uma só família, e do mesmo modo que no lar não seria concebível que cada um dos seus membros se expressasse em língua diferente, também no seio da humanidade, que deve constituir-se em uma só e grande família, o lógico, o racional é o uso de um mesmo idioma.

O Racionalismo Cristão, que veio ao mundo para esclarecer a humanidade sobre numerosos aspectos da vida, e cujos ensinamentos seriam acatados e recebidos por muitos que desconhecem o idioma português, encontra essa barreira, que terá de vencer, representada pela multiplicidade de idiomas terrenos.

Todas as dificuldades que se antepõem ao livre curso do saber e à disseminação da verdade, precisam e devem ser abolidas, para o mais rápido progresso espiritual do mundo.

Não foi por acaso que o Esperanto apareceu. É sabido que, em tempo certo, baixam à Terra os recursos que ela reclama. É neste século do rádio e da televisão que mais se acentua a necessidade da unificação idiomática no planeta. Por isso, não faltou o emissário com a incumbência, na hora oportuna, de criar o idioma universal.

A Terra é velada pelas Forças Superiores, que tudo fazem para que o curso dos acontecimentos obedeça à lei das conseqüências, como convém aos altos desígnios em geral.

Por isso, pode antever-se que a implantação do Esperanto, como idioma universal, seja uma conseqüência inevitável da evolução planetária. Bem se vê que ao empregar-se aqui a palavra “universal”, não se lhe dá o sentido amplo, mas, apenas, o cenário terreno, como expressão de uso comum.

Em meados do século passado, encarnou na Lituânia o espírito que se chamou Luís Lázaro Zamenhof, que, embora se houvesse diplomado em Medicina, aos 26 anos, veio com a especial missão – a que se dedicou profundamente durante a sua existência terrena – de elaborar um idioma que bem se ajustasse a todos os povos, e ao qual deu o nome de Esperanto.

Teria de ser um espírito possuidor de larga bagagem lingüística, adquirida em muitas encarnações, para tornar-se na Terra o artífice de um idioma modelarmente constituído – o Esperanto.

Ao deixar o mundo físico, de retorno ao seu plano astral luminoso, depois de aqui haver permanecido pelo espaço de 57 anos, teve a glória de consignar em seu acervo os louros da missão cumprida. Estava criado o Esperanto, substancioso e lapidado, pronto para ser adotado pelos filólogos de todos os continentes.

Estabeleceu Luís Zamenhof, na criação do Esperanto, dezesseis regras fundamentais simplificadoras de toda a técnica gramatical das outras línguas.

Muito propositadamente, nasceu ele numa terra onde existiam quatro línguas predominantes: o hebraico, o polonês, o russo e o lituano, além de vários dialetos. Ali pôde sentir, mais de perto, o efeito pernicioso de tal dissociação que parecia uma “Torre de Babel”, pois os patrícios não se entendiam na defesa de interesses comuns.

Foi essa circunstância que fez medrar no espírito de Zamenhof a idéia persistente da criação de um sistema lingüístico, de cunho internacional.

O genial autor do Esperanto verteu para o idioma por ele criado muitas obras de uso e conhecimento generalizados, dentre as quais a “Bíblia” e o “Hamlet”, por onde ficou evidenciada a plena maleabilidade da língua, capaz de reproduzir, com fidelidade, as expressões dos pensadores de qualquer latitude e de diferentes épocas.

As regras fundamentais do Esperanto permitem a sua expansão quando novos vocábulos tiverem de ser criados, para atender ao desenvolvimento da ciência, da literatura, da técnica e dos costumes.

Pouco a pouco, vai o Esperanto tomando o seu lugar nos países civilizados; grande número de pessoas já o conhece e o articula com o maior desembaraço, como pioneiros dessa cruzada internacionalista, que tem por objetivo a unificação do sistema vocabular, para maior aproximação dos povos.

Tudo quanto for feito neste laboratório de atividades humanas, que, é o mundo Terra, em benefício do estreitamento das relações espirituais dos seres encarnados, é e será tarefa meritória, de elevado grau.

Aquilo de que mais se precisa neste mundo de egoísmo e divergências, é a compreensão mútua, a solidariedade de sentimento e a igualdade de valores debaixo de uma concepção espiritualista. A adoção do Esperanto por todos os quadrantes do globo, não resolve, por si só, esse magno problema, mas contribui, poderosamente, para a sua solução.

O fato de abolir-se a separação de indivíduos por via lingüística, de afastar-se a suposta superioridade de linguagem, estimuladora de vaidosas suposições, de se suprimirem competições no terreno da maior ou menor abundância de vocábulos – em se tratando de um idioma em relação a outro – e de estabelecer-se uma perfeita distribuição de verbetes que atenda a todas as tonalidades raciais, constitui obra de seguro efeito, no estabelecimento de um sentido de igualdade.

A estrutura técnica do Esperanto dá-lhe base e segurança para manter-se indeformável, face à tendência comum na formação de dialetos e instituição de termos de gíria. É com facilidade que novas palavras poderão ser formadas, obedientes à sistemática, sem necessidade de se introduzirem expressões amorfas e desclassificadas.

O Esperanto é, pois, um evento salutar, de grande oportunidade, por isso que foi preparado para prevalecer numa era que se aproxima, em que

deverão vigorar na Terra velhos princípios de moral, desprezados pela febre da corrupção.

Não é por outro motivo que o Racionalismo Cristão hasteou a sua bandeira, conclamando os bem-intencionados para o escrupuloso cumprimento do dever, sustentando a convicção de que “dever” é o ato de ser honesto, leal, operoso, respeitador, disciplinado, diligente, esforçado, incentivador, dedicado, valoroso, simples e cultivador da fraternidade cristã.

Esta conceituação tomou nítida forma no Racionalismo Cristão, e as vibrações emitidas pelo seu movimento renovador dilatam-se pelo mundo, aos poucos, com regular perseverança. É um trabalho fadado à vitória e destinado a atingir os seus fundados objetivos, razão pela qual se afirma que uma nova era de higienização mental e de purificação espiritual se avizinha, quando as criaturas estarão investidas de outras disposições para aceitar a vida, com o raciocínio claro e iluminado pela luz da Verdade.

Neste século tem havido, e continua havendo, um esforço muito acentuado no sentido de se estabelecer uma aliança entre os povos, como ponto de partida para a unificação maior. Durante as duas grandes conflagrações mundiais, havidas na primeira metade do século, estabeleceu-se uma união de países que, sob a legenda de “Aliados”, realizou uma primeira reação em favor da congregação humana.

Surgiu, depois, a “Liga das Nações” como nova tentativa de confraternização geral. Os Estados Unidos da Europa constituíram outro projeto que teve o seu curso cercado das maiores simpatias, e só não se materializou porque a vaidade de alguns arrastou para o abismo um punhado de esperanças. Finalmente aí está a Organização das Nações Unidas (ONU), como uma força que de um lado procura vencer partidarismos doentios, e do outro, mantém viva a chama sagrada do pensamento unificador.

Caberá a instituições desse vulto a tarefa de oficializar no mundo o uso do Esperanto, dando um passo vigoroso e firme em direção da libertação do espírito, tão prejudicado no processo da sua evolução pelas acanhadas limitações separativistas.

O alcance da implantação de um só idioma corrente para todos os povos do planeta, é de imprevisível sucesso, tal a multiplicidade de vantagens que se sobrepõem, no fomento de intercâmbios das mais variadas naturezas.

Bem racionalmente compreendidas as leis da evolução, chega-se à conclusão de que os seres, na marcha da vida, tendem, forçosamente, a aproximar-se uns dos outros, porque a meta é a união total. As desigualdades desaparecerão com a evolução, por serem, como são, condições passageiras, de características primárias, que terão de fenecer. Assim, chegamos ao resultado de que a criatura, quanto mais evolui, mais se livra das normas divergentes, dos obstáculos divisórios e das separações inibidoras.

O uso de um só idioma em todo o mundo, será, pois, uma conseqüência da ação evolutiva permanente e obrigatória que ninguém poderá conter, e que tem a sua origem no desenvolvimento espiritual, que se processa na estrutura de cada indivíduo.

Luís Lázaro Zamenhof, nascido em 15 de dezembro de 1859, foi um instrumento do Astral Superior que na Terra operou, em consonância com um plano que tem por objetivo final a espiritualização das criaturas encarnadas, facilitando-lhes os meios para assimilar os princípios sãos do cristianismo puro, e pô-los em prática, em cada dia, para a transformação moral do mundo.

29. O SÉCULO XX

Este é o chamado século da luz. Houve muito maior evolução científica nele, do que em todos os anteriores. Foi também neste século que se estabeleceu, na Terra, o Racionalismo Cristão.

Como o acaso não passa de uma expressão irreal, todos os acontecimentos obedecem a um planejamento ou a uma determinação superior, com o apoio na lei de causa e efeito.

A evolução rápida, operada no desdobrar do século XX, deve-se ao esforço de almas desenvolvidas que encarnaram no planeta, tais como: Edison, Einstein, Marconi, Santos Dumont, Marie Curie e muitas outras, as quais abriram caminho para uma série incontável de prolongamentos e derivações das descobertas originais.

Tudo quanto se projetou na Terra, em linhas gerais, foi antes traçado no Astral Superior por espíritos altamente capacitados a solucionar as questões que se apresentem.

Os inventores são geralmente médiuns intuitivos, de grande sensibilidade, e quando concentrados profundamente nos problemas que os absorvem, recebem do manancial cósmico, ao qual estão ligados, e também de espíritos igualmente interessados no assunto, o esclarecimento preciso, a iluminação necessária.

O inventor dispõe de cabedal científico de experiências colhidas no pretérito, a fim de poder contar com bases para formular as suas proposições.

Uma plêiade de almas experimentadas e ricas em conhecimentos especializados, desprendidas, de natureza simples, devotadas ao estudo, e pertinazes, vêm encarnando no planeta, neste século XX, para algum fim.

Umas descobertas propiciam o surgimento de outras, estas de mais outras, e assim por diante, indefinidamente. Essa multiplicação de descobertas ou inventos, promove o progresso, impulsionado e o projeta, vertiginosamente.

Daqui por diante, século afora, novos inventos e descobertas surgirão, cada vez mais surpreendentes, porque assim se cumpre um desdobramento normal das leis eternas.

O homem, porém, detentor de tantos recursos da ciência, sem o preparo espiritual adequado, constituiria um perigo para a própria humanidade. Houve, pois, necessidade imperiosa de conjurar esse perigo,

e como no Astral Superior tudo é corretamente previsto, não faltou ao planejamento esse pormenor valioso, e eis que, também no século XX, foi lançado na Terra o Racionalismo Cristão.

Está, sem dúvida, reservado ao Brasil um papel preponderante no futuro dos povos, e a isso se prende o fato de ser ele escolhido para receber a semente geradora de um movimento espiritualista destinado ao esclarecimento do mundo.

Enquanto em muitos países se cuida única e afanosamente de tirar o máximo proveito material dos inventos, já no Brasil se trabalha também pelo esclarecimento do espírito, na voz persistente das Casas Racionalistas Cristãs.

O progresso material precisa marchar sempre com o espiritual, para que o primeiro não sirva de arma de aniquilamento dos verdadeiros fins da evolução.

O Racionalismo Cristão espalha as suas obras, e estas levam a cada lar o esclarecimento indispensável sobre as normas de viver, modeladas em ensinamentos denominados cristãos. Há necessidade de conhecer esses ensinamentos e de pô-los em prática, em todo instante, para que façam parte dos hábitos comuns.

Os indivíduos materialmente ricos que se dedicam, total e obcecadamente, às tarefas mundanas, estão sujeitos a se brutalizarem e se fecharem num círculo de reduzido espaço, que é aquele que só contém as efêmeras e fugazes satisfações terrenas.

Os pobres, os remediados, aqueles que lutam contra adversidades que os seus recursos materiais não afastam, são os que se lembram de elevar o pensamento ao alto, como que em busca de um socorro para a carência manifesta. Por isso são os simples e os despretensiosos que mais facilmente encontram o caminho da Vida.

Neste século XX, a par do progresso acelerado, que tantas fortunas fabulosas tem produzido, nota-se também, de outro lado, um aumento considerável de massas humanas empobrecidas, escravizadas e torturadas por uma crescente falta de recursos.

Este desequilíbrio não favorece a estabilidade da família na comunidade. A correção desse mal repousa na capacidade de espiritualização do povo, que precisa absorver a verdade dos fatos, para que o procedimento de cada um não descambe ou para uma auto-suficiência exagerada, ou para um negativismo condenável.

O Brasil apresenta, pela índole da sua gente, as melhores perspectivas para que em seu meio possam medrar as lições espiritualistas ministradas pelo Astral Superior. Deste país hão de passar para os demais, ainda no decorrer do século XX, e posteriormente, as correntes vibratórias saturadas dos mais elevados ideais, que produzirão as transformações por que o mundo há de passar, com fundamento na espiritualização.

Os Pioneiros deste movimento: Luiz de Mattos e Luiz Thomaz encontram-se no Astral Superior ao lado de outros evoluídos espíritos, de onde supervisionam o alastramento da sua obra, enquanto aqui na Terra os seus discípulos cumprem as suas determinações.

O Racionalismo Cristão é uma Mensagem Espiritual do século XX, e felizes serão todos os que com ele entrarem em contato, para se inteirarem dos seus princípios. Esses não andarão mais iludidos quanto ao futuro que os espera, mas conscientizados de que esse futuro poderá ser preparado ao seu sabor.

A obra renovadora, que é de caráter mundial, será consumada pela ação de cada um, ao pôr em prática, com o esclarecimento devido, a missão que lhe compete e que fora previamente traçada no seu mundo de luz.

É certo que cada indivíduo, por muito insignificante que se julgue, tem o seu papel a desempenhar no cenário da vida, e deve fazê-lo bem, para poder dar satisfações a si próprio, na oportunidade futura do ajuste de suas contas.

O século XX, com a implantação do Racionalismo Cristão, trouxe maior soma de responsabilidades àqueles que com ele puderam iluminar-se, e não foi e nem poderia ser por acaso que a dádiva de conhecê-lo se manifestou. Cada qual recebe o que merece, e pena é que todos os que desta Doutrina tiveram plena ciência não se aproveitassem da ocasião para recolher o que lhes coubera, por merecimento.

Varrer da mente as ilusões, as falsas conjecturas, as promessas enganosas, que tão mal orientam as pessoas na vida, é um dever que assiste a cada um, do qual ninguém se deve esquivar. Para terem a convicção do que é ilusório, falso e enganoso, sobram argumentos e fatos apresentados pelo Racionalismo Cristão a todos os investigadores interessados no caso, desde que sejam leais e honestos.

Não são somente as prédicas e os livros que ilustram as razões objetivadas, mas a ação esclarecedora do próprio Astral Superior, que dispõe de meios e modos para levar ao pesquisador imparcial e sereno o

justo conhecimento que aspira. Os discípulos da Doutrina, e seus propagadores terrenos, são meros auxiliares dos verdadeiros dirigentes que operam no elevado e luminoso Plano Astral.

Nestas circunstâncias, cumpre muito mais aos candidatos à iluminação contarem com o seu esforço individual, a sua boa disposição para aprender e a sua receptividade às intuições do Alto, do que, propriamente, com a ação persuasiva de instrutores terrenos desatualizados.

Espera-se que neste século XX sejam assentadas as bases de uma nova civilização, com fundamento em um sistema de vida imposto pela reforma interior do sentimento humano. As guerras tornar-se-ão coisas do passado, e o mundo caminhará para a unificação dos propósitos de paz, de harmonia, de entendimento e de cooperação, fazendo-se a humanidade respeitar e considerar como uma só família, sem necessidade de manter linhas separatistas, confusões idiomáticas, cizânias ideológicas e diversificações monetárias.

Com Estados Federados, o mundo se unirá sob uma mesma bandeira, uma só moeda, um só idioma, para a humanidade poder gozar das prerrogativas da fraternidade cristã.

A humanidade está sendo alertada, por processos intuitivos, da necessidade de ser construída uma nova era de recuperação para os seres transviados da rota ideal, da rota que conduz à meta segura, que é o plano de espiritualização.

A ciência prevê, para breve, o desaparecimento de numerosas moléstias, inclusive algumas, tidas como incuráveis. Novos meios de locomoção virão, com o aproveitamento da energia atômica, sistemas aperfeiçoados de televisão, novas aplicações para o radar, uma revolução no regime alimentício, aparelhos individuais de vôo e um rol considerável de outros artefatos de variadas idealizações estão para chegar.

Isto é o progresso em marcha, a evolução que se processa, impulsionada por espíritos adestrados em numerosas encarnações, que voltam à Terra com novas tarefas edificantes, representando o trabalho de uma coletividade criadora do cenário que reflete as características do século que passa, e revela, por antecipação, os objetivos atingíveis.

Grandes surpresas estão reservadas à posteridade, com os sucessivos adventos que marcam o brilho e a exaltação do século XX, no qual transparece o fato de colocar-se à disposição dos seres terrenos um Código

de esclarecimento espiritual, que lhes permite bem executar todos os seus elevados empreendimentos.

Isto não é uma profecia, mas uma demonstração racional do curso dos acontecimentos, face ao panorama que o mundo expõe, no estado dinâmico em que a humanidade se encontra. Ao submeter-se o raciocínio à luz dos ensinamentos doutrinários racionalistas cristãos, tais previsões são perfeitamente admissíveis.

Vale a pena avivar a consciência na emergência dos dias que se escoam, porque apesar de achar-se o mundo muito conturbado, uma forte vibração Astral está contornando o planeta, em cumprimento as leis naturais, e bem certo é que dos planos traçados, constam, invariavelmente as ações espiritualizadoras.

É necessário sacudir a indiferença pelos assuntos espirituais, na certeza de que já não é mais possível esconder, neste século XX, à luz da própria ciência, as revelações do Poder Universal, que não se limitam ao exíguo âmbito terreno, mas penetram no espaço cósmico infinito, por onde a Vida se estende, não com menor fulgor.

A maioria das pessoas não está ainda em condições de reconhecer que as riquezas materiais, por muito valiosas que sejam ou pareçam, não se comparam com as espirituais, que não só dão ao espírito muito maior prazer e alegria, como porque são eternas, indestrutíveis, e servem sempre de lastro à obtenção de outras ainda maiores.

A falta de capacidade para reconhecer esta verdade reside no fato das criaturas se deixarem brutalizar, embora dentro de uma polidez aparente, sob a influência narcotizante da sensualidade, do banalismo, das horas de ócio, do artificialismo da vida social e da tendência de fortalecer o egoísmo absorvente. O profundo desejo de poder luxar, de dar expansão à vaidade, de aparecer, de chamar a atenção para si, chega a ser quase uma alucinação.

Neste século XX, com a circulação que se verifica, em altas proporções, dos valores materiais, com a cobiça que esses valores despertam nas mentes menos acuteladas, com a falta de segurança que se manifesta pela fraqueza dos conhecimentos psíquicos, correm, a todo o instante, um grande risco – risco de rolarem pelos abismos situados à beira da estrada da vida – massas compactas de infelizes.

Nunca se fez, por isso, tão necessária como agora, a infiltração na humanidade do espírito revelador da verdade, para que aqueles que

estiverem amadurecidos para receber a sua Luz, possam, imediatamente, dar novo curso aos seus pensamentos e atos, sem perderem mais tempo.

Os que não se mostrarem capazes de ajustar-se a um novo viver pautado por princípios de espiritualidade, vão distanciar-se, com o correr do tempo, daqueles outros que aceitarem a iluminação, resultando daí a impossibilidade de se conservarem no mesmo agrupamento.

Há no mundo numerosos agrupamentos de espíritos encarnados, com sofrimentos a eles comuns. Há também massas heterogêneas, de onde passam alguns dos seres para um ou outro agrupamento, nas encarnações futuras, consoante o aproveitamento de cada um.

Nas massas heterogêneas é que o espiritualismo produz melhores resultados. As Américas são formadas, caracteristicamente, de massas heterogêneas, e representam um campo propício à disseminação dos ensinamentos espiritualistas. Dentre os países componentes, está o Brasil, nação eleita para servir de berço ao movimento irradiativo de uma nova ordem de idéias reformadoras.

Neste século XX, o mundo apresenta-se, em ebulição, notando-se efervescência nos ânimos, nas disputas, nas ansiedades, em torno de hegemonias, primazias e privilégios. A humanidade corre, apressada, sem saber que rumo tomar, por faltar-lhe o instrumento orientador. Quase ninguém se contenta com a parte que lhe coube ou cabe na partilha dos bens terrenos, e então vem o artifício, o ato golpista, o ludíbrio e todas as maquinações ardilosas para lesar o próximo, em benefício próprio. No materialismo os escrúpulos desaparecem, para dar lugar aos mais condenáveis processos de extorsão e de apropriação indébita.

Esses que assim procedem, o fazem por se acharem mergulhados num oceano de ilusões, onde nenhum raio da luz da verdade penetra, e enquanto não quiserem subir à tona para respirar, não encontrarão o alimento espiritual de que necessitam.

O Racionalismo Cristão – uma revelação do século XX – não traz nenhuma mensagem agradável aos indiferentes. Aos despertados, sim, porque são estes que o procuram, que o estudam e aplicam os seus Princípios no cotidiano. O Racionalismo Cristão demonstra aos seres humanos que procedendo com honradez, preparam o presente próspero e o futuro promissor da forja do labor, com a consciência esclarecida e a segurança que lhes dá a lógica dos ensinamentos.

Não é somente de luz o século XX. É também de dor. Os atributos negativos dos seres têm se revelado ao máximo. Muitos chegam a esse máximo, quando os débitos morais atingem proporções inquietantes.

O astral inferior está repleto desses delinquentes, pois são muitos os milhares dos que, em cada vinte e quatro horas, ingressam naquele ambiente de perturbação e loucura. Indivíduos que na Terra, encarnados, ostentavam pujança material, posições de relevo, projeção social e constituíam a elite, são nivelados, pela conduta maculada, aos elementos marginais, nesse astral, diante do procedimento moral equivalente.

Sem proteção especial, sem filhotismo, sem apadrinhamentos, ali impera a lei de atração que une os seres pelos laços morais afins; o planeta é um eletromagneto que ata grande parte dos seres desencarnados à sua superfície, pela impregnação de fluidos terrenos no corpo astral, provenientes de emotividades materialistas e pelo anseio de continuar o espírito conturbado a imiscuir-se nos assuntos mundanos.

Os que desejarem libertar-se das correntes perniciosas não podem cruzar os braços, não podem contar com o esperançoso “milagre”, com a suposta “compaixão de Deus”, porque a Inteligência Universal é insensível à lamentação dos indolentes e culpados propositais. Cada um tem de levantar-se por si mesmo, para agir contra todos os erros a que se expõe, e firmar-se no propósito inabalável de tornar-se verdadeiro e leal, justo e tolerante, operoso e construtivo, idealista e animador, honesto e simples, como determinam as normas espiritualistas.

É o que se espera neste século XX de todos os que sinceramente desejam mudar de rumo, trocando os prazeres negativos do mundo, pelos inefáveis acordes da harmonia espiritual.

Jesus fez referências ao fim desde século XX, anunciando, velada e hiperbolicamente, que ele não terminaria sem que as trevas principiassem a ser varridas pela luz, sem que se cumprissem as leis naturais com a derrocada das ilusões, das mistificações, sem que fossem estremecidas as consciências pela revelação de Verdades Eternas, e transformações de assinalada importância se verificassem no cenário do mundo.

É justamente neste século do segundo milênio, que o Racionalismo Cristão surge com a clareza dos seus ensinamentos espirituais para, restabelecer a Verdade cristã, profundamente abalada por deturpações nela introduzidas no decorrer de dezenove séculos.

O Mestre Nazareno previu, com a sua alta clarividência, o fim da corrupção, do materialismo brutal, da egolatria dominante, por efeito de

uma ação espiritual renovadora. A destruição desses males não se obtém pela força, pela imposição, pela opressão, mas pela educação, pelo esclarecimento e pela espiritualização. É o que faz o Racionalismo Cristão: educa, esclarece e espiritualiza.

Duas grandes guerras mortíferas assolaram a primeira metade do século XX. Epidemias devastadoras causadas pelos morticínios, também trouxeram o seu caudal de dor. Essas guerras evidenciaram o nenhum aproveitamento pelos povos chamados “cristãos” dos ensinamentos divulgados por aquele que eles mesmos chamam “Messias”.

O “cristianismo” desses povos ficou provado ser de nenhum efeito, sem sentido prático, incapaz de evitar a formação das correntes agressivas do ódio e, portanto, inoperante.

Os que batizam espadas, canhões, navios beligerantes e armas da destruição, são sacerdotes de um cristianismo falso. A guerra, com os seus engenhos de destruição, é a negação do verdadeiro cristianismo.

Evidentemente havia necessidade de restaurar os ensinamentos cristãos, imprimir-lhes o sentido original, restabelecer as suas normas doutrinárias e colocar os princípios em ação. Essa providência foi tomada, não pelos homens, mas pelo Astral Superior, e para demonstrá-lo, está novamente em campo o Cristianismo original, expandindo-se para cumprir a sua grande missão na Terra. A sua sede é um monumento respeitável, de amplas dimensões e absoluta solidez, preparado para servir às gerações que hão de suceder-se.

Embora não lhe dêem a menor atenção os místicos e religiosos, os boêmios e folgazões e os fanáticos e viciados, nem por isso deixa de ser a Casa Chefe do Racionalismo Cristão, o ponto central de difusão dos ensinamentos cristãos que o mundo precisa para a sua libertação.

Não há nenhuma veleidade em supor-se que o indivíduo pode tornar-se cristão num abrir e fechar de olhos. Só se interessam pelo regime disciplinar da Doutrina os amadurecidos, aqueles que curtiram, em longa jornada, as variadas experiências alcançadas em repetidas e cruciantes passagens, e delas tiraram as lições redentoras.

O século XX não levará, no seu histórico, à remodelação total da humanidade. Ele registrará o advento de uma nova era de espiritualidade, o início de um movimento novo da recuperação, a contagem do tempo numa nova fase de evolução.

Todos aqueles que estiverem prontos a participar dos benefícios da etapa seguinte, devem, desde já, preparar-se para isso, a fim de

encontrarem os meios próprios para atingir a meta. Ao seu encontro irão os esclarecimentos que precisarem, porque a lei de atração não falha e, os anseios que promovem a elevação da alma, ecoam nos Planos Superiores, mananciais cósmicos da espiritualidade.

Os preceitos do Racionalismo Cristão foram estabelecidos para esclarecer, primeiramente, uma minoria, passando depois a orientar a maioria. Os inadaptáveis terão outro curso, e esse não será problema dos dirigentes terrenos.

O terceiro milênio receberá, deste século XX, o Racionalismo Cristão altamente fortalecido pelo número de discípulos, e a propagação dos seus ensinamentos será então efetuada, com facilidade, com os cursos maravilhosos da ciência. A obra é do Astral Superior, e não pode, por isso, deixar de progredir e de alcançar os seus objetivos. Nela se acham os recursos com que cada um se habilitará a subir de Plano, fato que entrará na cogitação de todos.

É uma questão de compreensão, apenas, e esta a terão, forçosamente, os seres amadurecidos, à medida que se for diafanizando o campo espiritual da Terra, com o sucessivo emprego das correntes fluídicas, imantadas para esse fim.

A multiplicidade de crenças tenderá a desaparecer, em futuro próximo, assim que os incrédulos “Sãos Tomés” puderem constatar, de modo insofismável, a lei das reencarnações. O tabu do céu e inferno cairá por terra, com toda a encenação completa, e as religiões, ao clarão da Verdade, hão de empregar os maiores esforços para subsistirem, o que não será possível senão após uma transformação radical dos seus postulados.

Limpando-as de todo o artifício do materialismo, da ostensividade e das pompas espetaculares, reduzir-se-ão ao esquema do Racionalismo Cristão, com toda a sua simplicidade, porquanto a Verdade é uma só, e não comporta derivações.

Este é o caminho. Por ele terão todos de passar. Jesus não trouxe a sua Doutrina para oferecê-la a um grupo privilegiado, mas a toda a humanidade. Portanto, os seres que fazem parte dessa humanidade hão de recebê-la, por quinhão próprio, sem distinção, como se fosse dividida em partes entre todos, como parcelas equivalentes de uma só unidade, cada qual com as mesmas características.

É o que está sendo preparado neste século XX: a unificação do conhecimento cristão, nos termos da Verdade única. Todos se sentirão

felizes ao adotarem os mesmos princípios inalteráveis, sob o controle de uma convicção unânime.

Esta convicção advém de realidades imperativas, umas demonstradas pela ciência em evolução, outras representadas por atos do Astral Superior, ao qual não faltarão meios para incutir, naqueles que mereçam, a idéia sábia e o pensamento orientador.

Quanto maior for o progresso físico, maior será o trabalho Astral para proporcionar ao mundo o crescimento paralelo e equilibrado, no terreno da espiritualidade. Propositalmente, também encarnado seres que melhor possam afinar as suas atividades com as necessidades psíquicas da humanidade.

O movimento espiritualista do século XX, esposado pelo Racionalismo Cristão, tem os seus objetivos claros, que são os de separar o chamado “joio do trigo”. Neste mundo há realmente joio e trigo, também simbolicamente exprimindo. O trigo pode ser aproveitado na alimentação, o joio não. Todo indivíduo que puder assimilar o cristianismo puro, sem disfarces e sem encenações ludibriantes, será aproveitado para funções espiritualizadoras, em planos radiantes; ao passo que os que não puderem ser aproveitados, pelo seu intransigente pendor materialista, terão de prosseguir na faixa dos renascimentos carnis de baixas vibrações, até que chegue a sua hora de soerguimento.

A chegada dessa hora depende exclusivamente de cada um, de uma decisão pessoal, de uma determinação interior. Hábitos inveterados de má conduta formam barreira difícil de transpor, para quem apenas tenha ouvido falar, na grandiosidade dos mundos espirituais e manifeste desejo de alcançá-los.

As luzes espirituais do século XX despertarão em muitos um anseio irreprimível de obter o mérito preciso, capaz de conduzi-los a um novo estado espiritual. Este fato está se verificando através daqueles que ingressam no Racionalismo Cristão, atraídos pela sinceridade dos ensinamentos e pela visão nova que adquirem do campo espiritual da vida.

A penetração dos conhecimentos espiritualistas está se processando, no século XX, no seio das seitas e religiões, cujos adeptos mal se sentem ainda com forças para aceitar a evidência dos fatos. Pelas conveniências sociais, dizem-se penitentes servos da igreja, mas, interiormente, devora-os o fogo da Verdade, que ali consome as falsas proposições incutidas pela classe sacerdotal que, em muitos casos, mais predica pela necessidade de manter a Instituição, do que por convicção.

Largo número de religiosos, insatisfeitos com afirmativas e procedimentos rotineiros a vetustos da igreja, que não mais se ajustam às luzes do século XX, procuram, aventurosamente, investigar em lugares perigosos, em antros de magia, para atender à ansiedade que os domina de conhecer algo mais do que lhes oferecem os limitadíssimos ensinamentos religiosos, incorrendo em grande risco.

Isso, naturalmente, traz inquietação às religiões. Elas precisam caminhar de acordo com a evolução do século que passa, levando aos seus adeptos o alimento espiritual de que as suas almas avidamente anseiam e que, por leituras e informações, já perceberam estar sendo ministrado na Terra. O Cristianismo tem um só caminho para um único objetivo. O caminho é o da espiritualização, e o objetivo é a realização dos dons espirituais. Todos estão sendo permanentemente convocados pela consciência própria para seguirem por esse rumo, pondo à margem os obstáculos.

Uma coisa é necessária: luz, luz que ilumine o espírito, luz espiritual. Esta luz está sendo derramada pela face da Terra no correr do século XX. Mas, como os que não a buscarem não a encontrarão, é necessário que se disponham todos a procurá-la nos mananciais do Racionalismo Cristão, onde, em abundância, é ela encontrada.

Todos têm na vida as mesmas possibilidades e os mesmos direitos espirituais, por serem partes integrantes de uma só Natureza Espiritual. Mais do que em qualquer outra ocasião nos séculos anteriores, está sendo reavivada nas mentes humanas, e com a ajuda da ciência, a consciência do poder eterno e da realidade do ego.

CONCLUSÃO

O grande objetivo desta série de estudos sobre aspectos da vida real foi contribuir para a formação de um critério concludente acerca da necessidade, que todos têm, de firmar-se na Terra, com fundamento em sólidas bases racionais de entendimento cristão.

Sempre se diz, e se repete, que viver todos vivem, mas o difícil está em saber-se viver. É de esperar-se, pois, que ao dar-se por concluída esta obra, tenha-se conseguido fortalecer a convicção de que, para viver-se bem, há necessidade de se instaurarem na vida normas e princípios dentre os que se acham dispersos nas páginas desta coletânea de extratos doutrinários.

Os princípios de ilibada conduta não são, muitas vezes, introduzidos na prática das relações diárias, por não se lhes dar um cunho maciço de imperiosa cristalização.

Acontece que há aqueles que por haverem infringido a moral cristã, se sentem desacreditados para assumir, depois, atitudes de maior respeitabilidade. Para desviar-se, porém, do caminho das sombras e seguir a jornada com passo firme pela estrada ampla e iluminada da vida, é sempre tempo.

Outros há que temendo a sociedade, por estarem filiados a um grupo notadamente profano, habituaram-se a um convívio frívolo, de conversas vãs, de divertimentos perniciosos, e deixam-se, então, arrastar pelo curso da vida, sem protesto, sem reação, por mero comodismo.

Entre esses, há almas que poderiam sacudir a poeira da resignação indolente, para darem à própria consciência a satisfação, que ela espera, de compenetração ao bom uso que deveriam fazer de suas reservas morais. Falta-lhes talvez um estímulo, uma palavra amiga, uma expressão inspirada para que caiam em si, desenvolvendo forças adormecidas, em favor de uma alvorada redentora.

Os livros Racionalistas Cristãos clamam, em seus ensinamentos, pelo uso do raciocínio, pela pesquisa desapaixonada, pela sinceridade na apreciação dos fatos e argumentos, a fim de que suja, desse exercício, a luz do esclarecimento.

Todos os temas desenvolvidos neste trabalho voltam-se para o lado da espiritualidade, que é a fonte emanante da verdade em que se refletem a ciência e a sabedoria, sabido como é que sem a presença desses dois

atributos espirituais na composição da vida terrena, a espiritualidade não se manifestaria.

Nestas condições, ninguém, se exima de procurar a Verdade para com ela firmar-se, reter a sabedoria e, ainda com ela, entrar no domínio da ciência. No setor da filosofia, procura o Racionalismo Cristão fazer prevalecer a Verdade sobre todos os embustes em que se vê envolvida a humanidade explorada.

Esta é uma das conclusões a que deveriam ter chegado os estudiosos que estão terminando esta leitura. Não houve, é certo, o menor intento de recriminar ninguém. Ficou bem claro que cada qual deverá seguir o caminho que mais lhe agrade, sem receio de que possa haver condenação eterna.

O que esta obra expressa é o desejo sincero de aumentar a legião daqueles que mais depressa irão usufruir os benefícios de uma existência futura, venturosa, mesmo que tenham de voltar à Terra para uma nova experiência em corpo físico.

Toda mensagem que a Doutrina endereça ao leitor amigo é de fraternidade, de amor cristão, e é oferecida sem segundas intenções, sem laivo de egoísmo, toda voltada para o bem do próximo, para a felicidade do ser afim, co-participante da evolução universal.

Nesta linguagem franca e simples, em que se reconhece a igualdade de todos, não pode haver lugar para um sentimento que não seja envolvente e de confraternização.

Reconhecida a lei das reencarnações, não se pode, diante dela, menosprezar a posição desfavorável de ninguém no mundo, porque todos os que nele se encontram, hoje, em melhor estado, já estiveram, em vidas pregressas, na mesma ou em pior situação, e poderão, ainda, voltar àquela mesma ou ainda pior condição, se não se puserem sintonizados com as realidades espirituais.

Assim entendendo, podem ficar seguros os leitores estreantes nestes assuntos, de que as lições absorvidas do Racionalismo Cristão, levam a criatura a considerar, respeitosamente, todos os seres nas suas variadas experiências.

Com muitas obras se apresenta a Doutrina Racionalista Cristã e, por certo, em cada uma delas, novos cenários são revelados ao estudioso.

É necessário compreender que pode uma fração dos conceitos gerais apresentados numa coletânea como esta, não abranger tudo quanto a alma sequiosa de conhecimentos procura, e, neste caso, o conselho que se

poderá dar é o de prosseguir na pesquisa, no estudo, até alcançar a satisfação almejada.

É incontestável que aqueles que hoje fazem parte da comunidade Racionalista Cristã, encontraram naquele ambiente a única explicação para as suas antigas dúvidas e incertezas, e uma vez afastadas e eliminadas, puseram-se em boas condições para retificar o traçado da vida, de forma a satisfazer as suas exigências. Esta é uma recompensa que não tem preço e pode ser exposta, com segurança, como testemunho da verdade.

Muitos dos que aportam às Casas Racionalistas Cristãs, tangidos pela dor, pela desgraça, pela desesperança e pela descrença, foram esclarecidos pelo estudo atencioso das obras divulgadas pela Instituição, e são hoje criaturas valorosas e dignas, úteis à coletividade e à família, pelo conhecimento que obtiveram, o qual lhes abriu um novo panorama de confiança no futuro e possibilitou-lhes dar ao presente uma orientação racional e ativa, coletora de ponderáveis benefícios.

Oxalá, pois, tenha o leitor atento encontrado nestes escritos meios de formular uma conclusão satisfatória, no sentido de pulverizar alguma imagem que, eventualmente, lhe haja dificultado a compreensão do que se vê exteriorizado.

Se não houvesse uma convicção bem nítida de que a humanidade precisa raciocinar e meditar sobre as verdades disseminadas pelo Racionalismo Cristão para a sua recuperação moral, não valeria a pena perder tempo e trabalho em editar tantas obras que, afinal, não são escritas para produzir lucros monetários.

Os esclarecimentos que se alcançam com estes estudos, levam o indivíduo, qualquer que seja ele, a não guardar só para si o que aprendeu, e por isso cumpre o dever cristão de transmitir ao semelhante, com boa-vontade, aquilo que puder dizer de verdadeiro, útil e ignorado para que a luz se faça em todos os espíritos. Este é um postulado de cristianismo puro.

A Bíblia foi escrita numa época em que a evolução geral no planeta era consideravelmente menor, e naquele tempo certas coisas podiam ser ditas e merecer crédito, mas hoje cai no ridículo quem pretender sustentar a maioria das suas proposições.

Além disso, o véu que separa a humanidade deste para o outro lado da vida, não havia sido ainda rompido, razão por que a imaginação tinha de trabalhar à solta e compor imagens fantasiosas que nos dias presentes não se podem mais sustentar.

Ninguém pretende que acreditem piamente em tudo, mas que investiguem, estudem e concluam à luz da razão, do bom-senso e da lógica. A sentença do “crê ou morre” é hoje uma farsa inexpressiva. Todos têm o dever de raciocinar, de deduzir, de tirar lições concludentes, e bem fundamentadas.

Não há sabedoria nos religiosos que crêem em Deus, só porque os outros dizem que ele existe; crer na Inteligência Universal é senti-la na Natureza, é senti-la cada um em si próprio, é encontrar a razão da sua existência nas provas da sua ação.

Tudo quanto no Racionalismo Cristão se escreve tem um único fim, que é o de levar ao próximo conhecimento adquirido da face real da vida. Nada se quer impor, contrariando crenças arraigadas. A natureza não dá saltos, e o fruto só amadurece no devido tempo; logo, não se vai forçar um amadurecimento que há de vir em tempo oportuno, nem se pretender que o indivíduo que não está maduro para certa aprendizagem, esteja disposto a recebê-la.

Por isso, a questão espiritual é tratada com as máximas amplitude e condescendência, não havendo, repita-se, a menor intenção de desviar os crentes das suas crenças. Estes escritos são destinados àqueles que podem já esposar outras idéias de sentido mais dilatado, no campo das investigações espirituais.

Os que assim se mostrarem preparados, hão de tirar o competente proveito e servir-se deste veículo, a aprendizagem, para ascender a planos mais altos. Não há privilégio numa marcha ascensional. Todos tomarão parte nela, apenas com diferenças de tempo ou épocas.

O Racionalista Cristão é uma alma fraternal que não repudia ninguém por diferença de raça ou por idéias religiosas; ele é amigo, indistintamente, de católicos ou protestantes, espíritas ou ateus, porque o que vale no indivíduo não é, aquilo em que ele crê, mas a limpidez da sua alma, a sua dignidade pessoal, a maneira de respeitar o seu semelhante e os exemplos elevados na sua vida de relação.

Os leitores das obras Racionalistas Cristãs, podem, assim, sentir-se à vontade, certos de que não serão molestados com imprudentes catequeses, como se faz por aí, quando se quer tirar proveito material de aliciamentos.

O indivíduo que caminha forçado torna-se um ser inconformado, desambientado, e, na primeira encruzilhada, desaparece, dando mau exemplo.

No Racionalismo Cristão pugna-se pela qualidade, e não pela quantidade, sabido como é que na terra poucos são aqueles que se mostram desejosos e inclinados a participar das festas espirituais; a maioria anda muito terra a terra, preocupada com os manjares opíparos que regalam os sentidos.

Está esse grupo errado em relação àqueles que deixaram a bagagem gozadora para trás, mas relativamente certo para aqueles que nessa maioria pensam da mesma maneira. Neste mundo imperam as relatividades.

De qualquer forma, as obras Racionalistas Cristãs continuam procuradas, cada vez em número maior, porque enquanto uns partem desta vida, outros voltam, e cada vez maior interesse vai havendo pelas coisas do espírito.

Muitos dos que ascendem aos seus mundos, após a desencarnação, não podem justificar ali a sua ignorância com relação aos Princípios espirituais pelos quais não se interessaram quando encarnados, e tudo farão para que não lhes suceda, ao voltarem, serem outra vez envolvidos pelas ondas da negligência e do descaso.

Em todas estas advertências, está o aviso alertante de quem já atravessou longas caminhadas pelos vales inóspitos da experiência e pode, hoje, depois de sucessivas reencarnações, em milhares de anos decorridos, escrever, com convicção, acerca das verdades que o Racionalismo Cristão proclama.

Sabe-se no Racionalismo Cristão que as perspectivas não são risonhas para aqueles que se descuidarem, no presente, da vida futura. Daí a necessidade de cada um cuidar melhor de si, pesando as suas responsabilidades e delas adquirindo maior consciência.

Esse resultado será conseguido com leitura e meditação, urgindo não descurar dessa prática, que deverá fazer parte integrante da vida. As obras editadas pelo Centro Redentor, inclusive “Racionalismo Cristão” devem ser estudadas diariamente, meditando-se muito sobre os ensinamentos ali contidos.

Os leitores deste livro demonstraram, ao chegar a este capítulo final, um interesse louvável, que partiu do interior das suas almas, de encontrar algo do que se acha por trás da cortina física. Inegavelmente trata-se de criaturas que estão ganhando terreno no campo da evolução. É de regozijar-se com tal fato, por saber-se que tem uma repercussão favorável nos planos mais altos da hierarquia espiritual.

O Astral Superior, ao lançar na Terra a sua Doutrina Racionalista Cristã, o fez com o propósito de que ela fosse encontrada por seres amadurecidos para o espiritualismo, e sabia, como sabe, quais são esses. Convém, assim, não perder a oportunidade que passa, pois talvez não volte tão cedo, de anotar cada um que a tenha encontrado, as suas advertências, os seus esclarecimentos e ensinamentos.

Uma vez que esse acontecimento não é produto do acaso, mas tem as suas raízes submersas no passado e significa o reflexo de procedimentos anteriores, recentes ou remotos, então mais uma razão para que a criatura medite, com seriedade, sobre o assunto.

Aqueles que aspiraram determinados objetivos que só podem ser alcançados com conhecimento espiritual, não devem estranhar que esse conhecimento lhes venha ao encontro, para depois desdobrar-se o cenário objeto dos seus anseios, formulados em alguma ocasião.

Há épocas em que a aspiração por uma elevação maior da alma se manifesta mais intensa do que em outras, em decorrência do meio em que o indivíduo vive, dos dramas que o envolvem e de outros fatores psicológicos, mas com a aspiração elevada, estão sempre presentes os desejos de uma vida melhor, e esta pode ser conseguida conduzindo-se a criatura pelo caminho da espiritualidade.

Pode ser afiançado, com segurança, que o estado moral da criatura que tenha procedido na vida segundo as regras da moral cristã, difundidas pelo Racionalismo Cristão, é, ao chegar ao seu Mundo de Luz, dos mais confortadores, e todos poderão obter essa conquista para a sua felicidade, a qual só poderá ser completa quando for participada pelos demais membros do seu grupo; para isso, cada um deles terá de fazer a sua parte, decididamente, com a compreensão clara dos seus profícuos resultados.

Neste livro pretende-se trazer uma pequena contribuição para tal fim, e todos os esforços estarão compensados, se esse objetivo for atingido, mesmo parcialmente. É que outros escritos da Instituição, aliados a esclarecimentos orais que são feitos, farão o mais, apresentarão argumentos sólidos para dirimir todas as dúvidas e assim concorrer para o fortalecimento de convicções sadias e verdadeiras, capazes de imprimir rumos de êxitos sucessivos àqueles que se dispuserem a plantar para colher no campo fértil das disciplinas espiritualistas.

